

**Colégio Betta – Educação Infantil, Ensino
Fundamental, Médio e Profissional**

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

2015

| | | |
|-----|--|-----------|
| | TÍTULO I | |
| | INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 | Introdução | 7 |
| 1.2 | Identificação | 9 |
| 1.3 | Fundamentação Legal | 9 |
| | TÍTULO II | |
| | HISTÓRICO DA ESCOLLA BETTA | 11 |
| 2.1 | Característica da Comunidade | 12 |
| | TÍTULO III | |
| | DIAGNÓSTICO DO ESTABELECIMENTO | 12 |
| 3.1 | A Instituição de Ensino e o seu Meio | 12 |
| 3.2 | Organização Escolar: Tempo e Espaço | 15 |
| 3.3 | Recursos Físicos | 15 |
| 3.4 | Recursos Pedagógicos e Tecnológicos | 16 |
| 3.5 | Recursos Humanos | 17 |
| | TÍTULO IV | |
| | OFERTA DE CURSOS E TURMAS | 18 |
| 4.1 | Organização Curricular | 18 |
| 4.2 | Educação Infantil | 18 |
| 4.3 | Do Ensino Fundamental e Médio | 19 |
| 4.4 | Matriz Curricular do Ensino Fundamental | 20 |
| 4.5 | Matriz Curricular do Ensino Médio | 21 |
| 4.6 | Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio | 21 |
| | TÍTULO V | |
| | EDUCAÇÃO ESPECIAL | 23 |
| 5.1 | Inclusão no Colégio Betta | 23 |
| 5.2 | O Significado de inclusão para o Colégio Betta | 24 |
| 5.3 | Diversidade Sexual | 25 |
| 5.4 | Cultura Afro Brasileira e Indígena Lei 1645/08 | 26 |
| | TÍTULO VI | |
| | MISSÃO E OBJETIVOS DO COLÉGIO | 27 |
| 6.1 | A Missão do Colégio | 27 |

| | | |
|-----|--|----|
| 6.2 | Finalidades e Objetivos da Instituição | 27 |
| 6.3 | Os Objetivos do Colégio | 28 |

TÍTULO VII

| | | |
|-----|---|----|
| | HOMEM, CULTURA, SOCIEDADE E ESCOLA | 31 |
| 7.1 | O Homem | 31 |
| 7.2 | Concepção de Sociedade e de Cultura | 33 |
| 7.3 | Concepção de Sociedade | 36 |
| 7.4 | Concepção do conhecimento e da Educação | 37 |
| 7.5 | Concepção de Escola | 40 |
| 7.6 | Concepção de Cidadania | 41 |
| 7.7 | Concepção de Mundo | 43 |

TÍTULO VIII

| | | |
|-----|------------------------------------|----|
| | ENSINO E APRENDIZAGEM | 45 |
| 8.1 | Concepção de Ensino e Aprendizagem | 45 |
| 8.2 | Tecnologia | 46 |
| 8.3 | Alfabetização e Letramento | 47 |
| 8.4 | Concepção de Infância | 51 |
| 8.5 | Concepção de Criança | 52 |
| 8.5 | Concepção de Educação Infantil | 53 |

TÍTULO IX

| | | |
|-----|------------------------------|----|
| | FUNDAMENTOS ÉTICOS POLÍTICOS | 54 |
| 9.1 | Respeito | 54 |
| | a) Compreensão | 56 |
| | b) Identificação | 56 |
| | c) Reconhecimento | 56 |
| 9.2 | Justiça | 57 |
| 9.3 | Solidariedade | 59 |
| 9.4 | Interação e Cooperação | 61 |

TÍTULO X

| | | |
|------|-----------------------------|----|
| | FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS | 63 |
| 10.1 | Teoria de Vigotsky | 63 |

TÍTULO XI

| | | |
|--|--------------------------|----|
| | PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS | 66 |
|--|--------------------------|----|

| | | |
|-------|---|----|
| 11.1 | Pressupostos da Educação | 66 |
| 11.2 | Diversidade | 67 |
| 11.3 | Identidade | 68 |
| 11.4 | Autonomia | 69 |
| 11.5 | Interdisciplinaridade | 71 |
| 11.6 | Contextualização | 74 |
| 11.7 | Estética da Sensibilidade Política da Igualdade | 79 |
| 11.8 | Estética Da Sensibilidade | 79 |
| 11.9 | Política da Igualdade | 81 |
| 11.10 | A Ética da Identidade | 84 |
| 11.11 | Conteúdo | 87 |
| 11.12 | Currículo | 89 |
| 11.13 | Metodologia | 90 |

TÍTULO XII

| | | |
|------|---|-----|
| | AVALIAÇÃO E RECUPEÇÃO DE ESTUDOS | 90 |
| 12.1 | Concepção de Avaliação | 90 |
| 12.2 | Papel do Professor | 93 |
| 12.3 | Relação Diretor – Professores | 99 |
| 12.4 | Melhorando a Relação com a Comunidade Escolar | 100 |

TÍTULO XIII

| | | |
|------|---|-----|
| | COLÉGIO, FAMÍLIA E COMUNIDADE | 102 |
| 13.1 | O Colégio e a Família | 102 |
| 13.2 | O Colégio como Espaço de Convivência | 104 |
| 13.3 | Atividades Integradoras | 104 |
| 13.4 | Relação com a Comunidade | 105 |
| 13.5 | Atividade de Envolvimento da Comunidade | 106 |

TÍTULO XIV

| | | |
|------|--|-----|
| | EQUIPE PEDAGÓGICA | 108 |
| 14.1 | Área da Pedagogia | 108 |
| 14.2 | Aluno | 109 |
| 14.2 | Disciplina | 110 |
| 14.3 | Tratamento e Ações Aplicadas a Indisciplinas | 112 |

TÍTULO XV

| | | |
|--|---------------|-----|
| | ADMINISTRAÇÃO | 114 |
|--|---------------|-----|

| | | |
|-------|--|-----|
| 15.1 | Administração Escolar | 114 |
| | TÍTULO XVI | |
| | BIBLIOTECA | 118 |
| 16.1 | Biblioteca | 118 |
| | TÍTULO XVII | |
| | LABORATÓRIO | 119 |
| 17.1 | Laboratório | 119 |
| | TÍTULO XIII | |
| | PROPOSTAS DE AÇÃO DA ESCOLA | 121 |
| 18.1 | Proposta de Ação da Escola | 121 |
| | TÍTULO XIX | |
| | DA CLASSIFICAÇÃO E DA RECLASSIFICAÇÃO | 123 |
| 19.1 | Do Processo de Classificação | 123 |
| 19.2 | Do Processo de Reclassificação | 124 |
| 19.3 | Da Progressão Parcial | 125 |
| | TÍTULO XX | |
| | PROJETOS INTERDISCIPLINARES | 126 |
| 20.1 | Trabalho com Jornal | 126 |
| 20.2 | Produtos Naturais e Industrializados | 127 |
| 20.3 | Foto Poesia | 129 |
| | TÍTULO XXI | |
| | PROJETOS | 130 |
| 21.1 | English Is Everywhere | 130 |
| 21.2 | We Can Read It | 130 |
| 21.3 | Role - Plays | 130 |
| 21.4 | Pen-Pal | 131 |
| 21.5 | Sing a Song | 131 |
| 21.6 | Mini Sociedade Aprendizado de Economia | 131 |
| 21.7 | Lixo Que Não é Lixo | 133 |
| 21.8 | Meio Ambiente | 134 |
| 21.9 | Desenvolvendo a Cidadania | 135 |
| 21.10 | Meio Ambiente Consciência da Cidadania | 136 |

| | | |
|-------|----------------------------|-----|
| 21.11 | Plantas Medicinais | 137 |
| 21.12 | Resgatando Valores | 137 |
| 21.13 | Orientação Sexual | 138 |
| 21.14 | Combate ao Fumo | 139 |
| 21.15 | Noite Alternativa | 140 |
| 21.16 | Desenvolvendo Competências | 141 |
| 21.17 | Viajando Pelo Brasil | 142 |
| 21.18 | Turismo | 144 |
| 21.19 | Foz do Iguaçu e o Turismo | 145 |
| 21.20 | Drogas | 146 |

TÍTULO XXII

ESTÁGIO, FORMAÇÃO E PPP

| | | |
|------|-------------------------|-----|
| | | 147 |
| 22.1 | Estágio Não Obrigatório | 146 |
| 22.2 | Formação Continuada | 148 |
| 22.3 | Avaliação do PPP | 149 |

TÍTULO XXIII

REFERÊNCIAS E ANEXOS

| | | |
|------|-------------------------|-----|
| | | 150 |
| 23.1 | Referências | 150 |
| 23.2 | Calendário Escolar 2015 | 155 |

TÍTULO I

INTRODUÇÃO

1 Introdução

“ O sonho que se sonha só é um sonho que sonha só, o sonho que sonha junto, é realidade”

(Raul Seixas)

A Proposta Pedagógica do Colégio Betta – Educação Infantil e Ensino Fundamental – oferece estrutura e organização que dá suporte ao desenvolvimento pedagógico, político, social e cognitivo do educando, visando assim a melhoria do ensino e despertando o interesse do aluno, que buscará em sua prática cotidiana instrumentos que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos na sociedade atual.

O foco central da atividade será a busca de unidade entre ação pensamento, entre discurso e prática, entre concepção e vida, dando possibilidade ao aluno de pensar, agir, conhecer, conviver e ser em todas as modalidades de ensino.

O Colégio oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental e a partir de dois mil e dois (2002) o Colégio implantou de forma gradativa o Ensino Médio Regular e a Educação de Jovens e Adultos a nível Médio.

O professor construirá o conhecimento partindo da realidade do aluno, pois é partindo desta realidade que se deverá nortear o seu trabalho, sua ação pedagógica, levando-o a pensar todos os detalhes de sua prática escolar, articulando-as com vista a possibilitar a apropriação do conhecimento científico - tecnológico que presidem na produção moderna de bens, serviços e conhecimentos, tanto em seus produtos como em seus processos de modo a ser capaz de relacionar a teoria com a prática e o desenvolvimento da flexibilidade para novas condições de ocupações ou aperfeiçoamento posteriores pelo aluno, bem como a articulação da concepção de mundo coerente com seus interesses de classe.

Cabe aos educadores possibilitar o acesso ao conhecimento, adotando metodologias de ensino diversificadas que estimulem a construção deste conhecimento, mobilize o raciocínio a experimentação, a solução de problemas; desenvolver outras competências cognitivas superiores a uma concepção de mundo homogênea, elaborada, sintetizada, clara

e consentânea com os interesses de classe do aluno da escola particular.

O saber escolar é que vai dar ao homem a sustentação da formação para o trabalho, à sua vida, ao seu ser cidadão, reconhecendo que as situações de aprendizagem provocam também sentimentos e requerem trabalhar a afetividade do indivíduo. Nesse sentimento o encaminhamento deve ser abrangente, garantindo que esse saber ativamente assimilado pelo aluno.

O trabalho da educação deverá estar fundamentado nos princípios da estética da sensibilidade, da política da igualdade e da ética da identidade.

A política da igualdade deverá ser praticada na garantia da igualdade e de diversidade de tratamento dos alunos e dos professores, para aprender a ensinar os conteúdos curriculares.

A ética da identidade tem como fim mais importante a autonomia. Esta condição é indispensável para a construção de juízos, de valores e a realização de um projeto de vida. É ancorada na Ética, incorporando a Estética e a Política, possibilitando assim, construir uma pedagogia de qualidade, integradora e potencializadora da tensão de finalidades para a formação básica comum, para o trabalho e para as demais tarefas da vida.

Para que exista uma escola de qualidade o currículo deverá ser trabalhado na interdisciplinaridade e contextualização.

Através das várias possibilidades de organização pedagógica, espacial, temporal, de articulação e parcerias com outras instituições públicas e privadas, abertas pela LDB, têm-se condições de formar, criar, desenvolver, com participação da equipe docente e da comunidade, alternativas institucionais com identidade própria, baseadas na missão da educação de crianças e adolescentes.

O sistema deverá fomentar sempre que possível, na sua organização curricular, uma ampla diversificação dos tipos de estudos disponíveis, estimulando alternativas que, a partir da base comum, ofereçam opções de acordo com as necessidades de seus alunos e das demandas do meio social.

A diversificação será acompanhada de sistemas de avaliação que permitam o acompanhamento permanente dos resultados, tomando como referências as competências básicas a serem alcançadas por todos os alunos.

Com base na autonomia aferida na Lei 9394/96, é que a escola buscará de todas as formas possíveis, garantirem condições para que os professores aprendam a aprender e continuem aprendendo. Para autonomia, a informação é condição de transferência da gestão educacional e clareza da responsabilidade pelos resultados.

A Proposta Pedagógica fará o melhor equacionamento possível entre recursos humanos, financeiros, técnicos, didáticos, físicos, que garantiram tempo, espaço, situação de interação, forma de organização da aprendizagem, inserindo a escola no seu ambiente social, promovendo a aquisição de conhecimentos, competências e valores previstos na lei.

Com base na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e Educação Básica deixa de ser fragmentada e isolada no processo ensino - aprendizagem, que vai aumentar o quanto mínimo da cultura e das tecnologias que são o domínio completo desse saber. Sendo assim, com toda certeza se estará formado um homem, um cidadão, um ser humano com uma visão geral das ciências e tecnologias e, por que não dizer, do mundo.

1.2 IDENTIFICAÇÃO

COLÉGIO BETTA Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Profissional.

Localizado na Rua Porto Alegre n.º 144,

Bairro Jardim Laranjeiras,

Cidade de Foz do Iguaçu,

CEP: 85868-000

Paraná,

Brasil.

Telefone: (45) 3524-9727

E-mail: betta@beta.com

1.3 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

Este documento sintetiza as orientações básicas para o encaminhamento da Proposta Pedagógica da Escola.

A documentação escolar está de acordo com a Lei 9394/96 que estabeleceu as Diretrizes e Bases de Educação Nacional, prevendo que os Estados, Distrito Federal e os Municípios estarão incumbidos de estabelecer de forma colaborativa, competências e diretrizes para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum, quer à escola pública ou particular.

Além disso, a própria LDB, da às diretrizes que estabelecem a educação básica como um todo fixa diretrizes específicas para estes currículos.

Os Pareceres do CNE 04/98, 22/98, 15/98 e 4/2000, as Deliberações do CEE 03/99, 14/99, 05/98, 07/99 e a 08/2000, a indicação do CNE 03/98, os Referenciais Curriculares da Educação Infantil, os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental e Médio, o Estatuto da Criança e do Adolescente a Constituição Federal atual fundamentam a base legal desta Proposta Pedagógica.

No seu capítulo II, a LDB dá conteúdo concreto ao caráter da educação, estabelecendo suas finalidades e conceituando-o como o coroamento da formação a que todos têm direito para continuar estudando e aprendendo, para trabalhar e para pertencer automaticamente à comunidade local e nacional.

De forma cooperativa professores e dirigentes programam e estabelecem doutrinas pedagógicas coerentes, que não ignoram o operativo, preparando os educadores para vencerem toda e qualquer precariedade.

E foi assim, com o objetivo de clarear as finalidades, conjugar esforços e boa vontade para superar conflitos, comungando de valores comuns, que professores, equipe técnica e diretiva da Escola organizam, de forma cooperativa e conjunta, as principais linhas que formam esta Proposta Pedagógica, comungando valores, discutindo peculiaridades, desenvolvendo projetos que poderão, com o devido aperfeiçoamento, acontecer durante os próximos dez anos, numa perspectiva inovadora e arrojada.

A sociedade sofre modificações rápidas e intensas em todos os setores da atividade humana. Pensando assim é que a família conjuga esforços propiciando uma comunhão de valores que visa, com maior intensidade, a formação integral dos alunos.

TÍTULO II

HISTÓRICO DO COLÉGIO BETTA

O COLÉGIO BETTA (Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio) está localizado na Rua Porto alegre n.º 144, Bairro Jardim Laranjeiras, na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná.

O colégio iniciou suas atividades no ano 1993 autorizado pela resolução n.º 2214/93 com denominação Dumbo ofertando a educação infantil.

Diante da procura pela comunidade foi necessária ampliação do prédio fornecendo de forma gradativa o ensino fundamental atendendo atualmente 580 alunos.

A partir da data de 01 de outubro de 1998, ocorreu a mudança de nomenclatura do estabelecimento de ensino passando a ser denominada Escola Betta. Educação infantil e Ensino Fundamental cujo amparo legal é a própria lei n.º 9394/96 e a deliberação n.º 0031/98-CEE conforme o artigo 10.

Ao final do ano de 2006, frente a necessidade de atender a alteração na LDBEN n.º 9394/96, em seus artigos 6º, 32 e 87, ocorrida pela Lei Federal n.º 11.274 de 06/02/2006, a Resolução n.º 3 de 03/08/2005 da CNEB, a Deliberação n.º 03/06-CEE, foi enviado para aprovação, a implantação de forma Simultânea do Ensino Fundamental de 9 anos, o qual foi deferido em 2007 e implantado a partir de 2008, atualmente tem seu reconhecimento pela Res. 277/2014 para funcionamento do Fundamental I e II, assim como a Resolução 4442/2014, para funcionamento do Ensino Médio e a Resolução 3708/2011 para funcionamento do Curso Técnico em Informática.

O estabelecimento tem por finalidade ministrar a Educação Infantil, Fundamental, Médio e Profissional, atendendo a legislação e normas específicas da LDB 9394/96, de acordo com os princípios psicopedagógicos e filosóficos que norteiam a sua ação educativa, valorizando a ética, a formação de atitudes.

A Instituição esta informatizada e acredita que a mais importante lição aprendida, na prática e no dia-a-dia escolar, foi a de que, para se construir uma escola com qualidade e excelência, são necessários três elementos fundamentais: bons professores, metodologia avançada e material didático que proporcione dinamismo ao processo educativo.

A escola está conveniada com o Sistema Educacional UNO Internacional, devido ao fato de trabalhar com o conteúdo

e desenvolver modalidades de pensamento bastante específicas, tem um papel diferente e insubstituível na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada.

A comunidade Escolar desta instituição deseja formar alunos autores e futuros empreendedores e acredita que só será possível sonhar numa sociedade onde caibam todos, se também nossos modos de conhecer conduzirem a uma visão do mundo na qual caibam muitos mundos do conhecimento e do comportamento. A escola se confronta com essa apaixonante tarefa de formar seres humanos, para os quais a criatividade, a ternura e a solidariedade sejam, ao mesmo tempo, desejo e necessidade.

2.1 Característica da Comunidade

A comunidade escolar do Colégio Betta se caracteriza como classe média. No que diz respeito aos pais estes participam dos eventos escolares se envolvem nas diversas atividades ofertadas durante o ano letivo.

Os alunos são oriundos de diversos bairros da cidade de Foz do Iguaçu e de Santa Terezinha de Itaipu.

Mais de cinquenta por cento dos alunos utiliza transporte para vir no colégio.

No que se refere aos processos de gestão e administração da escola implica uma ação coordenada da direção, coordenação pedagógica e professores, cada um cumprindo suas responsabilidades no conjunto da ação escolar.

Ressalta-se que no Colégio Betta o trabalho docente requer responsabilidade em educar com qualidade, direcionando os alunos ao exercício da cidadania mediando conteúdos científicos, fazendo reflexões que irão contribuir para as mudanças na sociedade que os levem a participar, sabendo se posicionar frente às ideias que possibilitam a qualidade de vida social.

TÍTULO III

DIAGNÓSTICO DO ESTABELECIMENTO

3.1 A Instituição de Ensino e o seu Meio

Vivemos num contexto de grandes transformações que influenciam o homem que se vê diluído nas concepções e paradigmas deste final de milênio.

A revolução tecnológica contribui para a criação de novas concepções culturais e científicas e novas formas de convivência humana.

Somos uma sociedade consumista onde as marcas e as tecnologias avançadas se projetam. A mídia explora a falta de cultura e de educação do povo visando o exibicionismo e o consumo, valorizando mais o ter ao invés de ser.

A violência preocupa e os meios de comunicação a instigam; ela está inserida nesse meio e na desestruturação familiar. A necessidade de sobrevivência e a falta de valores e sentimentos aumentam a violência.

As necessidades iniciais que pudemos identificar referem-se à preparação e qualificação para o mercado de trabalho. No segundo ciclo do ensino fundamental (1º ao 9º ano) se percebe que os alunos têm grandes dificuldades nas operações básicas do conhecimento como leitura e escrita. As deficiências em decorrência do pouco acesso a leitura podem ser notadas em várias disciplinas por causa dos desdobramentos percebidos na dificuldade de interpretação de textos e construção de significados. Ainda assim não devemos subestimar a capacidade do nosso aluno de compreensão de mundo e, partindo do seu potencial, poderemos ampliar seus horizontes.

Quanto à qualificação para o mercado de trabalho ainda notamos que os nossos alunos necessitam de orientação com relação às habilidades específicas profissionais, tais como conhecimentos básicos de preenchimento de formulários, atendimento ao público, noções de serviços gerais administrativos e a capacidade de tomar decisões demonstrando iniciativa e independência.

Frente a essas mudanças nas relações humanas e na situação sócio-econômica do país e conseqüentemente do Jardim Laranjeiras, torna-se necessário traçar novos caminhos para a educação para formarmos indivíduos pensantes, qualificados, idôneos e deixarmos de apenas reproduzir indivíduos para a indústria. Precisamos praticar uma pedagogia sócio-interacionista onde o indivíduo confronta os seus conhecimentos com a realidade buscando a transformação.

Faz-se necessário estimular a crítica e expor as contradições no sistema educacional visando à mudança através da conscientização.

Criar novos valores, resgatar os antigos, oportunizar a participação da comunidade, tornar o ambiente escolar agradável ao aluno, resgatar os valores da família, da cidadania, da ética, da moral e dos bons costumes são as metas nessa caminhada.

Como afirma Aristóteles, “o ser humano é essencialmente social e por isso, articulador de sua sociabilidade ”(Política, I, 1252a e 1252b, 13-4). É necessário formar o indivíduo para diversos campos e áreas de trabalho contribuindo para a construção de sua identidade cultural e de sua personalidade.

O homem deve ser consciente, sábio e criativo, saber viver bem consigo mesmo, como o próximo e com a natureza.

Sendo um ser aberto ao diálogo, o homem terá capacidade para descobrir novidades e optar entre elas, enquanto que um ser fechado não busca seu desenvolvimento.

Como educadores, se pode orientar este ser na sua formação como cidadão crítico, possibilitando-lhe liberdade de expressão e o desenvolvimento de suas aptidões, bem como o exercício de sua cidadania.

Interagindo como agente transformador da sociedade, ele buscará o bem-estar, a saúde, as relações harmoniosas com o meio e com o próximo e contribuirá com a ordem democrática.

A comunidade precisa reconhecer também o valor da escola e da educação para a transformação. Os pais deveriam incentivar mais os seus filhos e acompanhá-los nas suas atividades escolares. Constatamos, então, a necessidade da conscientização dos pais em perseguir ideais menos imediatos e a importância de promover uma maior integração entre pais e comunidade escolar.

Sabe-se, porém que a comunidade tem muito a contribuir com o todo o processo de ensino promovido pela escola. Muitos pais têm habilidades técnicas e profissionais que podem compartilhar com os alunos em palestras e reuniões. O conhecimento potencial da comunidade não pode ser desprezado, muito menos a força produtiva que os pais, quando bem motivados, também podem apresentar. Com relação a este aspecto verificamos que os pais correspondem além das expectativas quando motivados e valorizados em sua participação.

Finalmente, aprendemos ao longo destes sete anos de trabalho com a comunidade que o potencial que ela nos proporciona é maior do que as dificuldades que ela apresenta. Sentimo-nos, então, desafiados a contribuir com o crescimento desta comunidade através de uma aproximação cada vez maior entre os membros da comunidade escolar e os membros da comunidade em geral.

3.2 Organização Escolar: Tempo e Espaço

O Colégio Betta oferta Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Uma matrícula total de 480 alunos, com 15 turmas em 2 turnos.

No que diz respeito ao Ensino Fundamental de Nove Anos o mesmo foi ofertado gradativamente.

Cumprindo o calendário escolar de duzentos dias letivos e oitocentas e quarenta horas anuais.

Sua dimensão espacial é vivida em acontecimentos que se desenrolam em seus tempos e ritmos:

- Tempo para estudar,
- Tempo para aprender matemática,
- Tempo para brincar,
- Tempo para planejar,
- Tempo para sorrir.

O Colégio Betta seguindo os princípios legais ampliou o tempo de duração de permanência dos alunos no ensino fundamental e oferece maiores oportunidades de aprendizagem no período de escolarização obrigatória, com ingresso mais cedo no sistema de ensino para garantir a antecipação do processo de alfabetização formal dos alunos.

O Ensino Fundamental de nove anos no Colégio Betta constitui-se num processo de fabricar a vida e um espaço de articulação das mentes (e não só dos corpos), das emoções e dos desejos das crianças, estabelecendo uma relação concreta entre a cultura da escola e a cultura local.

3.3 Recursos Físicos

A estrutura do Colégio Betta está inteiramente integrada aos objetivos da Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio, onde proporcionamos ao educando condições de ampliar suas experiências e valorização dos seus saber, dando-lhe oportunidade de compreender e transformar o mundo as relações em que vive, de forma critica criativa.

Atualmente a Escola esta fisicamente constituída com 15 salas de aula, sendo: sala de vídeo, sala para a biblioteca, sala para laboratório de informática, sala para educação musical, sala para professores, secretaria, sala da direção, cantina, teatro, quadra poliesportiva coberta e descoberta, com arquibancada, laboratório de ciências, laboratório de Xadrez, todos os ambientes com banheiros para alunos e professores.

Nosso material pedagógico e lúdico é composto por:

- as salas de aula com projetor multimídia com acesso Web;
- televisores tela plana
- salão de festas e teatro com som ambiente
- as salas são todas climatizadas
- 06 impressora
- 4762 livros na Biblioteca
- 119 livros de literatura brasileira
- 23 mapas
- 62 dicionários (sendo de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Espanhola)

3.4 Recursos Pedagógicos e Tecnológicos

- 02 televisores
- 02 projetores
- 04 aparelhos de som
- 06 microfones
- 04 aplicadores de som
- 41 micros – computadores
- 06 impressoras
- 02 câmeras de vídeo internas
- 02 câmeras digitais
- 35 aparelhos de ar condicionado
- 20 bolas de futsal

- 10 bolas de voleibol
- 01 rede para voleibol
- 05 jogos de tênis de mesa
- 04 mesas oficiais de tênis de mesa
- 38 ábacos
- 30 aros
- 02 materiais dourados grandes
- 10 materiais dourados pequenos
- 30 colchonetes
- 02 montanhas russas (jogos pedagógicos)
- 180 tables
- 35 dominós
- 30 quebra-cabeças
- 40 conjuntos de xadrez
- 30 relógios de xadrez
- 15 fantoches
- 01 casa de bonecas (madeira)
- 01 casa de bonecas de plástico
- Vários jogos pedagógicos adequados à idade das crianças.

O espaço lúdico é bem amplo, e bem ventilado possuindo nele um aquário, que comprovadamente torna o espaço precioso, com finalidade de distrair, acalmar e divertir as crianças. Possuímos também um pátio coberto com mesas e bancos para 30 lugares com tamanho proporcional ao aluno, para efetuar o lanche, num ambiente alegre e descontraído.

Nós da Escola Betta nos preocupamos com o bem estar moral e social do nosso educando, fazendo da nossa escola um local que tenha qualidade e excelência na Educação.

3.5 Recursos Humanos

O Colégio Betta possui no seu quadro Pedagógico 45 profissionais habilitados nos segmentos: Educação Infantil, Fundamental e Ensino Médio. Possui ainda uma diretora, duas coordenadoras pedagógicas, quatro inspetores, uma bibliotecária, quatro zeladoras, e quatro auxiliares administrativos, um gerente administrativo, três cozinheiras.

TÍTULO IV

OFERTA DE CURSOS E TURMAS

4.1 Organização Curricular

Com base no Art. 26 da Lei 9394/96 os currículos do Ensino Fundamental e Médio, terão uma base nacional complementada por uma parte diversificada que contemplarão a filosofia da escola e as Diretrizes da Proposta Pedagógica, aprovadas pela Secretaria de Estado da Educação.

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

- I. Os currículos a que se refere o caput devem abranger obrigatoriamente, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.
- II. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.
- III. A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativo nos cursos noturnos.
- IV. O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia.
- V. Na parte diversificada do currículo, será incluído o ensino da língua estrangeira Inglesa e Espanhola, dentro das possibilidades de Instituição.

A Educação Infantil será oferecida para crianças a partir de 04 meses até cinco anos de idade nas modalidades:

- Berçário (de 4 meses a 1 ano);
- Nível II (de 1 ano a 2 anos);
- Nível III (de 2 anos a 3 anos);
- Nível IV (de 3 anos a 4 anos);
- Nível V (de 4 anos a 5 anos);

4.2 Educação Infantil

De acordo com a LDB, a Educação Infantil, a primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e seu social, completando a ação da família da comunidade.

A avaliação do Ensino Infantil dar-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção por meio de Parecer Descritivo.

4.3 Do Ensino Fundamental e Médio

O Ensino Fundamental, com duração mínima de nove anos, far-se-á por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos e pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.

O fortalecimento dos vínculos da família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Art. 27 - Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

- I. A difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II. Considerações das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;
- III. Orientação para o trabalho;
- IV. Promoção de desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.

4.4 Matriz Curricular do Ensino Fundamental

Estabelecimento: Colégio Betta Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Entidade Mantenedora: Escola Betta Educação Infantil e Ensino Fundamental Ltda.

Município: Foz do Iguaçu Curso: 4000 N.R.E: Foz do Iguaçu

Ano de Implantação: 2012 - simultânea Duração: 04 anos

Módulos: 40 semanas Turno: Vespertino

| DISCIPLINAS | | ANO | | | |
|-------------|------------------------|-----|----|----|----|
| | | 6 | 7 | 8 | 9 |
| BNC | ARTE | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | CIÊNCIAS | 3 | 3 | 3 | 3 |
| | EDUCAÇÃO FÍSICA | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | ENSINO RELIGIOSO | 1 | 1 | | |
| | GEOGRAFIA | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | HISTÓRIA | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | LINGUA PORTUGUESA | 4 | 4 | 5 | 5 |
| | MATEMÁTICA | 4 | 4 | 4 | 4 |
| BNC | | | | | |
| | SUB-TOTAL | 19 | 19 | 19 | 19 |
| PD | INTRODUÇÃO A FILOSOFIA | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | L E M - ESPANHOL | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | LEM - INGLÊS | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | OFICINA DE XADREZ | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | REDAÇÃO | 1 | 1 | 1 | 1 |
| PD | | | | | |
| | SUB-TOTAL | 6 | 6 | 6 | 6 |
| | | | | | |
| | TOTAL GERAL | 25 | 25 | 25 | 25 |

Matriz curricular de acordo com a LDB n 9394/96, Ensino Religioso é matrícula facultativa do aluno.

4.5 Matriz Curricular do Ensino Médio

Estabelecimento: Colégio Betta Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Entidade Mantenedora: Centro Educacional Faculdade do Saber Ensino Médio e Pós Médio LTDA

Município: Foz do Iguaçu Código: 0830 N.R.E: Foz do Iguaçu

Ano de Implantação: 2012 - Simultânea Duração: 03 anos

Carga Horária – h/a: 3000 h/r: 2500 Módulo: 40 Turno: Diurno

| DISCIPLINAS | | SÉRIE | | |
|--------------------|--------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| | | 1 | 2 | 3 |
| BNC | ARTE | 1 | | |
| | BIOLOGIA | 2 | 2 | 2 |
| | EDUCAÇÃO FÍSICA | 1 | 1 | 1 |
| | FILOSOFIA | 1 | 1 | 1 |
| | FÍSICA | 2 | 2 | 2 |
| | GEOGRAFIA | 2 | 2 | 2 |
| | HISTÓRIA | 2 | 2 | 2 |
| | LINGUA PORTUGUESA E LITERATURA | 4 | 4 | 4 |
| BNC | MATEMÁTICA | 4 | 4 | 4 |
| | QUÍMICA | 2 | 2 | 2 |
| | SOCIOLOGIA | 1 | 1 | 1 |
| | SUB-TOTAL | 22 | 21 | 21 |
| PD | L E M - ESPANHOL | 1 | 1 | 1 |
| | L E M - INGLÊS | 2 | 2 | 2 |
| | REDAÇÃO | 0 | 1 | 1 |
| PD | SUB-TOTAL | 3 | 4 | 4 |
| TOTAL GERAL | | 25 | 25 | 25 |

4.6 Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio

As propostas de mudanças qualitativas para o processo de ensino-aprendizagem indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significativos, cooperar, de forma que o aluno possa participar do

mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos. A linguagem tem sido objeto de estudo da: Filosofia, Psicologia, Sociologia, Epistemologia, História, Semiótica, Linguística, Antropologia, etc. A linguagem pela sua natureza, é transdisciplinar.

É considerada como capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhados, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido.

A compreensão da arbitrariedade da linguagem pode permitir aos alunos a problematização dos modos de ver a si mesma e o mundo, das categorias de pensamento, das classificações que são assimiladas como dados indiscutíveis.

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir.

Ela é produto cultural, nascida por força das práticas sociais, contraditório, pluridimensional, múltiplo, singular, a um só tempo.

Não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a integração, a comunicação como outro. Dentro de um espaço social.

Nas práticas sociais o homem cria linguagem verbal, e com a linguagem o homem reproduz e transforma espaços produtivos. A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui de forma específica o pensamento.

Na integração verbal, os sinais e suas combinações socialmente partilháveis organizam os dados perceptivos, em sistemas simbólicos, por atributos e intencionalidade.

A fala como medidora entre as relações humanas gera sistemas de linguagens, sentidos humanos que se expressam, se concretizam e proliferam em múltiplos espaços simultâneos de forma racional.

No campo dos sistemas de linguagens podemos delimitar a linguagem verbal e não verbal.

A estrutura simbólica da comunicação visual e / ou gestual como a verbal constitui sistemas arbitrários de sentido e comunicação.

A organização do espaço social e as ações dos agentes coletivos, normas, costume, rituais, comportamentos institucionais influem e são influenciados na e pela linguagem

que se mostra produto e produtora da cultura e da associação social.

Nas interações, relações comunicativas e de conhecimento e reconhecimento, códigos, símbolos que estão em uso e permitem a adequação de sentidos partilhados, são gerados e transformados, e representações convencionadas e padronizadas.

Os códigos se mostram no conjunto de escolhas e combinações discursivas, gramaticais, lexicais, fonológicas, gráficas, etc.

Nas práticas sociais, o espaço de produção de sentido é simultâneo, nesse, as linguagens se estruturam, normas são partilhadas e negociadas.

O ato da fala pressupõem uma competência social de utilizar a língua, de acordo com as expectativas em jogo, no ato interlocutivo, o contexto verbal relaciona-se com o extra - verbal e vice-versa.

As condições e formas de comunicação refletem a realização social em símbolos que ultrapassam as particularidades do sujeito, que passa a ser visto em interação com o outro.

O caráter dialógico das linguagens impõe uma visão muito além do ato comunicativo superficial e imediato, os significativos embutidos em cada particularidade devem ser recuperados pelo estudo histórico, social e cultural dos símbolos que permeiam o cotidiano.

No mundo contemporâneo, marcado pelo apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas que mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunicativos é mais do que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada.

TÍTULO V

EDUCAÇÃO ESPECIAL

5.1 Inclusão no Colégio Betta

Esta fundamenta nos princípios legais da Inclusão Lei 10.172/01. No que diz respeito à inclusão escolar o Colégio Betta passa por um processo de adequação às necessidades

individuais de seus alunos para que eles possam estudar, aprender, desenvolver-se e exercer plenamente a sua cidadania.

Inclusão consiste em não excluir uma pessoa para qualquer finalidade (*por exemplo, educação*) em razão de etnia, raça, cor, opção sexual, gênero, deficiência ou qualquer outro atributo pessoal.

Inclusão não significa promover a adequação ou a normalização de acordo com as características de uma maioria e sim, a um significado de fazer parte, conviver e não se igualar.

A ideia fundamental de inclusão é a de adaptar o sistema escolar às necessidades dos alunos. A inclusão propõe um único sistema educacional de qualidade para todos os alunos, com ou sem deficiência e com ou sem outros tipos de condição atípica.

A inclusão se baseia em princípios tais como:

- a aceitação das diferenças individuais como um atributo e não como um obstáculo;
- a valorização da diversidade humana pela sua importância para o enriquecimento de todas as pessoas;
- o direito de pertencer e não de ficar de fora;
- o igual valor das minorias em comparação com a maioria.

Cabe ressaltar que no colégio Betta o processo de inclusão acontece junto com todos os envolvidos no processo: pais e toda a comunidade escolar.

5.2 O Significado de inclusão para o Colégio Betta

Os indivíduos mais integrados socialmente, isto é, que levam uma vida mais normalizada, são aqueles que são tratados de maneira mais natural, mais 'normal' por suas famílias, que estão, enfim, mais integrados na constelação familiar.

A integração dos alunos se dá, quando o professor planeja um projeto educacional para cada aluno deficiente, ou seja, elaborar uma aula que possibilite a integração de todos os alunos de acordo com a necessidade existente dentro da sala de aula. O estudante que se sente excluído necessita ser visto com suas possibilidades, ou seja, o professor pode promover atividades que desenvolva suas questões cognitivas e também sócio-afetivas, onde os demais colegas possam interagir aprendendo e ensinando com a situação.

Na educação, incluir significa transformar o sistema educacional, de forma a organizar os recursos necessários para alcançar os objetivos e as metas para uma educação de qualidade extensiva a todos os cidadãos, contemplando suas necessidades.

Assim compreendida, a inclusão é tratada neste Colégio como um processo e se fundamenta em três fatores: a presença do aluno na escola enquanto sujeito como direito de estar na escola junto aos demais colegas de sua faixa etária e na sua comunidade; a participação, o relacionamento livre de preconceito e discriminação, em ambiente acessível para que realmente todos participem das atividades escolares, com um currículo aberto e flexível e a construção de conhecimentos, assegurando ao aluno estar na escola regular, participando, aprendendo e se desenvolvendo.

Essa inclusão adota um conjunto de princípios, como a valorização da diversidade como elemento enriquecedor do desenvolvimento pessoal e social, o desenvolvimento de currículos amplos que possibilitem a aprendizagem e participação de todos, o respeito às diferentes formas de aprender, o atendimento às necessidades educacionais dos alunos, a acessibilidade física e nas comunicações e o trabalho colaborativo na escola.

A escola na sociedade atual se depara constantemente com novos desafios.

Um desses desafios é o de estabelecer condições mais adequadas para atender a diversidade dos indivíduos que dela participam. Assumir, compreender e respeitar essa diversidade é requisito necessário para orientar a transformação de uma sociedade tradicionalmente pautada na seletividade e na exclusão.

Para que a inclusão seja efetuada, é necessário que o trabalho não seja executado somente dentro da sala de aula e sim na escola toda; também é necessária uma maturidade de todo o grupo escolar para que compreendam o aluno e suas dificuldades.

Pode-se promover uma formação permanente de todos os envolvidos no processo de aprendizagem: Clínico, institucional, familiar, o diálogo com toda a comunidade. Os pais devem ser orientados e podem participar de todo o processo, pois senão todo o esforço dos professores e envolvidos estará sendo praticamente em vão.

Estudos indicam que a atitude do professor é um dos fatores que mais contribui para o sucesso de qualquer medida de integração da criança com deficiência. De fato, como o comprovam as práticas do dia-a-dia nas nossas escolas, não basta determinarem legalmente a integração para que ela aconteça.

O Colégio Betta compreende que a diversidade humana é um fato numa sociedade plural é uma atitude de aceitação das diferenças, não uma simples colocação em sala de aula requer envolvimento dos pais, colaboração, aceitação incondicional, uso resinificado da avaliação e apoio para a inclusão.

Salienta-se que as diferenças individuais decorrem de idade, combinação única de inteligências múltiplas com estilos de aprendizagem, temperamentos, aptidões e habilidades, interesses, compleição física, aspirações e sonhos, experiência de vida etc.

5.3 Diversidade Sexual

É de conhecimento de todo o educador e até mesmo dos pais que não existe uma receita pronta para formar bons alunos e/ ou bons filhos.

Mas, enquanto mediadores do conhecimento, o educador pode buscar se aperfeiçoar em relação á sua área de atuação.

Ao se tratar de Educação Sexual, o educador pode buscar maior número de informações e experiências que possam ser passadas para o aluno de forma que venha enriquecer as informações dele a respeito do assunto, propiciar a ele uma vida sexual prazerosa e, acima de tudo, com responsabilidade.

No colégio Betta os educadores em parceria com a família são fundamentais na formação sexual da criança. A família pode ser orientada, visto que ela é a fonte principal da formação, da base da criança que proporcione uma vida moralmente sadia, inclusive sendo responsável em passar um conhecimento adequado da sexualidade humana. Como um importante complemento, isso quando bem orientada. Os jovens, apesar de muitas vezes não demonstrarem extremamente necessitados de conceitos morais e do amparo familiar que, quando realizados de forma coerente, proporcionam a formação de homens e mulheres de valores, exemplos para a sociedade.

5.4 Cultura Afro Brasileira e Indígena Lei 11. 645/08

É antiga a preocupação dos movimentos negros com a integração dos assuntos africanos e afro-brasileiros ao currículo escolar. Talvez a mais contundente das razões esteja nas consequências psicológicas para a criança afro-brasileira de um processo pedagógico que não reflete a sua face e de sua família, com sua história e cultura própria, impedindo-a de se identificar com o processo educativo. Erroneamente seus antepassados são retratados apenas como escravos que nada contribuíram ao processo histórico e civilizatório, universal do ser humano. Essa distorção resulta em complexos de inferioridade da criança negra, minando o desempenho e o desenvolvimento de sua personalidade criativa e capacidade de reflexão nesses casos cabe a escola promover atividades que oportunizam a comunidade escolar rever atitudes, compartilhar saberes e cultura.

No que refere a Educação Indígena os processos vivenciados em cada escola representam pequenas grandes mudanças construídas cotidianamente. É preciso estar atentos e sensíveis para enxergá-las e interpretá-las com toda sua força e significação já que as inovações culturais são, por uma parte, mais frequentes do que comumente se pensa: há muito novo em baixo do sol. Sobretudo, se não se pensa somente nas grandes invenções capazes de marcar por si mesmas um momento da história, se não se repara também, e, sobretudo, nas mudanças cotidianas aparentemente insignificantes. O colégio trabalha com conteúdos de diversidade cultural na sociedade brasileira especialmente nas disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa, Literatura... as demais disciplinas também poderão trabalhar com esses conteúdos.

Cumprir a Lei é, pois, responsabilidade de todos e não apenas do professor em sala de aula. Exige-se, assim, um comprometimento solidário de toda a comunidade escolar na articulação de ações uniformes que sejam implantadas, avaliadas e reformuladas quando necessário.

TÍTULO VI

MISSÃO E OBJETIVOS DO COLÉGIO

6.1 A Missão do Colégio

A missão do Colégio Betta Educação Infantil e Ensino Fundamental é ser um colégio aberto e participativo, fruto de uma pedagogia transformadora que ultrapassando suas paredes e seus livros didáticos, tem sensibilidade para sentir o processo de transformação social e para ele contribuir efetivamente, questionando valores (éticos e de vida cidadã) impostos pela sociedade.

Incentivando alunos e professores a serem os agentes transformadores da sociedade, o Colégio procura ser uma instituição de ensino na qual, a ação reflexão não sejam experiências estanques e que todos se sintam sujeitos de sua história, respeitados em suas características pessoais a se desenvolverem integralmente. Baseado na afirmativa acima, o Colégio busca: Fortalecer laços de solidariedade e de tolerância recíproca; Formar valores necessários para consolidação de todas as dimensões do educando; Aprimorar o educando como pessoa humana; Criar consciência ética; Promover a cidadania; Fazer a transposição didática; Formar as crianças para o amor ao conhecimento transmitido de forma prazerosa e possibilitando que os seus alunos sejam felizes dando oportunidades à todos de desenvolver suas competências.

Acreditar que um colégio de qualidade total acontecerá na medida em que, no estabelecimento de ensino, o seu corpo social venha delinear em conjunto uma visão compartilhada de excelência à educação.

6.2 Finalidades e Objetivos da Instituição

A educação é um dever da família e do Estado. Segundo a LDB, a pessoa é educada para seu desenvolvimento, para a cidadania e para o trabalho (art. 2º).

A Instituição no que diz respeito ao Artigo 22 da LDB, o Colégio Betta está sendo ampliado para futuramente oferecer aos alunos do Ensino Fundamental quatro horas diárias de atividades de ensino desenvolvidas na escola. E com base no artigo 25 os conteúdos da Base Nacional Comum são: o estudo da língua portuguesa e da matemática. O conhecimento do

mundo físico, do mundo natural e da realidade social e política – especialmente do Brasil – e o ensino da arte.

Quanto à parte diversificada, a LDB diz que os currículos devem incluir a partir da 6ª ano, o ensino de uma língua estrangeira moderna. A escolha da língua será feita pela comunidade escolar. Por ter uma gestão democrática a comunidade escolar desta instituição resolve ensinar duas línguas estrangeiras, o Espanhol e o Inglês, a partir do Nível V– Educação Infantil – até o 9º ano – Ensino Fundamental.

Segundo o art. 39 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, mostra qual a capacitação exigida dos professores que atuam na educação do aluno com necessidade especial. Esses educadores do ensino regular terão que estar capacitados para a integração do aluno com necessidade especial, e professores com formação específica em nível médio ou superior, para o chamado atendimento especializado.

A comunidade escolar decide que se receberem alunos com necessidades especiais fará modificações físicas e dará todo o apoio necessário para que o mesmo se sinta feliz e acolhido na escola e desenvolva suas competências.

6.3 Os Objetivos do Colégio

Compõe os objetivos do Colégio Betta:

- Ministrar a Educação Básica – formada pela Educação Infantil e Ensino Fundamental e o Médio sem distinção de sexo, etnia, classe social, convicções religiosas ou políticas de seus educandos, com explícito compromisso de cumprir os princípios e fins da Educacional Nacional e todas as normas específicas aplicáveis e estes níveis de ensino;
- Promover a formação integral, abrangente e harmônica da criança e do adolescente para construir a sua autonomia intelectual, social e pessoal;
- Proporcionar aos educandos formação ética com dimensão social e transcendental e lhes abrir os caminhos da comunicação com as pessoas e com a sociedade em geral;
- Utilizar o conhecimento científico como instrumento de desenvolvimento global da pessoa com o objetivo de

formar verdadeiros cidadãos, plenamente conscientes de seus direitos e deveres;

- Proporcionar aos educandos o acesso à ciência e ao conhecimento, bem como condições de desenvolvimento de suas potencialidades num processo de auto realização, com vistas voltadas à sua inserção ativa e crítica na comunidade em que vivem;
- Despertar a comunidade educativa para a dimensão social e para o exercício comprometido e responsável da cidadania, bem como para a produção de bens que estejam à disposição de todos os cidadãos;
- Incorporar a tecnologia como instrumento de desenvolvimento humano;
- Desenvolver um processo educacional com vistas direcionadas à transformação do homem e da natureza em benefício coletivo e da preservação da vida na Terra sob todas as formas da sua manifestação;
- Alienar a consciência de que a educação é um processo permanente e abrangente a ser desenvolvido pela vida afora em contínuo aprofundamento e maturação;
- Estimular as famílias e criar oportunidades aos pais para que participem ativamente do processo educativo dos seus filhos, através de comunicação permanente, diálogo e envolvimento nas atividades promovidas pela Escola;
- Buscar o desenvolvimento amplo do educando pela formação intelectual, científica e profissional, mediante o cultivo da consciência crítica em relação à realidade socioeconômica em que vive.

Esta Proposta Pedagógica tem por objetivo à “Formação de Cidadãos” íntegros e capazes de enfrentar os desafios com ética, resgatando sua dignidade através dos valores humanistas como o respeito e a moral.

Educar com responsabilidade, significa construir o conhecimento juntamente com o educando, elevando sua dignidade, consolidando valores de caráter humanista, para o resgate da moral, da cultura, do respeito, da valorização familiar, da responsabilidade de cidadão participativo, atuante e comprometido com sua comunidade. Diante desta concepção o Colégio Betta compromete-se em:

- Formar uma equipe de professores técnico-pedagógicos, ou seja, profissionais pedagogos ou pós-graduados em supervisão e coordenação para acompanhar o professor em suas atividades de docência, principalmente no que diz respeito à avaliação e planejamento, bem como procurar auxiliá-los na solução de problemas que possam aparecer;
- Promover reuniões sempre que necessário, para avaliar o processo pedagógico no sentido, no sentido de melhorar sempre o processo educativo;
- Priorizar o aspecto pedagógico adquirindo diante da realidade material de apoio técnico e pedagógico;
- Organizar horário escolar que permita o educando globalizar as áreas do conhecimento, evitando assim a evasão escolar;
- Estimular e auxiliar os professores para desenvolver diferentes alternativas de pesquisa pedagógica, didática em sala de aula. Bem como permitir e apreciar atividades extraclases;
- Debater e discutir o plano curricular para que o aluno receba conteúdos significativos para sua formação como cidadão;
- Abranger os conteúdos que se relaciona para facilitar o processo transmissão – assimilação;
- Criar um canal de comunicação com a comunidade em relação ao trabalho escolar;
- Aproximar a comunidade estudantil das realidades sociais como motivação para avaliar e repensar as circunstâncias que formam o nosso contexto social.

TÍTULO VII

HOMEM, CULTURA, SOCIEDADE E ESCOLA

7.1 O Homem

“O homem se faz pela sua prática real pratica que se desdobra no tempo e que é efetivado no contexto do ser humano. O homem é, portanto, aquilo que ele se faz. Mas ele fazendo as coisas ou seja, vai se construindo, o resultado se sua prática concreta real e cultural.”

Antonio Joaquim Severino

A ciência que estuda como o homem consegue aprender e chegar a conhecer se chama Epistemologia e somente a clareza de como se organizam as sociedades ao longo da história do homem não basta para entendê-las; é preciso saber a que objetivos se fizeram estes diferentes modos de garantir a subsistência de todos. Os estudos das correntes filosóficas nos diferentes modos de pensar o homem ajudam nesta compreensão. Segundo Nagel, (1992) o homem inserido na sociedade, busca os seus princípios e regramentos de convivência no passado, através desta busca ele traça uma nova linha para o futuro, o docente assim se prepara para a capacidade de fazer os educandos conhecerem a si mesmos.

Segundo o autor supracitado Nagel, (1992), o surgimento do mundo, na sua determinação natural acontece pela evolução orgânica nos minerais, vegetais e animais e pelas mutações genéticas dos mesmos.

Essas mutações chegaram a uma espécie de animal complexa do ponto de vista do corpo e do cérebro placa neuronal que produz os reflexos e retenções mnemônicas (sensações), provoca na espécie animal processos psíquicos elementares (instintos e sensibilidade) que, com o passar de muitos e muitos anos, e depois de muitas mutações genéticas, deram origem aos hominídeos, ao indivíduo. Até a origem dos hominídeos, não houve história produzida pela humanidade, apenas produzida pela natureza, foi a determinação natural.

Com o aparecimento do hominídeos, mesmo sofrendo determinações da natureza, o indivíduo começa a alterá-la lenta e gradativamente, iniciando a construção do mundo produzido. A realidade que era natural passa a ser realidade histórica.

As ideias são representações dessa realidade histórica que o homem produziu através das relações sociais. A relação social não é exatamente a relação imediata entre duas pessoas, mas também o eu, individualmente, que estabelece uma relação social, porque está carregado de relações sociais que estão inerentes ao ser. Assim, o homem produz o mundo e este produz através da história pelas relações sociais.

À medida que o homem socializa as experiências práticas, pela via teórica da linguagem oral e o símbolo escrito, as relações sociais tornam-se cada vez mais complexas.

Logo, o mundo produzido é determinação social da realidade histórica produzida pelos homens nas relações com a natureza, experiências concretas com a matéria e nas relações

sociais: relatos orais das experiências. Estes relatos só são possíveis via linguagem que passam a usar os símbolos na escrita. Estes símbolos são representações, nas relações sociais, das experiências práticas.

Os homens para explicar as duas dimensões: *matéria* e *ideia*, a material e a espiritual, foram desenvolvendo diversas teorias, correntes filosóficas dentre as quais o materialismo, idealismo.

É fundamental que o professor tenha clara a concepção de homem e de mundo que direciona sua prática docente, para não cair no *modismo* e nem no ecletismo. Explicando: É incoerente unir uma concepção que diz que a origem, o centro de tudo é a consciência, as ideias, o indivíduo; com outra concepção de mundo que diz que o centro de tudo e o homem nas suas relações sociais. Quando o professor na escola, não tem clareza de que o homem quer formar e conseqüentemente que sociedade; igualmente não terá objetivos metodológicos coerentes. Passa então a misturar os métodos, pegando o que acha bom em cada um deles, sem saber a concepção filosófica de cada um deles e à formação de que tipos de homem foram elaborados. O resultado é a reprodução de um homem idealizado pela filosofia que embasa o método; e muitas vezes, inimigo da própria classe do professor que o gerou: uma cabeça de burguês num corpo de trabalhador.

Nesta dualidade - Idealismo x Materialismo – transparecem duas correntes que analisam diferentemente a apropriação do conhecimento pelo homem.

O entendimento destas questões tem muito a ver com a sala de aula, um dos locais onde o aluno se apropria do conhecimento.

Conhecimento este apropriado e reelaborado através da concepção de mundo que o indivíduo tem, isto é, da maneira como ele observa e compreende este mundo que o rodeia.

É principalmente na educação adquirida na escola que o homem chega a estas conclusões. Numa sociedade, cujas bases econômicas se originaram da concepção de que; as grandes maiorias dos homens devem estar alienados, para só produzirem mercadorias com fins lucrativos para a outra minoria de homens usufruírem; é óbvio que a educação, a escola e o professor; principalmente dos filhos dos trabalhadores.

A formação do homem que a sociedade exige, depende não só do trabalho sistemático da Escola, como também das influências exercidas pelas famílias.

O homem é o ponto de partida, ele só será feliz se tiver um ideal a ser seguido.

A condição humana se realiza pela cultura, vivemos de maneiras diferentes, sempre querendo construir um mundo melhor e mais justo.

Segundo Vygotsky (1991), a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada por instrumentos e signos.

Os instrumentos são elementos externos aos indivíduos e sua função é provocar mudanças nos objetos, controlar a natureza. Já os signos não modificam em nada o objeto, eles são instrumentos psicológicos, orientados para dentro do indivíduo, dirigindo-se para o controle de suas ações psicológicas ou de outras pessoas. São ferramentas mentais que auxiliam nos processos psicológicos.

Segundo Morim, “o conhecimento é, portanto, um fenômeno multidimensional, no sentido que é de maneira inseparável ao mesmo tempo físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural e social”. Devemos ter em mente que é nessa relação do homem com a sociedade, a vida e o mundo, que se concentra a reproblemática questão do “conhecimento”.

7.2 Concepção de Sociedade e de Cultura

Na sociedade em que vivemos, assim como qualquer sociedade, as pessoas produzem bens úteis para si e para o conjunto da coletividade. São riquezas produzidas: alimentos, meios de transporte, moradia, vestuário, energia, meios de comunicação, etc. O trabalho de todos os trabalhadores nos diversos ramos de produção é o que produz estas riquezas nas relações homem/homem e homem/natureza. Nestas relações, o homem transforma a natureza e é transformado por ela. Hoje as tecnologias de ponta, a automação, desenvolveram no processo de produção diferentes instrumentos, a ponto de quase dispensar a força de trabalho do homem.

À organização da sociedade na busca de sua sobrevivência chamamos de MODO DE PRODUÇÃO. Este conceito não se refere unicamente à economia. Ele é muito mais amplo (França, 2002). O modo de produção constitui-se

em níveis diferenciados, porém, interligados: o Econômico, o Político e Ideológico.

O nível econômico é a base sobre a qual se levanta todo o edifício social. Por isso, o chamamos de INFRAESTRUTURA. Aos níveis políticos e ideológicos chamamos de SUPERESTRUTURA (França, 2002). O nível econômico se dá, principalmente e fundamentalmente pelo trabalho do homem nos meios de produção.

Ao produzir e distribuir os bens, pessoas criam entre si laços de relacionamento. São as relações sociais de produção, que podem ser de mútua ajuda - relação de colaboração recíproca, ou de aproveitamento do trabalho de outra - Relação de Exploração.

O que determina o tipo das Relações de Produção é a propriedade dos MEIOS DE PRODUÇÃO. Quando os que trabalham são também donos dos MEIOS DE PRODUÇÃO, as relações sociais de colaboração recíproca. Quando os que trabalham não são os donos dos meios de produção, as relações sociais de produção entre os que trabalham e os donos dos meios de produção são de exploração.

As Relações de Produção se dão em nível de SUPERESTRUTURA, que é a Política e a Ideologia que, nas sociedades desiguais, são garantidas e mantidas pelo poder do ESTADO (Eme e Laville, 1996).

Sempre que há relações de exploração, estabelecem-se entre os dois grupos uma CONTRADIÇÃO ANTAGÔNICA, ou seja, um relacionamento que não tem jeito de conciliar. Os interesses são totalmente opostos. Criam-se então as CLASSES SOCIAIS (França, 2001, 2002; Nyssens, 2000; Evers, 2000).. As diferentes sociedades são determinadas pela mediação, pela articulação de dois movimentos: o da infra - estrutura - condições materiais - econômicas - objetivas; e o da superestrutura - condições ideológicas - política - subjetivas.

Em outras palavras, há um movimento interno dinâmico, entre o econômico, o político e o ideológico que determinam as características das diferentes sociedades. É por isto que a escola, por exemplo, não conseguirá sozinha transformar a sociedade. Mas terá seu papel indispensável, enquanto condições subjetivas de forças, para a efetivação desta transformação somada às demais possibilitando reconhecimento da cultura em diversos sentidos, e dois deles aqui se devem destacar: um popular, em que se emprega a palavra para traduzir o atributo de toda a pessoa possuidora de

conhecimentos, com formação intelectual desenvolvida; outro, antropológico ou sociológico em que a cultura é referida como o comportamento social do grupo.

Só o homem é portador de cultura, e por isso mesmo somente ele a cria, a possui e a transmite e forma um conjunto de elementos inter-relacionados e interdependentes, que funcionam harmoniosamente na sociedade. Os hábitos, ideias, técnicas, enfim, as criações do homem, formam um conjunto, dentro do qual os diferentes membros de uma sociedade convivem e se relacionam. À proporção que vai crescendo, novas influências desse mesmo grupo vão recebendo, de modo a integrá-la completamente na sua sociedade, da qual participa como uma personalidade através da posição ou papel que nela exerce. Se individualmente o homem age como reflexo de sua sociedade, faz aquilo que é normal e constante nessa sociedade, quanto mais nela se integra, mais adquirem novos hábitos, capazes de fazer com que se considere um membro dessa sociedade, agindo e atuando dentro dos padrões estabelecidos. Esses padrões são justamente a cultura da sociedade em que vive.

A cultura é aprendida, porque se verifica um processo de transmissão dos mais velhos - pessoas ou instituições - aos mais novos, à proporção que estes se vão incorporando à sua sociedade; são as chamadas linhas de transmissão, isto é, aqueles meios pelos quais se verifica a aprendizagem da cultura. A família, os companheiros de trabalho, os professores, o esporte, a igreja, a escola, são linhas de transmissão, no sentido de que irão transmitindo a cultura, que se torna assim aprendida pelos que se incorporam à sociedade.

A cultura, embora uma unidade devidamente estruturada, cumulativa e contínua, é, entretanto, divisível. É o que se chama de classificação de cultura, isto é, a divisão dos valores culturais exclusivamente por necessidade metodológica, ou para fins pedagógicos ou didáticos.

Deixa-se claro, porém, que esta proposta de familiarização com elementos constitutivos das diferentes linguagens, através do conhecimento sociedade - cultura, não se constitui na finalidade da educação estética. A familiarização cultural deve ser um instrumento para a interpretação da realidade humana - social através da obra e para expressão desta realidade (FARIA, 1983, p. 27).

Assim, o contato regular com os diversos segmentos da sociedade constitui-se em um meio, importante e indispensável,

para levar ao aluno o conhecimento dos processos de criação cultural. Também possibilita o aprofundamento de sua relação estética com os objetos humanos, sendo que o domínio dos conhecimentos técnico – artísticos e o contato sistemático com as obras de arte faz parte do processo de educação estética.

7.3 Concepção de Sociedade

Na sociedade moderna, o Estado (poder público) tem o dever constitucional de assegurar ensino público, estabelecendo uma política escolar que viabilize esse dever e determinando um programa de educação geral, igual para todos os membros da sociedade. Ao estabelecer objetivos de âmbito nacional, o Estado não só organiza o sistema de ensino como pretende também a unificação nacional e o desenvolvimento cultural da sociedade. Se não tem sido assim, cabe a própria sociedade organizar-se e exigir o cumprimento dessas responsabilidades sociais.

Entretanto, sabemos que a política escolar expressa interesse e objetivos das forças sociais e políticas que hoje controlam o Estado. Esses interesses quase sempre não coincidem com os interesses majoritários da sociedade, pois mantêm a escola para a preservação das relações vigentes. A educação escolar é um importante mecanismo de preparação para o trabalho no sistema de produção capitalista, bem como de transmissão de ideias, valores, crenças que sustentam essa forma de organização social, sem pôr em risco o atual sistema de relações sociais. Mas ao mesmo tempo em que a sociedade se organiza para reproduzir a força de trabalho necessária à produção, também ocorre a socialização do saber, através do qual os trabalhadores podem ampliar a compreensão da realidade social e produzir outros conhecimentos que expressem seus interesses de classe. Na medida em que o saber é colocado em confronto com a prática de vida real, possibilita-se o alargamento dos conhecimentos e uma visão mais científica e mais crítica da realidade.

A luta pela socialização do saber - no sentido de que todos tenham acesso à instrução e à educação, depende de uma base comum de conhecimentos, fixada nacionalmente, e dos recursos para a manutenção do sistema escolar, de modo que as diferenças regionais e locais, econômicas e culturais, não sejam

motivo de discriminação no acesso de todas as crianças e jovens do país à escola. Na atualidade, discutem-se questões como a atenção à igualdade e a diferença entre os seres humanos, grupos culturais e classes sociais. Mas também se encontram situações em que se negam e desrespeitam os direitos dos seres humanos, em que dominam os preconceitos e a violência, mas, nesse mesmo contexto, as diferenças aparecem como forças libertadoras da cultura, e busca-se uma reflexão que permita ampliação de um espaço público de diálogo e ação coletiva.

7.4 Concepção do conhecimento e da Educação

“A tarefa do professor não é ensinar os alunos a pensarem, eles já podem pensar, mas trocar mutuamente seus modos de pensar e buscar melhores maneiras de abordagem e modificação de um objeto”.

Paulo Freire

Viver de desenvolver-se implica em transformações contínuas que se realizam através da interação do indivíduo entre si e entre os indivíduos e o meio no qual se inserem.

Este meio é um meio que podemos chamar de natural e social: ele é constituído pela natureza, pelos objetos, pelas pessoas, pelos valores e pelo conhecimento.

O processo de desenvolvimento do ser humano caracteriza-se por ser contínuo, entendendo-se por toda a vida do indivíduo.

Ele é constituído por períodos que se distinguem entre si pelo predomínio de estratégias e possibilidades específicas de ação, interação e aprendizagem.

O indivíduo se constitui enquanto membro do grupo através da construção de sua identidade cultural, que possibilita sua permanência no grupo, e constrói, simultaneamente, sua personalidade, que o caracterizará como indivíduo único no grupo.

O desenvolvimento é um processo integrado, que abrange todos os aspectos da vida humana (físico, emocional, cognitivo e social), no complexo, no qual diversas funções são formadas.

Enquanto espécie, o ser humano apresenta ao nascer, uma plasticidade muito grande, podendo desenvolver várias formas de comportamento, aprender várias línguas, utilizar-se

de diferentes recursos e estratégias para se inserir no meio e agir sobre ele. Mas o indivíduo aprende e utiliza somente as formas de ação que existirem em seu meio, assim como ele aprende somente a língua ou as línguas que aí forem faladas.

Isto quer dizer que a cultura é constitutiva do processo de desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que determinadas estratégias de ação e padrões de interação entre as pessoas são definidas pela prática cultural.

Os comportamentos e ações privilegiados em um determinado grupo são, então, determinantes no processo de desenvolvimento da criança.

O indivíduo não é um ser somente em desenvolvimento psicológico, mas um ser concreto em relação com o real. Isso lhe fornece possibilidades cognitivas de apreensão e compreensão da realidade, de transformação de si próprias e, conseqüentemente, desta realidade, além de produtor e consumidor de conhecimentos. O conhecimento do indivíduo é continuamente transformado pelas novas informações que ele recebe e pelas experiências pelas quais passa.

Os seres humanos não apresentam um processo psicológico independente do desenvolvimento cognitivo, o que equivale a dizer que o processo de desenvolvimento do ser humano é concomitante e está intrinsecamente ligado à aprendizagem, sendo por ela modificado. Não são, assim, dois processos independentes.

Este fato estabelece uma articulação dialética entre forma e conteúdo, suprimindo a noção dicotômica que sugeria a existência de um indivíduo que aprende sem ser modificado pelo conteúdo cognitivo que ele aprende o que equivaleria a dizer que a aprendizagem formal é desvinculada do resto de sua experiência de vida.

Por outro lado, o indivíduo se constitui em uma perspectiva dupla: o da sua própria atividade e o das interações que ele estabelece.

Sendo uma espécie social o ser humano se caracteriza pela construção de sua individualidade através da relação com o outro. O sujeito se constitui, assim, em virtude de processos múltiplos de interação com o meio sócio cultural, pela presença de outros indivíduos e/ou objetivos culturalmente inseridos e definidos.

Os períodos de desenvolvimento são normalmente referidos como infância, adolescência, maturidade e velhice. Estas são, no entanto, categorias muito amplas e a própria

definição de cada uma, assim como sua duração, dependerão grandemente da cultura. Desta forma, torna-se mais adequado pensarmos o processo em termos das transformações sucessivas que o caracterizam.

A proposta de organização do conhecimento da escola está em consonância com o disposto no Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases, com os Parâmetros Curriculares Nacionais e com as Referências Curriculares Nacionais da Educação Infantil.

A essência da educação não se encontra em seu interior. A chave que dá acesso à essência da educação e o conhecimento da sociedade enquanto totalidade concreta proporcionando uma educação de qualidade à qual possibilita a existência do homem multilateral ou multidimensional: filósofo, artista e técnico. Trabalha a apreensão do conteúdo real, sob a perspectiva da mudança, percebendo as diferenças como produto das contradições sociais das diferenças de classes. Ressurge da história o homem coletivo para a honesta e justa organização de uma sociedade na qual todos os homens sejam respeitados como tais. E é esta educação que contribui para transformação da sociedade que é o ideal de educação da Escola Betta.

A educação em sentido amplo é um processo voltado para a socialização, que se inicia de maneira espontânea junto a grupos primitivos vai se tornando complexa em decorrência das mudanças sociais que a transformam numa ação intencional com propósitos específicos.

Educação abrange um processo de socialização que engloba as famílias, instituições religiosas, associações, fábricas, partidos políticos e meios de comunicação social.

O ensino formal consiste na transmissão do conhecimento, do saber sistematizado, realizado pelo professor, em interação com o aluno no colégio ou através de um meio que os separa.

O ensino formal ou instrução é mais restrito do que a educação escolar ou formal, uma vez que esta engloba ensino e formação da personalidade.

Só existe educação quando o educador oferece uma série de instrumento a quem está sendo educado, de tal forma que o educando, apropriando-se dele passa a integrar o conjunto de cidadão. Esse conjunto, coletivamente, continua construindo outros instrumentos.

Na escola, o instrumento mais importante é o conhecimento. Ao apropriar-se dele, cada um integram-se aos demais cidadãos que também têm esse domínio, dando

continuidade à construção de novos conhecimentos. É algo dinâmico, em constante movimento.

7.5 Conceção de Escola

“Dar carinho é só o começo. Você mostra que se importa com os alunos quando ouve o que eles sentem e valoriza as capacidades e os gostos de cada um. Assim, ajuda a formar pessoas mais felizes e cidadãos responsáveis.”

Meire Cavalcante

Considerando o ser humano como um organismo complexo, ou um sistema de energia em busca de equilíbrio constante em suas forças internas e meio ambientes, a Escola procura contribuir para o estabelecimento sadio deste equilíbrio no indivíduo.

As transformações tecnológicas, econômicas e culturais colocam cada vez mais a necessidade do conhecimento ético e da educação do homem em toda a sua multiplicidade.

Para além dos conteúdos científicos, a escola possui uma função formadora. O homem é um ser rico em necessidades e capacidades físicas, emocionais, culturais, espirituais e intelectuais.

Buscar uma educação equilibrada, que atenda a essa multiplicidade, é fundamental para a sua formação. Educar em sentido mais amplo significa considerar as diversas experiências sociais, culturais, e intelectuais do aluno. Ou seja, respeitar suas histórias de vida, linguagem e costumes, condições sociais, moradia e lazer.

Significa incluir essas experiências no programa de ensino, ter um tempo para elas, organizá-las em atividades pedagógicas, proporcionando aos alunos novas experiências que possam enriquecer seu universo de conhecimentos, como idas a museus, teatros, passeios pela cidade. Deve, por fim, levar até eles experiências não tão acessíveis, mas também presentes no mundo.

Determinados conteúdos podem até ser aprendidos em casa, nos livros e computadores, com ajuda dos pais. Mas isto em se tratando de famílias com recursos econômicos bem diferentes da maioria da população.

Para essa maioria, a escola ainda é o único local onde é possível encontrar esses conhecimentos organizados e sistematizados.

Principalmente no mundo de hoje, onde o volume de informações e conhecimentos é cada vez maior. Mas, o que é mais importante, é apenas na escola que o conhecimento vai se dar através de uma experiência coletiva. E é no coletivo que se abre para o homem a possibilidade de se formar a partir de princípios éticos fundamentais para a vida em sociedade. É nesse espaço que tendências individualistas podem ser educadas.

A escola, talvez mais do que a família, é por princípio o lugar que nos educa para a coletividade. Ali podemos aprender o básico da condição humana, que é ser, de fato, um ser social, que sabe viver com os outros e dividir espaços.

Através dos conteúdos científicos e culturais, e para além deles, a escola pode informar e formar o homem para um mundo melhor, para sermos pessoas melhores.

A ação da Escola, através de seu currículo, Projeto Político Pedagógico, propicia experiências de aprendizagem que permitirão ao aluno modificar seu comportamento e passar a emitir novas formas de Pensar, Sentir e Agir. Constituindo a educação escolar em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para criança, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social. Assim sendo, deve ser evitada a abordagem simplista de encarar a educação escolar como o fator preponderante para as transformações sociais, mesmo reconhecendo-se sua importância na construção da democracia.

7.6 Concepção de Cidadania

O sentido da escola está na transformação da vida, na transformação da sociedade, na transformação do trabalho e sua relação com o tempo livre.

A Escola ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, busca eleger como objetos de ensino, conteúdos que estejam com consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres.

Para tanto, é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas como o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva.

Essa função socializadora remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural.

É nesta dupla determinação que os indivíduos se constroem como pessoas iguais e, ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras.

A escola, na perspectiva de construção de cidadania precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites: propiciando as crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como aqueles que constituem o patrimônio universal da humanidade.

O desenvolvimento de capacidades de relação interpessoal, cognitivas, afetivas, motoras, éticas e estéticas, tornou-se possível mediante o processo de construção e reconstrução do conhecimento. Essa aprendizagem é exercida com o aporte pessoal de cada um, o que explica por que, a partir dos mesmos saberes, há sempre lugar para a construção de uma infinidade de significados, e não a uniformidade deles. Os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo e permanente de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos.

As questões relativas a globalização, as transformações científicas e tecnológicas, e a necessária discussão ético-valorativa da sociedade apresentam para a escola a imensa tarefa de instrumentalizar os jovens para participar da cultura, das relações sociais e políticas.

Um ensino de qualidade, que busca formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la, deve também contemplar o desenvolvimento de capacidades que possibilitem adaptações às complexas condições e as alternativas de trabalho que temos hoje e a lidar com rapidez na produção e na circulação de novos conhecimentos e informações, que tem sido avassaladores e crescentes. A

formação escolar deve possibilitar aos alunos condições para desenvolver competências e consciência profissional, mas não se restringir ao ensino de habilidades imediatamente demandadas pelo mercado de trabalho.

Assim, a escola, para exercer a função social aqui proposta, precisa possibilitar o cultivo dos bens culturais e sociais, considerando as expectativas e as necessidades dos alunos, dos pais, dos membros da comunidade, dos professores, enfim, dos envolvidos diretamente no processo educativo. É nesse contexto que o aluno vivencia situações diversificadas que favorecem o aprendizado, para dialogar de maneira competente com a comunidade, aprender à respeitar, à reivindicar direitos e à cumprir obrigações, à participar ativamente da vida científica, cultural, social e política dos pais e do mundo.

7.7 Conceção de Mundo

A concepção de mundo determina o grupo a que se pertence. O grupo é a reunião de "... todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e agir, segundo Gramsci (1984, p 12)".

A concepção de mundo quando não crítica e coerente é ocasional e desagregada.

O ponto de partida, para a concepção de mundo pela escola "é o desenvolvimento da consciência de que somos produtos do processo histórico até hoje desenvolvido, fazendo o inventário da infinidade de traços recebidos". Gramsci (1984, p 12).

A escola precisa buscar consciência de nossa historicidade, da fase em que se encontra desenvolvimento e a consciência de que está em contradição com outras concepções de mundo.

A necessidade humana de vivenciar, valores que assegurem o crescimento pessoal e a integração com o social vão delinear a concepção de mundo proposta por esta instituição.

De acordo com Paulo Freire (1987, p. 87) "Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa". É

primordial que a escola analise e reflita sobre as diversidades e a integração das mesmas.

Entendemos, nessa perspectiva, que a escola precisa ser espaço estratégico, onde se possa desenvolver o compromisso com a construção da cidadania.

Apontando em direção às bases antropológicas do que propõe como concepção dialética da filosofia da educação, Demerval Saviani ressalva que "lhe interessa um homem concreto, isto é, o homem como síntese de múltiplas determinações, vale dizer, o homem como conjunto das relações sociais".

Assim, o importante, acerca do homem, é sua localização, o seu enraizamento sócio – histórico – político no presente, fonte de valores, que apareça como lugar em que os homens, através de todas as dificuldades, estão a caminho de realizar progressos decisivos.

O educando, segundo esta concepção, pode ser encarado como um ser ativo, arrojado, coparticipantes do processo educativo, já que é o forjador da história que trabalha no presente a partir de conteúdos significativos e atuais permanentemente avaliados face às realidades sociais.

A tendência educativa centrada nos conteúdos, no valor vinculado às realidades sociais, terá que trabalhar necessariamente a partir de modelos que tenham uma relação direta com o presente da comunidade e, portanto, do indivíduo.

Ao aluno competirá, assim a partir dessa experiência sócio/cultural participar ativamente do processo de aprendizagem, confrontando suas apreensões com os modelos e conteúdos expressos pelo professor.

TÍTULO VIII

ENSINO E APRENDIZAGEM

8.1 Conceção de Ensino e Aprendizagem

"O conhecimento é socialmente construído, ou seja, a única possibilidade de construção do conhecimento é aquela que segue o caminho do interpessoal para o intrapessoal".

Nallon e Vygotski.

Educar é colaborar para que professores e alunos - nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos. (França, 2002).

Na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social.

Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais.

Passamos muito rapidamente do livro para a televisão e vídeo e destes para o computador e a Internet, sem aprender e explorar todas as possibilidades de cada meio.

No que diz respeito ao uso das tecnologias cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática.

Não se trata de dar receitas, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a que aprendam melhor.

É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar.

Com a Internet podemos modificar mais facilmente a forma de ensinar e aprender tanto nos cursos presenciais como nos a distância. São muitos os caminhos, que dependerão da situação concreta em que o professor se encontrar: número de alunos, tecnologias disponíveis, duração das aulas, quantidade total de aulas que o professor dá por semana, apoio institucional. Alguns parecem ser atualmente, mais viáveis e produtivos.

No começo procurar estabelecer uma relação empática com os alunos, procurando conhecê-los, fazendo um mapeamento dos seus interesses, formação e perspectivas

futuras. A preocupação com os alunos, a forma de relacionar-nos com eles é fundamental para o sucesso pedagógico. Os alunos captam se o professor gosta de ensinar e principalmente se gosta deles e isso facilita a sua prontidão para aprender.

Vale à pena descobrir as competências dos alunos que temos em cada classe, que contribuições podem dar ao nosso curso. Não vamos impor um projeto fechado de curso, mas um programa com as grandes diretrizes delineadas e onde vamos construindo caminhos de aprendizagem em cada etapa, estando atentos - professor e alunos - para avançar da forma mais rica possível em cada momento

8.2 Tecnologia

É importante mostrar aos alunos o que vamos ganhar ao longo do semestre, por que vale a pena estarmos juntos. Procurar motivá-los para aprender, para avançar, para a importância da sua participação, para o processo de aula-pesquisa e para as tecnologias que iremos utilizar entre elas a Internet.

O professor pode criar uma página pessoal na Internet, como espaço virtual de encontro e divulgação, um lugar de referência para cada matéria e para cada aluno. Essa página pode ampliar o alcance do trabalho do professor, de divulgação de suas ideias e propostas, de contato com pessoas fora da universidade ou escola. Num primeiro momento a página pessoal é importante como referência virtual, como ponto de encontro permanente entre ele e os alunos. A página pode ser aberta a qualquer pessoa ou só para os alunos, dependerá de cada situação. O importante é que professor e alunos tenham um espaço, além do presencial, de encontro e visibilização virtual.

8.3 Alfabetização e Letramento

A alfabetização é uma etapa muito importante da vida. Uma fase onde tudo é novo, e o desejo de aprender do aprendiz é um fator que favorece sua aprendizagem, por isso é necessário criar condições que favoreçam a percepção da criança sobre a importância do ato de ler e de escrever.

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas, para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos. (RIBEIRO, 2003, p. 91)

A alfabetização deve ser vista como um processo que vem a contribuir para a formação de cidadãos autônomos, autoconfiantes, capazes de interagir de forma eficaz no meio social, utilizando-se dos mecanismos da leitura e da escrita. A alfabetização pode ser compreendida como um processo de ensinar e aprender a ler e escrever, portanto, alfabetizado é aquele que lê e escreve.

Possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social. (FREIRE, 1991, p. 68).

Assim o autor supracitado é parte importante do passado da alfabetização, defendia o paralelismo entre as evoluções da leitura, da fala e da escrita. Para ele a escola deve fornecer uma educação geral, preparando a criança para atender as exigências da sociedade por meio dos conhecimentos que tem de si mesma e do conhecimento do ambiente.

Nos dias de hoje, sabemos que um indivíduo plenamente alfabetizado é aquele capaz de atuar com êxito nas mais diversas situações de uso da língua escrita. Dessa forma, não que percorrem a sociedade, suas funções e as ações necessárias para interpretá-los e produzi-los. O processo de alfabetização ocorre durante toda a escolaridade e tem início antes mesmo da criança ingressar na escola. Implica em tomar como ponto de partida, o texto, pois este é revestido de função social e não mais as palavras ou sílabas sem sentido. O professor deve buscar um vocabulário que tenha realmente significado para a classe, isto é, que seja retirado das suas experiências. Atualmente, a cartilha não é o recurso mais

favorável a aprendizagem da leitura e da escrita, principalmente, porque não tem qualquer significado para o aluno e apresenta

Assim a alfabetização deve ser entendida, como um processo que se inicia com a criança pegando, ouvindo, combinando e experimentando objetos. O passo seguinte consiste na leitura dos signos gráficos ou seja das palavras.

Sabe-se que ao longo dos anos a alfabetização escolar tem sido alvo de inúmeras controvérsias teóricas, exigindo que a escola e, sobretudo, aqueles profissionais que lidam com o desafio de alfabetizar se posicionem em relação às mesmas, o que certamente terá consequências para as práticas pedagógicas que irão adotar.

Segundo Soares a palavra Letramento surge em 1986 e a partir daí se propaga pode-se compreender fazendo a leitura da citação a seguir:

A palavra letramento apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986 [...] em 1988 no livro Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso, de Leda Verdiani Tfouni [...] em 1995 no livro Os significados de Letramento, de Ângela Kleiman (SOARES, 1998, p. 32-33).

De acordo com Mortatti (2004, p.105) "letramento é, sobretudo, um conjunto de práticas sociais em que os indivíduos se envolvem de diferentes formas, de acordo com as demandas do contexto social e das habilidades e conhecimentos de que dispõem."

Já na concepção de Soares (2002, p. 145) o letramento é definido como: "estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento". Ainda sob o ponto de vista da autora existem duas dimensões de letramento sendo a individual e a social. A dimensão individual de letramento, que envolve especificamente a competência de ler e escrever e compreender o que está lendo e escrevendo, requer um conjunto de habilidades, quais sejam: motoras, cognitivas e metacognitivas. Ressalta ainda que ler e escrever são processos diversos, embora complementares, que requerem habilidades diferenciadas. A dimensão social do letramento apresenta-se como uma prática social, ou seja, de que forma, em um

determinado contexto, as pessoas demonstram familiaridade com algumas práticas de leitura e de escrita.

Na atualidade, quando se estuda a função social da escrita e da leitura, observa-se que a experiência com textos de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do letramento, pois, para que o indivíduo possa ser considerado letrado, é necessário conhecer a forma como a linguagem escrita se organiza e os diferentes modos de como se apresenta. Para isso, a sala de aula precisa ser um espaço de construção de conhecimento e de encontro de diferentes linguagens, que propiciem o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita e a compreensão da função social da escrita e da leitura. (NORÁ, 2006, p. 10)

Verifica-se que atualmente cada vez mais nota-se a necessidade de uma educação básica que priorize a reflexão e a autonomia moral. Isto, de certa forma, significa dizer que carecemos de uma educação que nos ofereça a possibilidade de discernir e deliberar com independência e responsabilidade acerca das relações referentes à manutenção da vida, ao domínio público e ao âmbito pessoal. O cenário e o compasso mundial mudaram seu ritmo nos últimos tempos.

Nas duas últimas décadas do século passado a maneira de pensar em relação à leitura e à escrita vem-se transformando enormemente. Estudiosos têm mudado suas visões no que se refere à linguagem e ela passa a ser vista como um processo dinâmico em contextos significativos da atividade social em todos os seus aspectos quer sejam eles: familiares, comunitários, profissionais, religiosos etc. Contudo, entendemos que uma pessoa não aprende unicamente pelo que tem de individual, mas também pelo contexto que a cerca, incluindo significados e usos produzidos em suas redes de relações com o outro. (SILVA, 2000, p. 2)

A emancipação da alfabetização impõe mudanças profundas em toda a instituição escolar e no pensamento coletivo dos professores, supõe transformar a organização escolar de acordo com novos critérios; supõe também mudar a concepção diária da atividade escolar, até torná-la capaz de conseguir que todos trabalhem e aprendam a partir de suas próprias possibilidades.

Letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone; sabe escrever e escreve cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. São exemplos das práticas mais comuns e cotidianas de leitura e escrita; muitas outras poderiam ser citadas. (SOARES, 2000, p. 5)

Sob a perspectiva da dimensão individual, é difícil definir letramento, devido à extensão e diversidade das habilidades individuais que podem ser consideradas como constituintes do letramento. Uma primeira fonte de dificuldade, que atinge o cerne mesmo da questão, é que o letramento envolve dois processos fundamentalmente diferentes: ler e escrever.

Ler e escrever são processos frequentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de um mesmo fenômeno: a comunicação através da língua escrita. Mas há diferenças fundamentais entre as habilidades e conhecimentos empregados na leitura e aqueles empregados na escrita, assim como há diferenças consideráveis entre os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e os envolvidos na aprendizagem da escrita. (SMITH, 1973, p. 117)

Apesar dessas diferenças fundamentais, as definições de letramento frequentemente tomam a leitura e a escrita como uma mesma e única habilidade, desconsiderando as peculiaridades de cada uma e as dessemelhanças entre elas (uma pessoa pode ser capaz de ler, mas não ser capaz de escrever; ou alguém pode ler fluentemente, mas escrever muito mal).

O conceito de letramento começou a ser pesquisado nos meios acadêmicos para distanciar os estudos sobre o impacto social da escrita em relação ao processo de alfabetização, aos poucos foi se ampliando para “descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como eram, e quais os efeitos, das práticas de letramento em grupos minoritários. (KLEIMAN, 2001, p.16).

Para Soares (1999, p. 17) o letramento é “resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”

Considerando a dimensão individual do letramento, essas definições levam a entender que as habilidades de leitura e escrita caracterizam uma pessoa letrada alguém capaz de ler e escrever com compreensão.

A busca do alfabetizar letrando implica necessariamente uma concepção dialógica da linguagem, considerá-la como o lugar da interação humana, como uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento e de transformação da realidade.

8.4 Concepção de Infância

Para considerar a infância em toda a sua dimensão, é preciso olhar não só para o cotidiano da instituição de ensino como também para os outros espaços sociais em que as crianças estão inseridas. É importante também saber em que atividades estão envolvidas quando não estão na escola e se existe locais de encontros com outras crianças.

Ampliando o olhar nós do Colégio Betta, percebemos que não só a escola e a legislação têm voltado sua atenção para a criança. A mídia também encontrou na infância um grande público consumidor. Hoje as crianças estão expostas a comerciais que buscam criar desejos e incentivar o consumo.

Nesse viés compreendemos que as crianças possuem modos próprios de compreender e interagir com o mundo. A nós, professores, cabe favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro com seus próprios espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola.

Ressalta-se que o Colégio Betta entende que a infância almejada para nossas crianças, não é um colégio que engessa, segrega, a divide em classes, impossibilita as diferentes linguagens de coexistência, não é um colégio que espera e provê um conhecimento restrito, pré-concebido, na qual a criança só venha para completar, mas sim uma escola aonde a criança venha para complementar.

8.5 Concepção de Criança

O Colégio Betta entende que as crianças têm uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Anuncia que, nas interações que estabelecem desde cedo com pessoas próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas, seus anseios e desejos. Percebemos que, no processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam-se das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Tal concepção de criança posta no Projeto Político Pedagógico do Colégio se encontra apoiada nas teorias Histórico-Cultural e Epistemologia Genética, como vamos encontrar nas referências bibliográficas, A concepção de construção do conhecimento pelas crianças em situações de interação social foi pesquisada, com diferentes enfoques e abordagens, por vários autores, dentre eles: Jean Piaget, Lev Semionovitch Vigotsky e Henri Wallon. Nas últimas décadas, esses conhecimentos que apresentam tanto convergências como divergências, têm influenciado marcadamente o campo da educação. Sob o nome de construtivismo reúnem-se as ideias que preconizam tanto a ação do sujeito, como o papel significativo da interação social nos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. (BRASIL, 1998, vol.1, p. 21-22).

8.5 Concepção de Educação Infantil

A Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, é reconhecida pela Escola Barão como importante aliada na promoção do desenvolvimento da criança pequena. O Colégio, como instituição educativo-pedagógica, revela-se como espaço privilegiado para as crianças viverem, também, de diferentes modos, a sua infância. Uma de suas

principais características é a possibilidade que cria, diariamente, encontros entre criança-criança, crianças-adultos, adultos-adultos e adultos-crianças-familiares que compartilham tempos e espaços no dia-a-dia educativo.

Ao considerar as crianças como sujeitos de direito, cidadãs e portadoras de vez e voz, o Colégio Betta e seus profissionais se dispõem a reconfigurar o ideário moderno de infância e de criança. Isso porque percebem a necessidade de ter clareza de que infância é um tempo social eivado de singularidades e de que os modos de viver a condição de criança se manifestam, no cotidiano institucional, sob roupagem com diferentes formas expressivas.

O Colégio Betta considera como objetivo central da ação pedagógica na Educação Infantil a ampliação do repertório cultural das crianças, tendo como eixos curriculares as interações e as brincadeiras, permeadas pelas linguagens musical, oral e escrita, matemática e corporal. Orienta-se que os professores planejem atividades desafiadoras para e com as crianças; atividades que as desafiem a fazer narrativas, descrições, comparações, relações, construções em várias dimensões, explorando diferentes espaços e materiais; atividades que as provoquem a pensar, tomar decisões e resolver problemas; atividades que tomem como referência conceitos fundamentais que precisam ser explorados em espaços coletivos de Educação Infantil, conforme mapa conceitual e expectativas de aprendizagem definidas em sua Proposta Curricular. Essas dimensões do planejamento sinalizam a necessidade e a possibilidade de uma rotina heterogênea e de um planejamento que seja centrado na partilha entre adulto e criança por meio de Projetos.

A Educação Infantil trabalha, prioritariamente, com o intuito de atender ao que preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB nº 05/2009), garantindo o desenvolvimento integral das crianças.

O Colégio atende a etapa creche e pré-escola e realiza a transição para o Ensino Fundamental por meio da documentação pedagógica.

TÍTULO IX

FUNDAMENTOS ÉTICOS POLÍTICOS

9.1 Respeito

O respeito se traduz pela valorização de cada indivíduo em sua singularidade, nas características que o constituem. Trazem guardados, em sua significação, as ideias de individualidade e de autoridade; na tomada de consciência que cada pessoa faz de si própria, revela-se a presença do outro como constituinte de sua existência social.

A reflexão sobre respeito é bastante complexa. Entende-se que ele é uma atitude, os sentimentos nos quais se baseia podem conferir-lhe sentidos diferentes. Assim, a atitude, de respeito pode estar associada à de submissão, derivada de sentimentos como o medo ou a inferioridade. É o caso de quem respeita alguém, por ser mais forte ou por ter mais poder. Pode-se observar, na sociedade brasileira, a presença desse tipo de respeito numa expressão popularmente frequente: “Você sabe com quem está falando?”. Essa expressão traduz uma exigência de respeito unilateral. “Eu sou mais que você, portanto, respeite-me”. É a frase que muitas “autoridades” gostam de empregar para se verem prestigiados, ou quando se sentem de alguma forma, destacadas no exercício de seu poder. Não faltam exemplos de pessoas que se submetem a esse tipo de atitude e mantêm-se constantemente em volta do poder, aceitando vantagens pessoais em troca de submissão e humilhação.

Por outro lado, a atitude de respeito pode estar associada à de veneração, de consideração. Respeitam-se alguém que possua atributos ou qualidades que são a coragem, em suma, traços de caráter considerados positivos.

Além de poder estar associado a uma atitude positiva ou negativa, o respeito pode-se dar de maneira unilateral ou recíproca. No universo das relações espontâneas, é possível que alguém nutra sentimentos de admiração e consideração, por outro sem ser correspondido. Por outro lado, é também possível e mesmo desejável, que duas pessoas sintam uma admiração e consideração recíprocas.

As formas de respeito evidenciam valores presentes na socialização, na aprendizagem que se dá no interior das instituições sociais. Educada de uma determinada maneira, num espaço em que se valorizam as relações assimétricas, uma

criança pequena concebe o respeito como unilateral, portanto, dirigido a pessoas prestigiadas, apresentadas a ela como poderosas. Em outro contexto, pode aprender a valorizar e vivenciar a relação de reciprocidade: respeitar a ser respeitado.

O respeito ganha seu significado mútuo, mais frequente no espaço das relações diretas, no convívio próximo e constante. Entretanto, os caracteres universais da dignidade humana e do ideal democrático de convívio social supõem uma base mais ampla do que aquela que o convívio direto entre as pessoas pode possibilitar. Com base na noção de humanidade, de comunidade humana, o respeito deve deixar de ser apenas uma atitude baseada nas empatias das relações pessoais para tornar-se um princípio que norteie todas as condutas, inclusive as que envolvem contatos esporádicos entre pessoas nas ruas ou locais públicos, os juízos entre grupos de pessoas diferentes que não mantenham contato direto.

A ideia de humanidade é importante na construção do princípio de respeito mútuo, articulando individualidade e diversidade, desvendando as inter-relações nem sempre percebidas entre as pessoas a percepção dos vários níveis de sociabilidade que permeiam as relações entre as pessoas - desde as menos formais, como as relações pessoais e efetivas, em pequenos grupos, passando pelas mais formais como situação de trabalho de escola, convívio em lugares públicos, e culminando nas mais abstratas, que envolvem o exercício da cidadania, na participação política em movimentos sociais - permite reflexão e diferenciação de formas de conduta respeitosa. Assim é possível refletir sobre quais condutas são de vidas e podem ser exigidas tanto nas relações formais regulamentadas por normas de convívio social.

O princípio de que todas as pessoas merecem respeito, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, assim como as manifestações socioculturais dos diferentes grupos sociais que constituem a sociedade, fundamenta a afirmação do respeito mútuo. Essa ideia se desdobra em tópicos que indicam o que é necessário que os alunos aprendam com relação a respeitar e ser respeitado.

a) Compreensão

Compreensão de que todas as pessoas precisam sentir-se respeitadas e sentir que delas se exige respeito.

O convívio com respeito na escola é a melhor experiência que pode ser oferecida ao aluno.

É vivendo experiências de respeito e refletindo sobre o respeito nas diferentes áreas de conhecimento que se aprende a respeitar e a exigir respeito. Essa aprendizagem inclui também o envolvimento dos alunos na definição das condutas desejáveis nas relações interpessoais, no cotidiano do trabalho na escola.

b) Identificação

Identificação de diferentes formas de se demonstrar respeitos correspondentes a diferentes esferas de sociabilidade e convívio: relações pessoais, relações formais e relações indiretas.

Na vida em sociedade, as pessoas assumem os papéis diferenciados, definidos a partir das relações sociais vividas. Cada papel social guarda em seu interior uma indicação de comportamento nas diversas esferas de que se participa.

A discussão de questões-problema ou dilemas que se relacionam às responsabilidades assumidas nos diferentes papéis, as diferentes atitudes que as pessoas têm ao assumir um papel, as normas que definem responsabilidade nos papéis sociais, têm a intenção de desencadear entre os alunos reflexões sobre as diferentes esferas de sociabilidade, as formas de expressar respeito aos colegas, professores e outros funcionários da escola, autoridades de diferentes instituições, bem como as posturas pertinentes a diferentes situações sociais.

c) Reconhecimento

Reconhecimento dos limites e possibilidades pessoais e alheias.

Revelar os seus conhecimentos, expressar seus sentimentos e emoções, admitir suas dúvidas sem ter medo de ser ridicularizado, exigir seus direitos, são aprendizagens que valorizadas contemplam o conteúdo do respeito mútuo.

Os alunos podem ser estimulados a conhecer melhor as suas potencialidades e a de seus colegas, por meio de auxílio que o professor pode oferecer. A organização das salas de

aulas com essa intenção, além de atender a um direito do aluno de não ser discriminado, possibilitará de uma forma mais rica a construção do respeito mútuo por meio da cooperação.

- Identificação e repúdio de situações de desrespeito.

Existem situações de preconceito, com aquelas em que se estigmatizam, em geral com apelidos pejorativos, aqueles cuja aparência não corresponde a um “ modelo ” ocasionalmente valorizado, assim como discriminações relacionadas à religiões, etnia, sexo, etc.

Reconhecer que situações de preconceito e desrespeito acontecem nas relações interpessoais cotidianas e que não são só os adolescentes que passam por isso, é muito importante para pensar em formas de intervenção nessas situações. As atitudes contraditórias são comuns nas relações. Assumir que elas existem, provoca a busca de respostas, a conhecer melhor aqueles com quem se convive.

Não é apenas nas relações pessoais, entretanto, que os desrespeitos acontecem. Podem acontecer de formas de desrespeito mútuo entre pessoas e instituições, na própria formulação de normas e regras de funcionamento destas. As normas e regras das instituições têm objetivo de melhorar a convivência entre as pessoas, porém há casos em que refletem uma concepção autoritária, estabelecendo obrigações que impossibilitam a inclusão de muitos. Quando as normas estabelecidas evidenciarem um caráter de exclusão, é importante, que sejam revistas e reelaboradas.

9.2 Justiça

O tema da Justiça sempre atraiu todos àqueles que pensaram sobre a moralidade, desde a antiguidade, e encanta e inquieta todos aqueles que se preocupam com a pergunta “Como agir na relação com os outros?”. A rigor, ela poderia ser assim formulada: “Como ser justo com os outros?”. Ou seja, “Como respeitar seus direitos? Quais são esses direitos? E os meus?”.

O conceito de Justiça pode remeter à obediência às leis. Por exemplo, se a lei prevê que os filhos são herdeiros legais dos pais, deserdá-los será considerado injusto. Um juiz justo

será aquele que se retém à lei, sem feri-la. Será considerado injusto se, por algum motivo, resolve ignorá-la.

Porém, o conceito de justiça vai muito além da dimensão legal. As leis são comandos coercitivos, que podem ser sábios ou tolos, justos ou injustos. De fato, uma lei pode ser justa ou não. A própria lei pode ser ela mesma, julgada com base em critérios éticos. Por exemplo, no Brasil, existiu uma lei que proibia os analfabetos de votar.

As duas dimensões da definição de Justiça são importantes. A dimensão legal da Justiça deve ser contemplada pelos cidadãos. Muitos, por não conhecerem certas leis, não percebem que são alvos de injustiças. Não conhecem seus direitos; se os conhecessem, teriam melhores condições de lutar para serem respeitados. Porém, a dimensão ética e insubstituível, precisamente para avaliar de forma crítica certas leis, para perceber como, por exemplo, privilegiar alguns em detrimento de outros. E os critérios essenciais para se pensar eticamente sobre a justiça, são igualdade e equidade.

A igualdade reza que todas as pessoas têm direitos iguais. Não há razão para alguns serem “mais iguais que os outros”. É dessa maneira que se ensinam as crianças desde cedo. Deve-se considerar, entretanto, que a igualdade que é essencial à justiça, é menos a igualdade entre objetos que se trocam ou repartem do que entre os sujeitos envolvidos na relação-igualdade de direitos articulada as diferenças que caracterizam os indivíduos.

As pessoas também não são iguais no que diz respeito a seus feitos e, da mesma forma, seria considerado injusto dar igual recompensa ou castigo a todas as ações. Fazer Justiça é considerar a diversidade, pois o critério da equidade restabelece a igualdade respeitando as diferenças. Não é sem razão que o símbolo da Justiça é precisamente uma Balança.

A importância da valorização da Justiça para a formação do cidadão é evidente.

Em primeiro lugar, para o convívio social, sobretudo quando se detém algum nível de poder que traz a responsabilidade de decisões que afetam a vida de outras pessoas. Numa escola, os professores também devem fazer essa pergunta para julgar as atitudes de seus alunos.

Em segundo lugar, para a vida política julgar as leis segundo critérios de justiça, julgar a distribuição de renda de um país segundo o mesmo critério, avaliar se há igualdade de oportunidades oferecidas a todos, se há impunidade, para

alguns, se o poder político age segundo o critério da equidade, se os direitos dos cidadãos são respeitados. A formação para o exercício da cidadania passa necessariamente pela elaboração do conceito de justiça e seu constante aprimoramento.

Atuar com Justiça nas diferentes situações que se apresentam na vida cotidiana escolar é um desafio muito grande: não existe um modelo de como ser justo, nem métodos preconcebidos que garantam o aprendizado, uma vez que as situações reais são sempre complexas.

A valorização da Justiça implica o posicionamento contrário às situações de injustiça tanto na vida cotidiana como nos acontecimentos próximos e nas situações distantes no tempo e no espaço. O aprendizado desta atitude compreende a leitura dos subtextos e das intencionalidades dos discursos teóricos, comunicativos, informativos etc.; além da análise das diferentes leituras dos fatos.

No convívio escolar, inúmeras situações pedem e possibilitam a reflexão sobre as consequências das decisões para os diferentes sujeitos envolvidos nas situações, o que é fundamental para o desenvolvimento da atitude de repúdio as injustiças e para a busca de alternativas para sua superação.

9.3 Solidariedade

O respeito mútuo tem sua significação ampliada no conceito de Solidariedade. Talvez se possa mesmo dizer que os gestos de solidariedade são, concretamente, expressão de respeito dos indivíduos uns pelos outros. Ser solidário é, efetivamente, além do respeito dos indivíduos uns pelos outros. Ser solidário é efetivamente, além do respeito, partilhar de um sentimento de interdependência, reconhecer a pertinência a uma comunidade de interesses e afetos, tomar para si questões comuns, responsabilizar-se pessoal e coletivamente por elas.

O que se deseja no Colégio Betta é aproximar as ideias de Solidariedade e de doação, de ajuda desinteressada.

A força da Solidariedade dispensa que se demonstre sua relevância para as relações interpessoais. É importante, entretanto, estar atento para alguns equívocos, que se consta em certas circunstâncias. É necessário considerar, também as formas de ser solidário. Não se é solidário apenas ajudando pessoas próximas ou engajando-se em campanhas de socorro de pessoas necessitadas. Essas formas são genuína tradução

da Solidariedade humana, mas há outras. Uma delas, que vale mencionar, diretamente relacionada com o exercício da cidadania, é a da participação no espaço público, na vida política. O exercício da cidadania não se traduz apenas pela defesa dos próprios interesses e direitos, embora tal defesa seja legítima. Passa necessariamente pela solidariedade, por exemplo, pela atuação contra injustiças ou injúrias que outros estejam sofrendo. É pelo menos o que se espera para que a democracia seja um regime político humanizado e não mera máquina burocrática.

A necessidade de começar a fazer parte do mundo adulto, o desejo de agir sobre a realidade e modificá-la é marcante na adolescência e na juventude. Na escola essa energia pode ser canalizada em prol de atividades que visem o bem-estar de todos, na perspectiva do desenvolvimento de atitudes solidárias.

Entretanto, para que a solidariedade seja concretizada, é necessário que o ensino contemple tanto a valorização de atitudes como aprendizado de formas concretas de atuação.

É importante que o aluno perceba que pode ser solidário tanto ao ajudar um amigo doente, que necessita momentaneamente de auxílio, como ao de lutar por um ideal coletivo da sociedade. Ele precisa ter conhecimento das questões sociais mais urgentes, sensibilizar-se com elas, refletindo sobre os valores presentes nas sociedades e sobre os princípios que devem ser assumidos por todos para agir solidariamente.

Uma aprendizagem importante para o desenvolvimento da atitude de solidariedade está relacionada com a percepção das causas das dificuldades que os “outros” enfrentam.

O professor deve estimular para que sejam resgatadas as atitudes que valorizem a prática da solidariedade na sala de aula - aí convivem ritmos de aprendizagens diferenciados, são expressos desejos e emoções distintos. O respeito aos colegas e a relação de cooperação precisam ser valorizadas e assumidas por todos. Os alunos precisam sentir que podem e necessitam ajudar e ser ajudados, por exemplo, é muito importante estimular a partilha. Aqueles que têm mais dificuldade em aprender podem ser auxiliados pelos colegas, se forem propostas na sala de aula parcerias e estratégias de colaboração, responsabilizando a todos pela aprendizagem de todos, numa relação solidária.

Para que o jovem aprenda a repudiar atitudes violentas é preciso que saiba identificá-las. O papel da escola é o de

desvelar essa situação por meio de discussões que explicitem os diferentes tipos de violência (física, moral, simbólica) que jovens adultos e crianças possam conhecer instituições que auxiliem vítimas de violência e possibilidade de denunciar essas atitudes.

Faz-se necessário chamar a atenção para atitudes que contribuem para que as pessoas não se mobilizem para uma ação solidária.

Ao mesmo tempo, é importante a valorização de atitudes de solidariedade identificadas na escola e fora dela. Não se pode deixar de marcar que, ao lado de atitudes de indiferença e descrédito, tem-se assistido também a uma revalorização da solidariedade traduzida tanto em ações coletivas e de caráter político (tal como o próprio movimento pelos direitos humanos, a Anistia Internacional etc.) como em ações individuais ou de pequenos grupos que se mobilizam para o enfrentamento de problemas específicos (tais como campanhas de ajuda, atendimento a pessoas necessitadas, etc.).

9.4 Interação e Cooperação

O sucesso de um projeto educativo depende do convívio em grupo produtivo e cooperativo. Dessa forma, são fundamentais as situações em que se possa aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajudá-lo, a pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta etc. É essencial aprender procedimentos dessa natureza e valorizá-los como forma de convívio escolar e social. Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade.

A criação de um clima favorável a tal aprendizado depende do compromisso do professor em aceitar contribuições dos alunos e em favorecer o respeito, por parte do grupo, assegurando a participação de todos os alunos.

Assim, a organização de atividades que favoreçam a fala e a escrita como meios de reorganização e reconstrução das experiências compartilhadas pelos alunos ocupam papel de destaque no trabalho em sala de aula. A comunicação propiciada nas atividades em grupo levará os alunos a perceber a necessidade de dialogar, resolver mal-entendido, ressaltar

diferenças e semelhanças, explicar e exemplificar, apropriando-se de conhecimentos.

A Escola Betta, proporciona aos seus alunos a interação nos aspectos emocionais, afetivos e cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer. A afetividade, o grau de aceitação ou rejeição, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em um grupo que interferem diretamente na produção do trabalho. A participação de um aluno muitas vezes, varia em função do grupo em que está inserido.

Em síntese, a disponibilidade cognitiva e emocional dos alunos para a aprendizagem é fator essencial para que haja uma interação cooperativa, sem depreciação do colega por sua eventual falta de informação ou incompreensão. Aprender a conviver em grupo supõe um domínio processual de procedimentos, valores, normas e atitudes.

A organização dos alunos em grupo de trabalho influencia o processo de ensino e aprendizagem e pode ser otimizada quando o professor interfere na organização dos grupos. Organizar por ordem alfabética ou por idade não é a mesma coisa que organizar por gênero ou por capacidades específicas; por isso, é importante que o professor discuta e decida os critérios de agrupamento de seus alunos.

O convívio escolar pretendido depende do estabelecimento de regras e normas de funcionamento e de comportamento que sejam coerentes com os objetivos definidos, no projeto educativo. A comunicação clara dessas normas possibilita a compreensão pelos alunos das atitudes de disciplinas demonstradas pelo professor dentro e fora da classe.

TÍTULO X

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

10.1 Teoria de Vigotsky

Os Fundamentos Epistemológicos tratam da construção do conhecimento e a definição da linha pedagógica que continuará se desenvolvendo no Colégio Betta.

A Escola Betta, por estar em fase de transição da linha tradicionalista para a linha interacionista devido ao fato dos

professores serem formados na linha tradicional os mesmos através de estudos fundamentados epistemologicamente em Vigotsky, estarão definindo a didática de sala de aula para contribuir na formação de alunos autores e não atores.

Para Vigotsky (1991) o desenvolvimento se baseia na concepção de um organismo ativo, cujo pensamento é construído paulatinamente num ambiente que é histórico em essência social.

Nessa teoria é dado destaque às possibilidades que o indivíduo dispõe a partir do ambiente em que vive e que dizem respeito ao acesso que o ser humano tem a instrumentos físicos e simbólicos, desenvolvidos em gerações precedentes.

Vigotsky (1991) defende a ideia de contínua interação entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano; as oportunidades que se abrem para cada criança são muitas e variadas, adquirindo destaque às formas pelas quais as condições sociais e as interações humanas afetam o pensamento e raciocínio. Gradativamente as interações sociais com adultos ou com companheiros mais experientes governam o desenvolvimento do pensamento e do próprio comportamento da criança.

A forma de como a fala é utilizada na interação social e desempenha um papel importante na formação e organização do pensamento complexo e abstrato. O nível individual, à medida que as crianças crescem, a ajuda externa vai se tornando, desse modo, desnecessária.

Ao internalizar instruções, as crianças modificam suas funções psicológicas; atenção, memória, capacidade para solucionar problemas. É dessa maneira que formas historicamente determinadas e socialmente organizadas de operar com informações, influencia o conhecimento individual, a consciência de um mundo.

Vigotsky (1991) adota a visão de que o pensamento e linguagem são dois círculos interligados, e aponta o papel da capacidade do homem de atender e utilizar a linguagem.

“O pensamento passa por muitas transformações até transformar-se em fala. Não é só a expressão que ele encontra na fala, encontra a sua realidade e a sua forma.”

As palavras dão forma ao pensamento, passando a estruturá-lo, e este, por sua vez, precisa das palavras para se expressar. O significado das palavras é um ato de pensamento, pois toda palavra é a generalização de um conceito que, por sua

vez, vai sendo construído e reconstruído pelo sujeito, historicamente, nas inter-relações sociais.

A linguagem escrita, como qualquer outra linguagem, faz parte do cotidiano das pessoas. Vivemos cercados de textos, que servem para convencer, informar, comunicar e expressar, entre outras coisas, ideias e sentimentos. Mesmo aqueles que não sabem ler e escrever convivem com uma série de textos impressos em diferentes objetos e lugares, e participam de inúmeras situações nas quais a leitura e a escrita estão presentes. O contato com o mundo letrado faz com que percebam não só as situações de uso e as funções dos textos, como também as suas características linguísticas e visuais.

Quando o aluno chega à escola e faz uso de muitas linguagens, ele também já construiu uma série de conhecimentos e hipóteses sobre a linguagem escrita. Sabe, por exemplo, que numa embalagem deve estar escrito, pelo menos, o nome do produto. Se tiver contato com livros de histórias infantis, quando vê a professora com um na mão, já imagina que vai ouvir uma história. A participação em práticas de leitura e de escrita, no cotidiano, possibilita e amplia os seus conhecimentos sobre a língua. Um mesmo texto, além de poder ser lido de muitas maneiras pelo mesmo sujeito, cada um lê da sua forma e do lugar que ocupa socialmente.

Como já vimos, de acordo com Vigotsky (1991), diferentes linguagens mobilizam diferentes formas de pensar. E a linguagem escrita exige um alto grau de abstração. Primeiro, por que a fala em pensamento e em imagens de palavras, carecendo de qualidades musicais, expressivas de entonação. Ao escrever o sujeito tem de substituir palavras por imagens de palavras, ou seja, deve simbolizar a imagem sonora das palavras e signos escritos. Segundo, por que ela é uma fala sem interlocutor direto, dirigida a uma pessoa ausente ou imaginária. Terceiro, por que quando a criança começa a aprender a escrever, por volta dos seis ou sete anos, geralmente não sente essa necessidade; os motivos para escrever são mais distantes das suas necessidades imediatas. Quarto, por que a escrita exige um trabalho consciente em relação às palavras e à sua sequência, implicando numa tradução da fala interior, que é condensada, abreviada e compacta, para a fala oral, que é extremamente detalhada. A escrita é ainda mais complexa que a fala oral, pois, para ser inteligível, exige a explicação plena da situação da qual o sujeito está tratando.

Não basta apenas saber ler e escrever um bilhete simples, uma lista de preços ou mesmo o nome de um determinado produto. É preciso que, pela leitura, o sujeito tenha acesso a diferentes tipos de informações, para ampliar seus conhecimentos e poder aproveitar o lado criativo, expressivo e belo da literatura. É preciso também que ele saiba usar a linguagem escrita como mais um espaço de interlocução e mais uma ferramenta de pensamento, usufruindo de todas as possibilidades e ações que essa ferramenta possibilita. Além de Vigotsky o Colégio Betta trabalha e trabalhará uma educação fundada em quatro pilares:

- Aprender a conhecer, que pressupõe saber selecionar, acessar e integrar os elementos de uma cultura geral, suficientemente extensa e básica, com o trabalho em profundidade de alguns assuntos, com espírito investigativo e visão crítica; em resumo, significa ser capaz de aprender ao longo de toda a vida;
- Aprender a fazer, que pressupõe desenvolver a competência do saber se relacionar em grupo, saber resolver problemas e adquirir uma qualificação profissional;
- Aprender a viver com os outros, que consiste em envolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, na realização de projetos comuns, preparando-se para gerir conflitos, fortalecendo sua identidade e respeitando a dos outros, respeitando valores de pluralismo, de compreensão mútua e de busca da paz;
- Aprender a ser, para melhor desenvolver sua personalidade e poder agir com autonomia, expressando opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais.

TÍTULO XI

PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS

11.1 Pressupostos da Educação

Sob uma nova visão: a chamada educação do “Futuro”, conferência realizada por Edgar Morin (9/06/2000), espera-se

um novo olhar sobre a Educação Básica, revisando, repensando sobre a Educação do próximo milênio.

Ao examinarmos as práticas educacionais, observamos que o ensino deve favorecer a arte: estabelecer relações; conferir hipóteses; atribuir significação, para os quais a escola precisa estar alerta ao preparar o cidadão, em particular no que se refere à maneira como se devem entender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, à importância da relação interpessoal nesse processo, à relação entre cultura e educação e ao papel da ação educativa ajustando às situações de aprendizagem e às características da atividade mental construtiva ao aluno em cada momento de sua escolaridade.

Por esses aspectos, percebemos o quanto é difícil nos posicionarmos categoricamente, a que tendência pedagógica a assumir, visto que, na maioria dos processos educacionais, essas tendências não aparecem de forma pura, mas com características particulares admitindo divergências, porém assumem um mesmo princípio norteado de valorização do indivíduo como ser livre, ativo e social.

Nessas perspectivas, é essencial também que o professor pressuponha sua concepção de ensino aprendizagem que determinará sua metodologia de acordo com o social da escola, dos conteúdos a serem trabalhados, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes, ao seu meio como no se faz parte do patrimônio universal da humanidade.

Os conhecimentos que se constroem na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo e permanente de aquisição.

Ao elaborar esse projeto educativo, a escola discute e explicita de forma clara os valores coletivos assumidos. Delimita suas prioridades, define os resultados desejados, e nesse processo evidencia-se a necessidade do nosso aluno em uma atividade construtiva de conhecimento, permitindo-lhe interpretar a realidade e atribuir-lhe significados.

É fundamental, portanto, que a intervenção educativa escolar propicie um desenvolvimento em direção à disponibilidade exigida pela aprendizagem significativa.

Nessa ideia, o desenvolvimento e aprendizagem há processos independentes que interagem, onde um causa o outro e vice-versa.

Em síntese, existem vários mecanismos que incidem sobre o processo de construção dos conhecimentos (teorias), mas dentre eles destacam-se a organização e o funcionamento da instituição escolar e os valores implícitos e explícitos que permeiam as relações educacionais, que podem chegar a influir de maneira bastante significativa sobre o que e como os alunos aprendem.

11.2 Diversidade

A educação escolar, ao considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial para a aprendizagem, atende as necessidades singulares de determinados alunos, analisa as possibilidades de aprendizagem de cada um e avalia a eficácia das medidas adotadas.

Estar atento á diversidade e considerar não só as capacidades intelectuais e os conhecimentos de que o aluno dispõe, mas também seus interesses e motivações. Esse conjunto constitui a capacidade geral do aluno, para a aprendizagem em um determinado momento.

A escola, ao considerar a diversidade, tem como valor o respeito às diferenças e não elogio a desigualdade.

As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas, ao contrário, fator de seu enriquecimento.

No âmbito da sala de aula, o professor leva em conta fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor, mental ou psíquico, ou de superdotação intelectual.

Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstrar a necessidade de resgatar a auto-estima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos alunos, seja por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam as necessidades individuais.

A atenção á diversidade é um princípio comprometido com a equidade, ou seja, com o direito de todos os alunos realizarem as aprendizagem fundamentais para seu desenvolvimento e socialização .

11.3 Identidade

A meta maior do desenvolvimento de todo o indivíduo é a aquisição de uma plena identidade.

O sentimento de identidade se processa em vários planos: sexual, social, profissional, etc. E se forma a partir da identificação. Em relação as estruturações das identificações e das diversas formas de identidade os seguintes fatores os seguintes fatores devem ser levados em conta:

- Os valores socioculturais, com as suas normas, hábitos desses preconceitos.
- As pessoas que em seu jeito de ser, são tomadas como modelos de identificação (pais, familiares, professores, colegas).
- Identidade imposta que impregna a criança de rótulos (este menino quando crescer será...).
- As identificações que estão previamente presentes no mundo anterior de cada um dos pais, com os respectivos conflitos, valores expectativas e proibições e tudo isso tende a ser reproduzido nos filhos.
- A forma como o pai está representado dentro da mãe (vice-versa) e , portanto como a figura será transmitida ao filho assim, introjetada por este. Tal representação tem especial importância na determinação da identidade de gênero e a profissional.
- Os significados que os educadores conferem aos fatos atos, sentimentos e palavras que constituem as experiências da vida cotidiana da criança.

A aquisição de um sentimento de identidade coeso e harmônico resulta do conhecimento e da elaboração das distintas identificações parciais que, desde os primórdios foram incorporados no indivíduo através da introjeção do código de valores dos pais e da sociedade.

11.4 Autonomia

A autonomia moral e intelectual é uma capacidade a ser desenvolvida pelos alunos, e seu desenvolvimento se dá em função de uma prática educativa e exercida coerentemente com essa finalidade.

O desenvolvimento da autonomia como princípio educativo considera a atuação do aluno, valoriza suas experiências prévias, buscando essencialmente a passagem progressiva de situação em que o é dirigida por outras pessoas, a situações dirigidas pelo próprio aluno.

A autonomia refere-se à capacidade de saber fazer escolhas e de posicionasse, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos. Ter discernimentos organizar - se em função de metas eleitas, governarem - se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecerem critérios e eleger princípios éticos etc...

Isto é, a autonomia fala de uma relação emancipada, integrada com as diferentes dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos e sociopolíticos. É importante ressaltar que a construção da autonomia não se confunde com atitudes de independência. O aluno pode ser independente para realizar uma série de atividades, enquanto seus recursos internos para se governar são ainda incipientes.

A autonomia do aluno em relação à construção do conhecimento (que se traduz, por exemplo, por saber o que quer saber, como fazer, para buscar informações, como desenvolver um dado conhecimento, como manter uma postura crítica, comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão, depende fundamentalmente do desenvolvimento da autonomia moral e emocional, que envolvem auto-respeito, respeito mútuo, segurança e sensibilidade.

Como no desenvolvimento de outras capacidades, a aprendizagem de determinados procedimentos e atitudes, tais como planejar a realização de uma tarefa, identificar formas de resolver um problema, formular boas perguntas e boas respostas, levantar hipóteses e buscar meios de verificá-las, validar raciocínios, resolver conflitos, cuidar da própria saúde e da de outros, colocarem-se no lugar de outros para melhor refletir sobre uma determinada situação, considera as regras estabelecidas é um meio para a construção da autonomia.

Procedimentos e atitudes desta natureza são objetos de aprendizagem escolar, ou seja, a escola pode ensiná-los, planejada e sistematicamente, criando situações que auxiliem os alunos a se tornarem progressivamente mais autônomos. Por isso é importante que desde as séries iniciais as propostas didáticas busquem aproximações sucessivas, cada vez mais essa meta.

A aprendizagem da autonomia inclui a noção de responsabilidade pelos próprios atos. Ao optar por determinadas atitudes, diante de situações concretas, a pessoa se faz responsável pela escolha assumida.

O desenvolvimento da autonomia depende desses suportes materiais, intelectuais e emocionais. No início da escolaridade a intervenção do professor é mais intensa na interferir definição desses suportes: tempo e forma de realização das atividades, organização dos grupos, materiais a serem utilizados, resolução de conflitos, cuidados físicos, estabelecimentos de etapas para a realização das atividades.

Também é preciso considerar tanto o trabalho individual como o coletivo cooperativo. O trabalho individual é potencializado pelas exigências feitas aos alunos para se responsabilizarem por suas ações, suas ideias, suas tarefas, pela organização pessoal e coletiva, pelo envolvimento com o objeto de estudo.

O trabalho em grupo, ao valorizar a interação como instrumento de desenvolvimento pessoal, exige que os alunos considerem diferenças individuais, tragam contribuições, respeitem as regras estabelecidas, proponham outras atitudes que propiciem o desenvolvimento da autonomia na dimensão grupal.

É importante salientar que a autonomia não é um estado psicológico geral que, uma vez atingido, esteja garantido para qualquer situação. Por um lado, por envolver a necessidade de conhecimentos e condições específicas, pois uma pessoa pode ter autonomia para atuar em determinados campos e não em outros; por outro, por implicar no estabelecimento de relações democráticas de poder e autoridade, pois é possível que alguém exerça a capacidade de agir com autonomia em algumas situações e não noutras, nas quais não podem interferir.

É necessário, portanto, que a escola busque sua extensão aos diferentes campos de atuação. É necessário também que as decisões assumidas pelo professor auxiliem os alunos a desenvolver essas atitudes e aprender os procedimentos adequados a uma postura autônoma, que só será afetivamente alcançada por meio de investimentos sistemáticos ao longo de toda escolaridade.

Cabe ressaltar que na Educação infantil a convivência e as situações em que se torna necessária a solução de problemas individuais e coletivos pelas crianças devem ser previamente programadas, com foco nas motivações estimuladas e

orientadas pelos professores e demais profissionais de educação e outros de áreas pertinentes, respeitados os limites e as potencialidades de cada criança e os vínculos desta com a família ou com o seu responsável direto.

11.5 Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição de disciplinas e ao mesmo tempo evitar a diluição das mesmas em generalidades. De fato será principalmente na possibilidade de relacionar as disciplinas em atividades ou projetos de estudo, pesquisa e ação, que a interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didática adequada aos objetivos de ensino médio.

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que podem ser questionados, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos.

Tendo presente este fato é fácil constatar que algumas disciplinas se identificam e aproximam, outras se diferenciam e distanciam, em vários aspectos: pelos métodos e procedimentos que envolvem, pelo objeto que pretendem conhecer, ou ainda pelo tipo de habilidades que mobilizam naquele que a investiga, conhece, ensina e aprende.

A interdisciplinaridade também está envolvida quando os sujeitos que conhecem, ensina e aprendem, sentem necessidades de procedimentos que, numa única visão disciplinar podem parecer heterodoxos mas fazem sentido quando chamamos a dar conta de temas complexos. Se alguns procedimentos artísticos podem parecer profecias nas perspectivas científicas, também é verdade que a foto do cogumelo resultante da explosão nuclear também explica, de um modo diferente da física, o significado da atômica.

Nesta multiplicidade de interações e negações recíprocas, a relação entre as disciplinas tradicionais pode ir da simples comunicação de ideias até a integração mútua de conceitos diretos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia e dos procedimentos de coleta e análise de dados. Ou pode

efetuar-se, mais singelamente, pela constelação de como são diversas as várias formas de conhecer.

Pois até mesmo esta “interdisciplinaridade singela” é importante para que os alunos aprendam a olhar o mesmo objeto sob perspectivas diferentes.

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador que pode ser objeto de conhecimento, um projeto de investigação um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção, são processos que requerem conhecimentos que vai além da descrição da realidade e mobiliza competências cognitivas para reduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado.

A partir do problema gerador do projeto, que pode ser experimento, um plano de ação para intervir na realidade ou uma atividade, são intensificados os conceitos de cada disciplina que podem contribuir para descreve-lo, explica-lo e prever soluções. Dessa forma o projeto é interdisciplinar na sua concepção, execução e avaliação, e os conceitos utilizados podem ser formalizados, sistematizados e registrados em âmbito das disciplinas que contribuem para o seu desenvolvimento. O exemplo do projeto é interessante para mostrar que a interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas o fatores que intervém sobre a realidade sobre a realidade e trabalha todas as linguagem necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registros sistemático de resultados.

Essa integração entre as disciplinas para buscar compreender, prever, transformar a realidade aproxima-se daquilo que Piaget chama de estruturas subjacentes. O autor destaca um aspecto importante neste caso: a compreensão dessas estruturas subjacentes não dispensa o conhecimento especializado, ao contrário. Somente o domínio de uma dada área permite superar o conhecimento meramente descritivo para captar suas conexões com outras áreas do saber na busca de explicações.

A interdisciplinaridade pode ser também compreendida se considerarmos a relação entre pensamento e a linguagem,

descobertas pelos estudos sócios- internacionais do desenvolvimento e da aprendizagem. Esses estudos revelam que, seja nas situações de aprendizagem espontânea, seja naquelas estruturadas ou escolares, há uma relação sempre presente entre os conceitos e as palavras (ou linguagem) que os expressam, de tal forma que... Uma palavra desprovida de um pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece na sombra. Todas as linguagens trabalhadas pela escola, portanto, são por natureza “interdisciplinar” com as demais áreas do currículo: é pela linguagem - verbal, visual, sonora, matemática, corporal ou outra - que os conteúdos curriculares se constituem em conhecimentos, isto é, significados que ao serem formalizados por alguma linguagem, tornam-se conscientes de si mesmo e deliberados.

Sem a pretensão de esgotar o amplo campo de possibilidades que a interação entre linguagem e pensamento abre para a pedagogia da interdisciplinaridade, alguns exemplos poderiam ser lembrados: a linguagem verbal com alguns dos processos de conhecimento das ciências humanas e os exercícios destas últimas como forma de aperfeiçoar o emprego da linguagem verbal formal; a matemática como um dos recursos constituídos dos conceitos das ciências naturais e a explicação das leis naturais como exercício desenvolvem o pensamento matemático; a informação com recursos que pode contribuir para reorganizar e estabelecer novas relações entre conceitos científicos e estes como elementos explicativos dos princípios da informática; as artes como constitutivas dos pensamentos simbólicos, metafórico e criativo indispensáveis nos exercícios de análise, síntese e solução de problemas, competência que se busca desenvolver em todas as disciplinas.

Outra observação feita pelos estudos de Vygotsky (1993) refere-se a existência de uma interdependência entre a aprendizagem dos conteúdos curriculares e o desenvolvimento cognitivo. Embora já não se aceitem as ideias herbartianas da disciplina formal, que supunha uma associação linear entre cada disciplina escolar e um tipo específico de capacidade mental, também não é razoável supor que o desenvolvimento cognitivo se dá de forma independente da aprendizagem em geral e, em particular, da aprendizagem sistemática organizada pela escola.

Investigações sobre a aprendizagem de conceitos científicos em crianças e adolescentes indicam que a aprendizagem funciona como antecipação do desenvolvimento

de capacidades intelectuais. Isso ocorre porque os pré-requisitos psicológicos para aprendizagem diferentes matérias escolares são, em grande parte, os mesmos, o aprendizado de uma matéria influencia o desenvolvimento de funções psíquicas envolvidas no estudo de várias matérias são interdependentes suas bases comuns são a consciência e o domínio deliberado, as contribuições principais dos anos escolares. A partir dessas descobertas, conclui-se que todas as matérias escolares básicas atuam como uma disciplina formal, cada um facilitando o aprendizado das outras...

Foi assim que durante quase um século a disciplina “sistema de pesos e medidas” fez parte do currículo da escola primária e secundária francesa, até que se consolidasse o sistema métrico decimal imposto à França no início do século XIX. Uma vez cumprido seu papel, desapareceu com a disciplina escolar e os conteúdos e habilidades envolvidos na aprendizagem do sistema de medidas foram incorporados ao ensino da matemática de onde não mais se separam. Da mesma forma a disciplina “redação” apareceu, desapareceram incorporadas a outras, e reapareceu por diversas vezes no currículo. Essa transitoriedade das disciplinas escolares mostra como é epistemologicamente frágil a sua demarcação rígida nos planos curriculares e argumenta em favor de uma postura mais flexível e integradora.

11.6 Contextualização

As múltiplas formas de interação que se pode prever entre as disciplinas tal como tradicionalmente arroladas nos quadros curriculares, faz com que toda preposição de áreas ou agrupamento das mesmas, seja resultado de um corte que carrega certo grau de arbitrariedade. Não há paradigma curricular capaz de abraçar a todas. Neste sentido seria desastroso entender uma proposta de organização por áreas como fechada ou definitiva. Mais ainda seria submeter uma área interdisciplinar ao mesmo amordaçamento estanque a que hoje estão sujeitas as disciplinas tradicionais isoladamente, quando o importante é ampliar as possibilidades de interação não apenas entre as disciplinas nucleadas em uma área como entre as próprias áreas de nucleação, a contextualização pode ser um recurso para conseguir esse objetivo.

Contextualizar o conteúdo que se quer aprendido significa em primeiro lugar assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto. Na escola fundamental ou média o conhecimento é quase sempre reproduzido das situações originadas nas quais acontece sua produção.

Por esta razão quase sempre o conhecimento escolar se vale de uma transposição didática para na qual a linguagem joga papel decisivo. O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo. Se bem trabalhado permite que, ao longo da transposição didática, o conteúdo do ensino provoque aprendizagem significativa que mobilizam o aluno e estabeleçam entre ele e o objeto do conhecimento uma relação de reciprocidade. A contextualização evoca por isto áreas, âmbitos ou dimensões presentes na vida na vida pessoal, social e cultural, e mobiliza competências cognitivas já adquiridas. As dimensões de vida ou contextos valorizados explicitamente pela LDB são o trabalho e a cidadania. As competências estão indicadas quando a lei prevê um ensino que facilite a ponte entre a teoria e prática. E isto também que propõem Piaget, quando analisa o papel da atividade na aprendizagem: compreender é inventar, ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se antes das tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é moldar indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas de repetir.

Alguns exemplos podem ilustrar essa noção. Um deles se refere ao uso da língua portuguesa no contexto das diferentes práticas humanas. O melhor domínio da língua e seus códigos se alcançam quando se entende como ela é utilizada no contexto da produção do conhecimento científico, da convivência, do trabalho ou das práticas sociais: nas relações familiares ou entre companheiros, na política ou no jornalismo, no contrário de aluguel ou na poesia, na física ou na filosofia. O mesmo pode acontecer com a matemática. Uma das formas significativas para dominar a matemática é entendê-la aplicada na análise de índices econômicos e estatísticos, nas projeções políticas ou nas estimativas da taxa de juros, associada a todos os significados pessoais, políticos e sociais que números dessa natureza carregam.

Outro exemplo refere-se ao conhecimento científico, conhecer o corpo humano não é apenas saber como funcionam os muitos aparelhos do organismo, mas também entender como funciona o próprio corpo e que consequência isso tem decisões

pessoais da maior importância tais como fazer dieta, usar drogas, consumir gorduras ou exercer a sexualidade. A adolescente que aprendeu tudo sobre aparelho reprodutivo, mas não entende o que se passa com o seu corpo a cada ciclo mensal não aprendeu de modo significativo. O mesmo acontece com o jovem que se equilibra na prancha de surfe em movimento, mas não relaciona isso com as leis da física aprendidas na escola.

Pesquisa recente com os jovens de ensino médio revelou que estes não veem nenhuma relação da química com suas vidas nem com a sociedade, como se o iogurte, os produtos de higiene pessoal e limpeza, os agrotóxicos ou as fibras sintéticas de suas roupas, fossem questões de outra esfera de conhecimento, divorciadas da química que estudam na escola. No caso desses jovens a química aprendida na escola foi transposta do contexto de sua produção original, sem que pontes tivessem sido feitas para contextos que são próximos e significados. É provável que por motivos semelhantes muitas pessoas que estudaram física na escola não conseguem entender como funciona o telefone celular. Ou se desconcertam quando tem que estabelecer a relação entre o tamanho de ambiente e a potência de “BTU’s” do aparelho de ar condicionado que estão por adquirir.

O trabalho é o contexto mais importante da experiência curricular no ensino médio, de acordo com as diretrizes traçadas pela LDB em seus artigos 35 e 36. O significado desse destaque deve ser devidamente considerado, na medida em que o ensino médio é parte integrante da educação básica e que o trabalho é o princípio organizador do currículo, muda inteiramente a noção tradicional de educação geral acadêmica ou melhor dito, academicista. O trabalho já não é mais limitado ao ensino profissionalizante. Muito ao contrário, a lei reconhece que nas sociedades contemporâneas todos, independentemente de sua origem ou destino sócio - profissional, devem ser educados na perspectiva do trabalho enquanto uma das principais atividades humanas, enquanto campo de preparação, para escolhas profissionais futuras, enquanto espaço de exercício de cidadania, enquanto o processo de produção de bens, serviços e conhecimentos com tarefas laborais que lhe são próprias.

A riqueza do contexto do trabalho para dar significados as aprendizagem da escola média é incomensurável. Desde logo na experiência da própria aprendizagem como um trabalho de constituição de conhecimentos, dando a vida escolar um

significado de maior protagonista e responsabilidade. Da mesma forma o trabalho é um contexto importante das ciências humanas e sociais, visando compreendê-lo enquanto a produção de riqueza e forma de interação do ser humano com a natureza e o ser social. Mas a contextualização no mundo trabalho permite focalizar muito, mas todos os demais conteúdos do ensino médio.

A produção de serviços de saúde pode ser o contexto para tratar os conteúdos de biologia, significados que os conteúdos dessas disciplinas poderão ser tratados de modo a serem, posteriormente, significativos e úteis e alunos que se destinem a essas ocupações. As produções de bens nas áreas de mecânicas e eletricidade contextualizam conteúdos de física com aproveitamento na formação profissional de técnicos dessas áreas.

Do mesmo modo as competências desenvolvidas nas áreas de linguagem podem ser contextualizadas na produção de serviços pessoais ou comunicação e, mais especificadamente, no exercício de atividades tais como tradução, turismo ou produção de vídeos, serviços de escritório. Ou ainda os estudos sobre a sociedade e o indivíduo podem ser contextualizados nas questões que dizem respeito a organização, a gestão, ao trabalho de equipe, a liderança, no contexto de produção de serviços tais como relações públicas, administrativa.

Competências constituídas de forma assim contextualizada constituem educação básica, são necessários para a continuidade de estudos acadêmicos e aproveitáveis em programas de preparação profissional sequencial ou concomitantes com o ensino médio, sejam eles cursos formais seja a capacidade em serviços. Na verdade constituem o que a LDB refere como preparação básica para o trabalho para o trabalho, tema que será retomado mais adiante.

O contexto do trabalho é também para a compreensão dos fundamentos científicos – tecnológicos dos processos produtivos a que se refere o artigo 35 da LDB. Por sua própria natureza de conhecimento aplicado, a tecnologia, sejam elas das linguagens e comunicação, da informação do planejamento e gestão, ou mais tradicionais, nascidas no âmbito das ciências da natureza, só podem ser entendidas de forma significativa se contextualizadas no trabalho.

A este respeito é significativo o fato de que as estratégias de aprendizagem contextualizadas ou “situada”, como são designadas na literatura de língua inglesa, nasceram nos

programas de preparação profissional, dos quais se transferiam depois para as salas de aula tradicionais.

Suas características tal como descritas pela literatura e resumidas por Stein indicam que a contextualização do conteúdo de ensino é o que efetivamente ocorre no ensino profissional de boa qualidade: na aprendizagem situada os alunos apreendem o conteúdo por meio de atividades em lugar de adquirirem informações em unidades específicas organizada pelos estruturas.

O conteúdo é inerente ao processo de fazer uma tarefa e não se apresenta separado do barulho, da confusão e das interações humanas que prevalecem nos ambientes reais de trabalho. Outro contexto relevante indicado pela LDB é o de exercícios da cidadania.

Desde logo é preciso que a proposta pedagógica assuma o fato trivial de que a cidadania não é dever nem privilégio de uma área específica do currículo nem deve ficar restrita a um projeto determinado. Exercício da cidadania é testemunho que se inicia na convivência cotidiana e deve contaminar toda a organização curricular.

As práticas sociais e políticas e as práticas culturais e de comunicação são parte integrante do exercício de cidadão, mas a vida pessoal, o cotidiano e a convivência e as questões ligadas ao meio ambiente, corpo e saúde também.

Trabalhar os conteúdos das ciências naturais no contexto da cidadania pode significar um projeto de tratamento da água ou lixo da escola ou a participação numa campanha de vacinação, ou a compreensão de porque as construções despençam quando os materiais utilizados não têm a resistência devida. E de quais são os aspectos técnicos, políticos e éticos envolvidos no trabalho na construção civil.

Objetivo semelhante pode ser alcançado se a eleição do grêmio estudantil for uma oportunidade para reconhecer melhor os sistemas políticos, ou para aprender como a matemática traduz a tendência de voto por meio de um gráfico de barras, ou para discutir questões éticas relacionadas a prática eleitoral.

Da mesma forma as competências da área de linguagem podem ser trabalhadas no contexto da comunicação na sala de aula, da análise da novela da televisão, dos diferentes usos da língua dependendo das situações de trabalho, da comunicação coloquial.

O contexto que é mais próximo do aluno e mais facilmente explorável para dar significado aos conteúdos da aprendizagem

é o da vida pessoal, cotidiano e convivência. O aluno vive num mundo de falsos regidos pelas leis naturais e este imerso num universo de relações sociais. Esta exposta à informação cada vez mais asseáveis e rodeado por bens cada vez mais certificado, produzido por materiais sempre novos. Esta exposta também a vários tipos de comunicação pessoal e de massa.

O cotidiano e as relações estabelecidas com ambiente físico e social devem permitir dar significado a qualquer conteúdo curricular, fazendo a ponte entre o que se aprendeu na escola e o que se faz, vive e observa no dia a dia.

Aprender sobre a sociedade, o indivíduo e a cultura e não compreender ou reconhecer as relações existentes entre adultos e jovens na própria família, é perder a oportunidade de descobrir que as ciências também contribuem para a convivência e a troca afetiva.

O respeito ao outro e ao público, essenciais a cidadania, também se iniciam nas relações de convivência cotidiana, na família, na escola, no grupo de amigos.

Na vida pessoal há um contexto importante o suficiente para merecer considerações específicas que é do meio ambiente, corpo e saúde.

11.7 Estética da Sensibilidade Política da Igualdade

A Estética da sensibilidade, a política da igualdade e a Ética da Identidade serão trabalhadas na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

11.8 Estética da Sensibilidade

É sabido que a expressão do tempo contemporâneo a estética da sensibilidade vem substituir a da repetição e padronização, hegemônica na era das revoluções industriais. Ela estimula à criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a efetividade, para facilitar a constituição de identidade capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e o diferente.

Diferentemente da estética estruturada, própria de um tempo em que os fatores físicos e mecânicos são determinados

do modo de produzir e conviver, a estética da sensibilidade valoriza a leveza, a delicadeza e a sutileza. Estas, por estimularem a compreensão não apenas do explicitado, mas também, e principalmente, do insinuado, são mais contemporâneos de uma era em que a informação caminha pelo vácuo, de um tempo no qual o conhecimento concentrado no micro circuito do computador vai se impondo sobre o valor das matérias primas e da força física presentes nas estruturas mecânicas.

A estética da sensibilidade realiza um esforço permanente para devolver ao âmbito do trabalho e da produção, a criação e a beleza daí banidos pela moralidade industrial taylorista. Por esta razão procura não limitar o lúdico espaços e tempos exclusivos, mas integrar diversão, alegria e senso de humor a dimensões de vida muitas vezes consideradas afetivamente austeras como a escola, o trabalho, os deveres, a rotina cotidiana. Mas a estética da sensibilidade quer também educar pessoas que saibam transformar o uso do tempo livre num exercício produtivo porque criador. E que aprendam a fazer do prazer, do entretenimento, da sexualidade, um exercício de liberdade responsável.

Como expressão de identidade nacional a estética da sensibilidade facilitara o reconhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira e das formas de perceber e expressar as realidades próprias dos gêneros, das etnias, e das muitas regiões e grupos sociais dos pais. Assim entendida a estética da sensibilidade e um substrato indispensável para uma pedagogia que se quer brasileira, portadora da riqueza de cores, sons e sabores desde pais, aberta a diversidade dos nossos alunos e professores, mas que não abdica da responsabilidade de construir cidadania para um mundo que se globalize e de dar significado universal aos conteúdos da aprendizagem.

Nos produtos da atividade humana, sejam eles bens, serviços ou conhecimentos, a estética da sensibilidade valoriza a qualidade. Nas práticas e processos, a busca de aprimoramento permanece. Ambos, qualidade e aprimoramento, associam-se ao prazer de fazer bem feito e a insatisfação com o razoável quando e possível realizar o bom e com este, quando o ótimo e factível.

Para essa concepção estética, o ensino de má qualidade e, em sua feiura, uma agressão a sensibilidade e por isso será também antiético.

A estética da sensibilidade não é um princípio inspirador apenas do ensino de conteúdos ou atividades expressivas, mas uma atitude diante de todas as formas de expressão que deve estar apresentando o desenvolvimento do currículo e na gestão escolar. Ela não se dissocia das dimensões éticas e políticas da educação na gestão escolar. Ela não se dissocia das dimensões éticas e políticas da educação porque quer promover a crítica à vulgarização da pessoa; as formas estereotipadas de expressar à realidade as manifestações que banalizam os afetos e brutalizam as relações pessoais.

Numa escola inspirada na estética da sensibilidade o espaço e o tempo são planejados para acolher, expressar a diversidade dos alunos e oportunizar trocas de significados. Nessa escola, a descontinuidade, a dispersão caótica, a padronização, o ruído, cederão lugar a continuidade, a diversidade expressiva, ao ordenamento e a permanente estimulação pelas palavras, imagens, sons gestos e expressões de pessoas que buscam incansavelmente superar a fragmentação dos significados e o isolamento que ela provoca.

Finalmente a estética da sensibilidade não exclui outras estéticas, próprias de outros tempos e lugares. Como forma mais avançada de expressão ela as sub assume, explica, entende, critica, contextualiza porque não convive com a exclusão, a intolerância e a intransigência.

11.9 Política da Igualdade

A política da igualdade incorpora a igualdade formal, conquista do período de constituição dos grandes estados nacionais. Seu ponto de partida são o reconhecimento dos direitos humanos e o exercício dos direitos e deveres da cidadania, como fundamento da preparação do educando para a vida civil.

Mas a igualdade formal não basta a uma sociedade uma qual a emissão e recepção da informação em tempo real estão ampliadas de modo antes inimaginável o acesso as pessoa e aos lugares, permitindo comparar e avaliar qualidade de vida, hábitos, formas de convivência, oportunidades de trabalho e de lazer.

Para essa sociedade a política da igualdade vai se expressar também na busca da equidade no acesso à

educação, ao emprego, à saúde, ao meio ambiente saudável, e outros benefícios sociais e no combate a todas as formas de preconceito e discriminação por motivo de raça, sexo, religião, cultura, condição econômica, aparência ou condição física.

A política da igualdade se traduz pela compreensão e respeito ao estado de direito e a seus princípios constitutivos abrigados na Constituição: O sistema federativo e o regime republicano e democrático. Mas contextualiza a igualdade na sociedade da informação, como valor que é “público” por ser de interesse de todos, não exclusivamente do estado, muito menos do governo.

Nessa perspectiva a política da igualdade deverá fortalecer uma forma contemporânea de lidar com o público e o privado. E aqui ela associa-se a ética de valorizar atitudes e condutas responsáveis em relação aos bens e serviços tradicionalmente entendidos como “públicos” no sentido estatal, e afirmativos a demanda de transparência e democratização o tratamento dos assuntos públicos.

E o faz por reconhecer que uma das descobertas importantes desde final de século é a de que... Motivação, criatividade, iniciativa, capacidade de aprendizagem, todas essas coisas ocorrem no nível dos indivíduos e das comunidades de dimensões humanas, nas quais elas vivem o seu dia a dia... um tipo de sociedade extremamente complexas, onde os custos da comunicação e da informação se aproximam cada vez mais a zero, e onde as distinções antigas entre o local, ou nacional e o internacional, o pequeno e grande, o centralizado e o descentralizado, tende o tempo todo a se confundir, desaparecer e reaparecer sob novas formas.

Essa visão implica num esforço para superar a antiga contradição, entre a realidade da grande estrutura de poder e o ideal da comunidade perdida, que ocorrerá pela incorporação do protagonismo ao ideal de respeito ao bem comum.

Respeito ao bem comum com protagonismo constitui assim uma das finalidades mais importantes da política da igualdade e se expressa por condutas de participação e solidariedade, respeito e senso de responsabilidade, pelo outro e pelo público.

Em uma de suas direções esse movimento eleva o ideal de igualdade para o âmbito das relações pessoais na família e no trabalho, no qual questões com a igualdade entre homens e mulheres, os direitos da criança, as eliminações da violência passam a ser decisivos para a convivência, integradora. Mas a

também uma direção contrária provocando um envolvimento de crescente de pessoas e instituições não governamentais nas decisões antes reservadas ao “poder público”: Empresas, sindicatos, associações de bairros, comunidades religiosas, cidadãos comuns, começam a incorporar as políticas públicas, as decisões econômicas são questões ambientais, como itens prioritários em sua agenda.

Um dos fundamentos da política da igualdade é a estética da sensibilidade. É desta que lança mão quando denuncia os estereótipos que alimentam as discriminações e quando, recebendo a diversidade, afirma que oportunidades iguais são necessárias, mas não suficientes para oportunizar tratamento diferenciado visando promover igualdade entre os desiguais.

A política da igualdade, inspirada no ensino de todos os conteúdos curriculares é, ela mesma um conteúdo de ensino, sempre que nas ciências, nas artes, nas linguagens, estiverem presentes os temas dos direitos da pessoa humana, do respeito, da responsabilidade e da solidariedade, e sempre que os significados dos conteúdos curriculares se contextualizaram nas relações pessoais e práticas sociais convocatórias da igualdade.

Na gestão e nas normas e padrões que regulam a convivência escolar a política da igualdade incide com grande poder educativo, pois é sobre tudo nesse âmbito que as trocas entre educador e educando, entre escola e meio social, entre grupos de idade, favorecem a formação de hábitos democráticos e responsáveis de vida civil. Destaca-se a que a responsabilidade da liderança, dos adultos da qual depende, em grande parte, a coesão da escola em torno de objetivos compartilhados, condição básica para a prática da política da igualdade.

Mas, acima de tudo, a política da igualdade deve ser praticada na garantia de igualdade de oportunidades e de diversidade de tratamentos dos alunos e dos professores para aprender e aprender a ensinar os conteúdos curriculares. Para isso a escola deverá observar um direito pelo qual o próprio Estado se faz responsável, no caso da educação pública: garantia de padrões mínimos de qualidade de ensino tais como definidos pela LDB no Inciso IX de seu Artigo 4º.

A garantia desses padrões passa por um compromisso permanente em usar o tempo e o espaço pedagógicos, as instalações e equipamentos, os materiais didáticos e os humanos, no interesse dos alunos. E em cada decisão

administrativa ou pedagógica o compromisso de priorizada o interesse da maioria dos alunos.

11.10 A Ética da Identidade

A Ética da Identidade substitui a moralidade dos valores abstratos da era industrializada e busca a finalidade ambiciosa de reconciliar no coração humano aquilo que o dividiu desde os primórdios da idade moderna: o mundo da moral e o mundo da matéria, o privado e o público, enfim a contradição expressa pela divisão entre a “igreja” e o “estado”. Esta ética se constitui a partir da estética e da política e não por negação delas. Seu ideal é o humanismo de um tempo de transição. A expressão de seres divididos, mas que se negam assim permanecer, a ética da identidade ainda não se apresenta de forma acabada. O drama desse novo humanismo, permanentemente ameaçado pela violência e pela segmentação social, é análogo ao da crisálida.

Ignorando que será uma borboleta pode ser devorada pelo pássaro antes de descobrir-se transformada.

O mundo vive o momento em que muitos apostam no pássaro. O educador não tem escolha: aposta na borboleta ou não é educador.

Como princípio educativo a ética só é eficaz quando desiste de formar pessoas “honestas”, “caridosas” ou “leais” e reconhecendo que a educação é um processo de construção de identidades. Educar sob a inspiração da ética não é transmitir valores morais, mas criar as condições para que as identidades se constituam pelo desenvolvimento da sensibilidade e pelo reconhecimento do direito à igualdade a fim de que orientem suas condutas por valores que respondam às exigências do seu tempo.

Uma das formas pelas quais a identidade se constitui é a convivência e, nesta, pela mediação e todas as linguagens que os seres humanos usam para compartilhar significados. Estes, os mais importantes são os que carregam informações e valores sobre as próprias. Vale dizer que a ética da identidade se expressa por um permanente reconhecimento da identidade própria e do outro. É assim simples. Ao mesmo tempo muito importante, porque no reconhecimento reside talvez a grande responsabilidade das escolas como lugar de conviver, na escola

do adulto educador, para formação da identidade das futuras gerações.

Âmbito privilegiado do aprender a ser como a estética e o âmbito de aprender a fazer e a política do aprender a conhecer e conviver, a ética da identidade tem como fim mais importante a autonomia. Esta condição indispensável para os juízos de valor e as escolhas inevitáveis à realização de um projeto próprio de vida, requer uma avaliação permanente e a mais realista possível das capacidades próprias e dos recursos que o meio oferece. Por esta razão a ética da identidade é tão importante na educação escolar. É aqui, embora não exclusivamente, que a criança e o jovem vivem de forma sistemática os desafios de suas capacidades. Situações de aprendizagem programadas para conduzir o fracasso como acontecem tantas vezes nas escolas brasileira são nesse sentido profundamente antiéticas. Abalam a auto estima de seres constituídos suas identidades, contribuindo para que estas incorporem o fracasso, às vezes imediatamente. Auto imagens prejudicadas quase sempre reprimem a sensibilidade e desacreditam da igualdade.

Situações antiéticas também ocorrem no ambiente escolar o esforço e a qualidade, não são praticados e recompensados. Contextos nos quais o sucesso resulta a astúcia e não da qualidade do trabalho realizado, que recompensam o “levar vantagem em tudo” em lugar do “esforçar-se”, não favorecem nos alunos identidades constituídas com sensibilidade estética e igualdade política.

Autonomia e reconhecimento da identidade do outro se associam para construir identidades mais aptas a incorporar a responsabilidade. Neste sentido a ética da identidade supõe uma racionalidade diferente daquela que preside a dos valores abstratos, porque visa formar pessoas solidárias e responsáveis e autônomas.

Essa racionalidade supõe que num mundo em que a tecnologia revoluciona todos os âmbitos de vida e, ao disseminar informação amplia as possibilidades de escolha, mas também a incerteza, a identidade autônoma se constitui a partir da ética, da estética e da política, mas precisa estar ancorada em conhecimentos e competências intelectuais que dêem acesso a significados verdadeiros sobre o mundo físico e social. Esses conhecimentos e competências e que dão sustentação à análise à prospecção e à solução de problemas, à capacidade de tomar decisões, à adaptabilidade a situações novas, à arte de dar sentido a um mundo em mutação.

Não é por acaso que essas mesmas competências estão entre as mais valorizadas pelas novas formas de produção pós-industrial que se instalam nas economias contemporâneas. Essa é a esperança e a promessa que o novo humanismo trás para a educação em especial a básica e a possibilidade de integrar num projeto mais ambicioso de desenvolvimento da pessoa humana. Uma chance real, talvez pela primeira vez na história, de ganhar a aposta na borboleta.

Os conhecimentos e competências cognitivas e sociais que se quer desenvolver nos alunos remetem assim á educação como constituição comprometida com a busca da verdade. Mas para fazê-lo com autonomia precisam desenvolver a capacidade de aprender, tantas vezes reiterada na LDB. Essa é a única maneira de alcançar os significados verdadeiros com autonomia. Com razão, portanto o inciso III do Artigo 35 da lei inclui... No aprimoramento do educando como pessoa humana,... A formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

No texto de Platão, Sócrates e Protágoras procuram responder a pergunta - “É possível ensinar a virtude “? Protágoras argumenta narrando a partilha que prometeu e fizeram dos talentos divinos entre as criaturas mortais. E prova que se não for possível ensinar a virtude, a “Cidade “não é viável, pois apenas com o domínio das “Artes” os humanos não sobreviveriam porque exterminariam uns aos outros. A pedagogia, como as demais “artes”, situa-se no domínio da estética e se exerce deliberadamente no espaço da escola. A sensibilidade da prática pedagógica para qualidade do ensino e da aprendizagem dos alunos será a contribuição específica da educação escolar para igualdade, a justiça, a solidariedade, a responsabilidade. Dela poderá depender a capacidade dos alunos cidadãos do próximo milênio para aprender significados verdadeiros do mundo físico e social, registrá-los, comunicá-los e aplicá-los no trabalho no exercício da cidadania no projeto de vida pessoal.

11.11 Conteúdo

Acredita-se que o Currículo Escolar é o resultado da análise das tarefas que cabem à escola e a educação escolar num dado momento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõe uma mudança de enfoque em relação aos conteúdos curriculares; ao invés de um ensino em que o conteúdo seja visto como fim em si mesmo, o que se propõe é um ensino em que o conteúdo seja visto como meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos.

Nesta Proposta Pedagógica adotada pela Escola Betta, o importante é que professores e alunos trabalhem os conteúdos de forma que ele contribua na promoção do desenvolvimento das competências dos alunos. Com este objetivo central, a escola organizará os conteúdos à serem trabalhados e também a sua sequencição - vai considerar, ao mesmo tempo, o nível de conhecimento prévio do aluno e o “grau de complexidade do conteúdo” – revela que não é possível determinar, uma sequência completa de conteúdos.

A sequência depende da análise do professor, em relação ao conhecimento que seus alunos possuem.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os conteúdos são abordados em grandes categorias: conteúdos conceituais, que envolvem fatos e princípios; e, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais, que envolvem a abordagem de valores, normas e atitudes.

Estes dois últimos permitem quando trabalhados de forma contextualizada, a compreensão de atitudes, valores e normas.

Trabalhar de forma contextualizada significa buscar estes valores tanto nas áreas comuns, quanto nos Temas Transversais.

A consciência da importância desses conteúdos é essencial para garantir-lhes tratamento apropriado, em que se vise um desenvolvimento amplo, harmônico e equilibrado dos alunos, tendo em vista sua vinculação à função social da escola.

Considerar conteúdos procedimentais e atitudinais como conteúdos do mesmo nível que os conceituais, não implicam aumentar na quantidade de conteúdos à serem trabalhados, porque eles já estão presentes nos dia-a-dia da sala de aula; o que acontece é que, na maioria das vezes, não estão explicitados nem são tratados de maneira consciente.

Conteúdos da Educação Infantil: Cabe ao professor criar oportunidade para que a criança, no processo de elaborar sentidos pessoais, se aproprie de elementos significativos de sua cultura não como verdades absolutas, mas como elaborações dinâmicas e provisórias. Trabalha-se com os

saberes da prática que as crianças vão construindo ao mesmo tempo em que se garante a apropriação ou construção por elas de novos conhecimentos. Para tanto, a professora e o professor observam as ações infantis, individuais e coletivas, acolhe suas perguntas e suas respostas, busca compreender o significado para garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que no mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Nesse processo valoriza o lúdico, as brincadeiras e as culturas infantis.

Conteúdos do Ensino Fundamental: Os professores, atentos a esse processo de desenvolvimento, buscam formas de trabalho pedagógico e de diálogo com os alunos, compatíveis com suas idades, lembrando sempre que esse processo não é uniforme e nem contínuo.

A organização do trabalho pedagógico leva em consideração a modalidade e a flexibilização dos tempos e espaços escolares, a diversidade nos agrupamentos de alunos, as diversas linguagens artísticas, a diversidade de materiais, os variados suportes literários, as atividades que mobilizem o raciocínio, as atitudes investigativas, a articulação entre escola e a comunidade e o acesso aos espaços de expressão cultural.

Conteúdos do Ensino Médio: Na busca de desenvolver estratégias pedagógicas que contribuam para compreender como o trabalho, enquanto mediação primeira entre o ser humano e o meio ambiente, produz social e historicamente ciência e tecnologia e é influenciado e influencia a cultura dos grupos sociais. Dessa forma, organizar os conteúdos no Ensino médio contribui, não apenas para incorporar ao processo formativo, o trabalho como princípio educativo, como também para fortalecer as demais dimensões estruturantes do Ensino Médio (ciência, tecnologia, cultura e o próprio trabalho), sem correr o risco de realizar abordagens demasiadamente gerais e, portanto, superficiais, uma vez que as disciplinas, se bem planejadas, cumprem o papel do necessário aprofundamento.

11.12 Currículo

O Colégio Beta para se fundamentar legalmente adota as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral (Brasília: MEC, SEB, DICEL, 2013).

O currículo e o ensino se concretizam no cotidiano da escola, que por sua vez, apresenta-se constituída de duas faces: a conservadora e a progressista.

Os pressupostos da face conservadora estão ligados à doutrina liberal, tendo como preocupação básica o cultivo individual, preparando o homem para o desempenho de papéis sociais, facilitando a divisão técnica e social do trabalho e reforçando as desigualdades sociais porque se propõe a igualar indivíduos desiguais, divorciada da realidade histórico-social da qual é parte.

A face progressista nos mostra a escola alicerçada no direito de todos os cidadãos de desfrutar uma formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais, independente de sua condição de origem. Uma escola formativa, humanística que assume a função de proporcionar as camadas populares, através de um ensino efetivo, os instrumentos que lhes permitam conquistar melhores condições de participação cultural, política e reivindicação social! (Veiga, 1989, p. 81)

A escola se fundamenta em princípios que nortearão e ensino democrático, partindo do princípio de que a educação escolar é parte integrante sociedade, visando à preparação do indivíduo para a vida sociopolítica e cultural, sem que seu ideal político pedagógico esta voltado para a emancipação desse homem.

Essa nova organização pretende romper com a preparação entre concepção e execução entre pensar e fazer, entre teoria e prática, sendo que aos educadores compete o controle do processo e do produto do trabalho através da utilização do currículo e do ensino como instrumentos para romper com a organização estruturada, sob os princípios do controle técnico de uma minoria que pensa sobre uma maioria que executa.

Na visão progressista e abrangente de Currículo, o concebemos como o conjunto de atividades da escola que afetam direta e indiretamente o processo de transmissão, assimilação e produção do conhecimento, considerando-o como um instrumento de confronto de saberes: o saber sistematizado e o saber de classe, e é o ponto de partida para o trabalho educativo.

Por isso mesmo, o planejamento de Currículo no Colégio Betta possui uma visão que implica em escolher, selecionar e tomar decisões educacionais baseado numa filosofia

educacional coerente que identifica e concilia as necessidades da sociedade e do educando.

11.13 Metodologia

A metodologia adotada será aproveitada ao enfoque progressista pressupõe que o aluno seja o sujeito ativo do seu processo de aprendizagem, que desenvolva a criatividade e a criatividade, e, implica em nova postura por parte do educador é a sistematização do processo ensino-aprendizagem, utilizando-se de métodos e técnicas de ensino que sejam coerentes com os outros pressupostos. A Psicologia da Aprendizagem vai contribuir fortemente neste eixo. A pesquisa de campo, os trabalhos em grupo, as oficinas pedagógicas, o debate e a discussão, o estudo dirigido, o estudo de texto, a demonstração em laboratórios, são sugestões metodológicas coerentes com a teoria pedagógica progressista. O trabalho interdisciplinar é bastante interessante, mas que supõe uma mudança de atitude na compreensão da ação educativa e do que é conhecimento.

TÍTULO XII

AValiação e Recuperação de Estudos

12.1 Concepção de Avaliação

A sistemática da avaliação do desempenho do aluno e de seu rendimento escolar será contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais, de acordo com o currículo e objetivos propostos pelo Estabelecimento de Ensino e os resultados expressos de 0 a 10 (zero a dez). Cabe informar, que a média adotada no Colégio Betta é 60 para que o aluno seja aprovado.

A nota do bimestre será resultante da somatória dos valores atribuídos em cada instrumento de avaliação, sendo

valores cumulativos em varias aferições, na sequência e ordenação de conteúdos.

A avaliação dará condições para que seja possível ao professor tomar decisões quanto o aperfeiçoamento das situações de aprendizagem.

A avaliação proporcionará dados que permitam ao estabelecimento de ensino promover a reformulação do currículo com adequação dos conteúdos e métodos de ensino.

É vedada a avaliação em que os alunos são submetidos a uma só oportunidade de aferição.

A avaliação utilizará procedimentos que assegurem a comparação com parâmetros indicados pelos conteúdos de ensino, evitando-se a comparação dos alunos entre si.

Na avaliação do aproveitamento escolar deverão preponderar os aspectos qualitativos da aprendizagem, considerada a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade dos conteúdos.

Dar-se-á relevância a atividade crítica, à capacidade de síntese e à elaboração pessoal sobre a memorização. Para que a avaliação cumpra sua finalidade educativa, será contínua, permanente, e cumulativa.

A avaliação de Educação Física e de Arte adotará procedimentos próprios, visando ao desenvolvimento formativo e cultural do aluno.

Na Educação Infantil, a avaliação está integrada à documentação pedagógica, sem objetivo de promoção, e busca orientar por meio do registro.

No primeiro e segundo ano do ensino fundamental como nos demais anos do Ensino Fundamental e no Médio, o processo se dá, também, pela observação e registro, com a utilização de diferentes instrumentos avaliativos, com critérios definidos no plano de Trabalho Docente de cada professor. A organização do registro e os resultados da avaliação estão descritos no Regimento do Colégio.

Quanto à avaliação externa, o colégio participa, pela sua condição institucional, das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O colégio ainda se submete a outras avaliações externas de proficiência entre outros.

A recuperação paralela de estudos no Colégio Betta segue os princípios legais que ressaltam as orientações segundo as orientações do sistema Estadual e Federal.

ART. 01 – Para os alunos de baixo rendimento que não atingiram a Média Bimestral 60 (sessenta) será proporcionada Recuperação de Estudos, de forma paralela, ao longo do período letivo.

ART. 02 – A Recuperação de Estudos será planejada, constituindo-se num conjunto integrado ao processo de ensino, além de se adequar às dificuldades dos alunos.

PARÁGRAFO ÚNICO – A carga horária de Recuperação de Estudos não será inserida no cômputo das 800 (oitocentos) horas anuais.

ART. 03 – Na Recuperação de Estudos, o professor considera aprendizagem no decorrer do processo, para aferição do bimestre, entre a nota da avaliação e da recuperação, prevalecerá sempre a maior.

ART. 04 - A Recuperação Paralela assumirá varias formas que serão especificadas abaixo:

- O trabalho será feito de forma abrangente, visando não só aprendizagem dos conteúdos, mas também resgatar a autoestima do aluno e sua adaptação à realidade escolar.

- Proporcionar ao aluno a oportunidade de rever o desempenho escolar de forma abrangente. Reforçar as bases do conhecimento para futura aprendizagem. Reestruturar e rever a forma de avaliação. Amenizar a evasão e repetência.

Após cada atividade desenvolvida o professor faz uma verificação do aproveitamento do aluno, elaborando novas estratégias paralelamente ao conteúdo, tais como:

- aulas expositivas e estudos em grupo;
- pesquisa de texto;
- exercícios de múltipla escolha;
- verdadeiro/falso;
- prova escrita com consulta;
- avaliação oral;
- resumos de textos, interpretação;

Uso da comunicação

- Acesso WEB, Multimídia e sistemas web de ensino;
- slides;
- fotos/quadros;
- mapas/atlas;
- livros de apoio didático;
- apostilas;

- revistas/jornais;
- CDs e outros que estiverem disponíveis

Avaliação

- escrita;
- oral;
- através de pesquisa;
- monitoria;
- diagnóstica.

Observação

Após todo o trabalho, o aluno que atingir os objetivos propostos, considerar-se-á recuperado e aquele que não atingir será lançado à nota obtida.

Os Esclarecimentos sobre a metodologia escolhida ficam a cargo de cada disciplina.

12.2 Papel do Professor

Acredita-se que a experiência de cada professor enriquece o planejamento e aproxima os objetivos e metas da realidade do aluno de nossa comunidade. Esperamos, portanto, que as reuniões para a definição dos objetivos da área pedagógica possam ser encaminhadas de tal forma que os professores e a direção se sintam respeitados e valorizados no que se refere à discussão democrática dos diferentes pontos de vista. As divergências devem ser vistas como oportunidades para debates e maior reflexão sobre o assunto polêmico tentando encontrar um ponto de acordo e consenso que permita o desenvolvimento e aprimoramento das práticas pedagógicas.

Essas capacidades que os alunos devem ter adquirido ao término da escolaridade obrigatória, devem receber uma abordagem integradas em todas as áreas constituintes do Ensino Fundamental. A seleção adequada aos elementos da cultura – conteúdos – é que contribuirá para o desenvolvimento de tais capacidades arroladas como objetivos gerais. Os documentos das áreas têm uma estrutura comum: iniciam com a exposição da concepção da área para todo o ensino fundamental na qual aparece a fundamentação teórica.

É importante a consideração do tempo como uma variável que interfere na construção da autonomia, permitindo ao

professor criar situações em que o aluno possa progressivamente controlar a realização de suas atividades. Assim, é preciso que o professor defina claramente as atividades, estabeleça a organização em grupo, disponibilize recursos materiais adequados e defina o período da execução prevista dentro do qual os alunos serão livres para tomar as suas decisões.

O espaço de atividade não restringir a escola, sendo necessárias atividades que ocorram fora dela. A programação deve contar com passeios, excursões, teatro, cinema, visita a fábricas, marcenarias, padarias, refúgios biológicos, enfim, com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar.

O objetivo principal que orientará o professor deve ser o atendimento às necessidades dos alunos de nossa comunidade. Os objetivos devem ser amplos o suficiente para que cada membro da comunidade escolar sinta a responsabilidade individual do seu cumprimento. Os objetivos serão metas compartilhadas entre professores, alunos, funcionários e pais de alunos tornando a escola um núcleo de formação e transformação da comunidade.

Os objetivos devem ser também viáveis dentro das condições e possibilidades que dispomos. Entendemos os objetivos dentro do conceito de “Planeja mais ação”, isto é, objetivos que possam redundar em ações, atividades dentro da comunidade escolar.

Um dos objetivos significativos do nosso processo de planejamento é esclarecer, colocando em pauta, os conceitos “cidadania”, “consciência crítica”, “preparação para o trabalho” e “avaliação continuada”. Consideramos que tais palavras representam mais do que meros conceitos, mas trazem em si as diretrizes para o posicionamento político-pedagógico de nossa escola. Discutindo tais conceitos nós procuramos nos engajar no processo político-pedagógico do nosso município e Estado avaliando quais podem ser as contribuições trazidas pela atuação efetiva de nossa escola.

A metodologia na qual desejamos pautar nossos trabalhos em uma abordagem interacionista onde o interlocutor, o “outro”, tem papel fundamental na comunicação, na ação e na construção de significados. A interação professor-aluno deve ser vista como algo fundamental para o processo de ensino-aprendizagem cabendo aos membros da comunidade fazer todo o possível para que esta se desenvolva de forma produtiva

ainda que haja conflitos. O diálogo deve existir desde o estabelecimento de normas até a vigilância no cumprimento delas.

Cada área de ensino deve procurar realizar atividades diferenciadas que permitam a participação dos alunos e o desenvolvimento de diferentes habilidades. A utilização de atividades extraclasse e aquisição de materiais para a realização de atividades práticas devem ser da competência e do desejo de todos os membros da comunidade, seja fazendo solicitações às autoridades competentes, seja cooperando de alguma forma para que tais atividades sejam realizadas.

Propomos que grande parte das atividades realizadas se apresenta em forma de projetos e a avaliação do aluno seja feita mediante a sua participação, engajamento e crescimento de acordo com os objetivos do projeto.

A relação professor-aluno se projeta com um tópico importante e, portanto, deve ser permeada de respeito e consideração mútuos. Para que os limites disciplinares sejam estabelecidos dentro desta relação propomos a elaboração e o estabelecimento de regras em conjunto: professores e alunos mediante a discussão e a votação sobre os tópicos mais importantes.

As sanções referentes ao não cumprimento das regras serão também especificadas pelo grupo fazendo com que todos se sintam responsáveis pelo cumprimento e a vigilância no cumprimento de regras estabelecidas.

Surgindo assuntos polêmicos durante o ano, a comunidade escolar poderá ser convocada para a realização de um plebiscito para efetuar a decisão democrática sobre o assunto.

Cabe ao professor neste processo de transição fazer o papel de orientador e motivador.

O professor não deve mais se perguntar o que vai dar em aula, mas o que os estudantes precisam saber qual a melhor metodologia para trabalhar determinado assunto e principalmente como avaliar se o método está sendo eficiente. O conceito é o seguinte: o trabalho do professor é ensinar. Se o aluno não aprende, algo está errado. E tem a ver com o professor.

Para desempenhar bem o papel de professor nesse novo contexto, os profissionais do Colégio Betta, irão mudar sua postura frente à classe. De dono absoluto do saber, o educador passa a ser intermediário entre o conhecimento acumulado e o

interesse e a necessidade do aluno. Mais do que isso, ele se torna o elemento que desencadeia a curiosidade da turma, ao mesmo tempo em que aprende com ela. De acordo com o sociólogo suíço Philippe Perrenoud, o maior teórico no assunto, propõe que os professores precisam dominar nove competências para serem considerados bons profissionais:

- Gerenciar a classe como uma comunidade educativa;
- Organizar o trabalho no meio dos vastos espaços – tempos de formação (ciclos, projetos da escola)
- Cooperar com os colegas, os pais e outros adultos;
- Conceber e dar vida a dispositivos pedagógicos complexos;
- Suscitar e animar as etapas de um projeto como modo de trabalho regular;
- Identificar e modificar aquilo que dá sentido aos saberes e às atividades escolares;
- Criar, gerenciar situações-problema, identificar os obstáculos, analisar e reordenar as tarefas;
- Observar os alunos nos trabalhos;
- Avaliar as competências em construção nos alunos.

Concluimos que os alunos devem ser estimulados à continuação de seus estudos, cabendo aos professores, principalmente, à aproximação da realidade e das possibilidades do ensino superior aos nossos alunos. Começando com atividades que estimulem à pesquisa e o aprendizado independente os alunos devem ser desafiados e incentivados a descobrirem seus gostos e aptidões e orientados quanto às possibilidades de aprimoramento e especialização com o ensino superior poderá ser feita através de palestras e encontros com estudantes universitários trazendo um pouco do ensino superior para dentro de nossa escola.

Os conjuntos de regras muitas delas implícitas ou herdadas da tradição criaram a necessidade do castigo. Mas, os avanços da psicologia puseram em cheque a doutrina do castigo considerando inócuo. Admite-se hoje que o castigo pode ser substituído por outras formas de orientação, com resultados duradouros sem memória de traumas. A escola nova foi no Brasil a pioneira na descoberta da criança como centro da escola e sua razão de ser e, em consequência, a primeira a

defender mais ostensivamente extinção do castigo no cotidiano de nossas escolas.

Não se pense, porém, que outras formas de violência não povoem as salas de aula. Ainda há muita coerção moral e psicológica usada por diretores e professores contra alunos indefesos que apresentam desvios de conduta mais condicionados por certas circunstâncias do que por culpa consciente.

Há educadores que encaram a disciplina escolar como instrumentadora da aprendizagem. “Walter Garcia no livro **EDUCAÇÃO VISÃO TEÓRICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA**”, refere-se á disciplina como certa ordenação de condições que possibilitem a aprendizagem.

Através de vários estudos e experiências educativas os profissionais do Colégio Betta consideram que a convivência do aluno, na escola, com seus colegas e com seus professores, deve ser vista como uma experiência educativa da maior importância, experiência de um ser novo no mundo com os outros, iguais e diferentes. As relações interpessoais que se desenvolvem na escola constituem experiências que podem Ter influência decisiva em toda a vida do jovem.

Essas experiências devem ser estimuladas e não podem ser vistas como algo que tem que acontecer de um modo totalmente previsto. A criança começou a ter contato com as regras de convivência há muito tempo. Desde os primeiros anos, os adultos impõem normas de conduta para as mínimas ações. Ao entrar na escola, mesmo na educação infantil, as crianças já descobrem regras. Na escola essas regras estão implícitas ou explícitas e, ao que tudo indica, elas vão ser desobedecidas ao sabor das circunstâncias. É nesta hora que o educador desenvolve sua tarefa, exercitando a reflexão do aluno, ajudando-o a fazer prevalecer no cotidiano de suas vidas o poder da razão sobre a emoção, na maioria dos casos a motivadora das transgressões disciplinares: as conhecidas brigas entre estudantes pelos motivos mais fúteis, tanto podem ser manifestações de uma agressividade necessária ao enferrujamento da realidade, quanto podem ser o exercício da conquista de um lugar ao sol, uma forma especial de afirmação. Presunção dos educandos na solução dos conflitos entre estudantes e a maneira de avaliar as motivações que a eles deram causa. Só a experiência concreta irá enriquecer a percepção do diretor sobre o assunto.

Quando a disciplina de um grupo é discutida por todos há um pacto coletivo que autentica as regras.

As queixas de indisciplina na sala de aula, na grande maioria dos casos, são consequência do despreparo do professor para gerar motivações em suas aulas. Professores que falam muito que fazem longas dissertações desencabadas, sem nenhuma atividade a desenvolver, que ficam falando sentados, olhando os quatro meninos sentados na fila da frente; que se apresentam inseguros na apresentação de sua disciplina; que procuram intimidar os alunos com ameaças de reprovação para suas aulas; que são incapazes de manter um diálogo jovial e franco; que não despertam a menor admiração aos seus alunos; esses professores por certo, terão problemas de disciplina e o fato de estarem na sala de aula já significa um ato de violência contra os estudantes.

Uma boa sugestão sobre a disciplina escolar é colocar o problema das regras de convivência como algo do qual os alunos devem participar.

Quando a disciplina de um grupo é discutida por todos há um pacto coletivo que autentica as regras.

É fundamental que a escola seja; por excelência, um local de aprendizagem. É aprendizagem da convivência respeitosa com todos, da tolerância mútua, da cordialidade do prazer de estar junto com o outro.

A escola jamais deve renunciar ao seu dever e favorecer a aprendizagem. Enquanto que muitas escolas ditas de qualidade consideram seu dever apenas cumprir programas das disciplinas. Este é um dos maiores desafios aos novos executivos da educação. Vamos viver num mundo de violência aprendido na escola?

Vamos capitular diante da vitória do ódio sobre o amor?

Quanto mais se medita sobre temas como este, mais se percebe que é preciso investir muito na formação de diretores que acreditem no poder da educação.

Este é um dos poucos caminhos que nos restam para não voltar á barbárie.

A relação professor aluno pode ser considerada o momento ótimo para construção do ato educativo. Toda experiência de sala de aula confirma esta verdade. A sala de aula é vista pelo aluno como um espaço de trabalho do professor na escola. Como será o trabalho deste professor?

Pergunta-se o aluno. A primeira aula de um professor gera uma expectativa grande para um estudante. Ele vai conhecer

um novo professor, iniciar talvez o estudo de uma nova disciplina, vai Ter um encontro com novos amigos, em um novo ambiente, com novos livros e materiais.

Todo este conjunto de novidades pode se transformar em decepção já no primeiro dia, se o professor não trazer aos alunos uma mensagem positiva sobre seu trabalho.

Cabe ao diretor tentar estabelecer na escola parâmetros fundamentais para nortear a relação professor/aluno. Neste sentido, algumas sugestões são interessantes:

Os alunos devem ser preparados e orientados pelo diretor e pelos supervisores para uma relação cordial e produtiva com os professores. A direção deve estabelecer certas diretrizes sobre o assunto. Se não o fizer vão surgir muitas contradições quanto a certas atitudes. Um professor diante de determinada situação age de uma forma e, outra, de forma diferente isso vai gerar confusão entre os alunos.

O professor é visto pelos alunos como alguém hierarquicamente superior. Mas essa superioridade não pode ser entendida como uma submissão humilhante a uma postura autoritária - ela deve ser vista sobre tudo como uma posição hierárquica de ajuda. A principal diretriz pedagógica da escola quanto o conceito de ensino/aprendizagem ditará o perfil do professor como alguém que ajuda o aluno a aprender ou alguém que ensina o aluno. São duas posições bastante distintas. E decisivas para o tipo de imagem que o aluno vai Ter de cada professor.

Além da qualidade exigida pelos alunos - A **COMPETÊNCIA** - eles avaliam muito ceno de justiça dos professores. Há escolas em que os alunos estão sempre sendo julgados e criam no aluno uma eterna postura de réu. Os mesmos estão sempre escondidos com medo de serem julgados e se tornam dependentes às vezes para o resto da vida.

Os alunos guardam a imagem dos professores que os viram como pessoas e dos que tiveram efetiva participação na construção de suas personalidades e visões de mundo.

12.3 Relação Diretor – Professores

O terceiro ponto crítico da administração escolar pode ser a relação entre a direção do Colégio e o corpo docente. Na

direção estão incluindo os diretores e equipe de direção técnica, diretores assistentes, secretários, coordenadores de curso, etc.

Contribui para dificultar essas relações à ausência de mecanismos administrativos que ajudem cada parte na escola a conhecer suas atribuições, responsabilidades e limites. Esses mecanismos são os instrumentos de definição de funções.

Eles se operacionalizam, por exemplo, através dos manuais de funções, indispensáveis e necessárias ao bom funcionamento de uma rede escolar.

Esses manuais balizam o comportamento de cada categoria e geram, até certo ponto, um denominador comum de valores éticos da vida comunitária de trabalho. Quando não existem, cada diretor fica na obrigação de construir às vezes interceptação de construir, um código de ética para as relações dele com os professores.

12.4 Melhorando a Relação com a Comunidade Escolar

Alguns cuidados devem facilitar as relações do diretor com seus professores e técnicos.

O diretor deve, em primeiro lugar, ser honesto consigo mesmo. Se assumir a direção munida dos melhores propósitos, precisa apresentar aos subordinados a sua diretriz de trabalho, com humildade e clareza, mas também com segurança e firmeza. E cumprir estas diretrizes é fundamental, do contrário ninguém o levará a sério.

A congregação de professores deve ser encarada de acordo com sua capacidade de suportar mudanças. Mas, sem a participação da congregação, tudo ficará difícil na escola.

O diretor precisa seguir e riscar o dito popular “não use dois pesos e duas medidas” e agir com segurança para que possa justificar suas decisões e discuti-las com seus professores, quando isso for necessário. Por isso é muito importante que haja reunião com os professores, pelo menos uma vez por mês. Na agenda devem estar presentes todos aqueles pontos que, ao longo do mês, apresentaram mudanças, segundo os controles de gestão, ou mereceram críticas e restrições da própria comunidade escolar. Os problemas devem ser colocados com o máximo de informações para a correta análise dos professores, as pessoas participantes devem ser ouvidas e, ao final, o diretor deve ter a grandeza de reconhecer

seus erros, se os houver. As reuniões nunca devem se desenvolver em clima da paixão e, nesse clima, as decisões precisam ser evitadas.

É preciso deixar bem claro aos professores que as medidas disciplinares, na escola, são tomadas pela direção escolar e somente por ela, nunca transferidas a professores, supervisores, etc. Quando um professor impõe a um diretor que um aluno seja suspenso e o diretor concorda, ambos estão errados.

As conversas sobre problemas específicos com um professor devem ser discretas. Essa conversa é que define o tipo de diretor. Carl Rogers acha que o ideal da relação entre uma autoridade e seus subordinados é que ela não seja ameaçada, para que o subordinado possa jogar limpo e depositar confiança no seu chefe.

O diretor precisa ser leal com seus professores e investir neles o que puder. Diretor e professores podem crescer juntos. Ao descobrir todos os dias o lado bom de cada professor, o diretor vai perceber a admirável capacidade que as pessoas têm de mudar. Toda profissão que se volta para servir ao outro precisa ter o conforto do reconhecimento. Só ele, muitas vezes, é suficiente para compensar muitos desenganos. A regra de que todo o professor tem razão e todo o aluno está errado é falsa. São necessários muitos cuidados ao se analisar os conflitos e desentendimentos entre professor e aluno. Este assunto na tradição educacional brasileira é focado, geralmente de maneira autoritária. Uma convivência social sadia é uma aprendizagem lenta e gradual que ameaça no lar, continua na escola e prossegue na vida em sociedade. Mas é na escola que o aluno vai ter a chance de poder pensar essa relação, a partir de experiências concretas. Se a escola assume um comportamento policial, ela não cumpre o seu papel. Muito menos se assume um papel judicial. O papel do educador é estabelecer uma relação de ajuda. O educador ajuda o aluno a compreender a diferença de papéis nas relações da escola. Ele aprende a ver o papel do professor, o papel do diretor, o papel do pai, o papel da mãe. Diante de um conflito, ele vai refletir sobre o que aconteceu a aprender a analisar o seu próprio comportamento. Nesse sentido, o professor precisa ser capacitado para desenvolver seu papel de educador.

Como se vê, há muitas chances de se fazer uma escola com alternativas interessantes para que seja um espaço dinâmico de convivência, social para os jovens. Este buraco

negro da vida escolar pode ser o responsável pelo desenvolvimento dos jovens diante da vida. Desse estado de desalento nascem as opções negativas de organização juvenil, como as drogas e bandidismo.

Cabe ao diretor dinâmico estimular o desenvolvimento dessas instituições, recrutando para cada uma delas as disponibilidades do seu ambiente e as motivações dos professores. Uma coisa é certa: se a escola não ocupar as energias criadoras dos jovens, elas serão dirigidas, em muitos casos, para atividades prejudiciais. E o ambiente escolar passará a ser secundário na vida deles.

Todas as definições conceituais e bem como a estrutura organizacional da escola foram pautadas nos objetivos Gerais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, que estabelece capacidades relativas aos aspectos cognitivo, afetivo, físico, ético, estético de atuação e de inserção social, de forma a expressar a formação básica necessária para o exercício da cidadania.

TÍTULO XIII

COLÉGIO, FAMÍLIA E COMUNIDADE

13.1 O Colégio e a Família

É o quarto ponto crítico da administração escolar pode ser sua relação com a família e com a comunidade.

Todo mundo repete que a escola é uma extensão da família e que a família delega á escola tarefas que ela mesma não tem condições de realizar. Mas na hora de trabalhar em harmonia com a família, de introduzir a presença dos pais na escola, tudo se torna mais difícil.

Deve-se partir do princípio de que a família gostaria de participar muito mais das atividades da escola. E só não faz porque não tem tempo, não sabe como fazer, ou tem medo de ser intrometida. Com esse princípio da cabeça, o diretor pode estudar a situação das famílias de sua escola, nem que seja por amostragem – ver como eles gastam seu tempo, como elas percebem uma aproximação mais rica com sua escola. Ao começar com pequenas coisas e ir alargando as possibilidades,

com certeza, em breve, a direção da escola terá um verdadeiro exército de colaboradores.

Reunião com pais não serão feitas apenas para passar os problemas dos filhos e da escola. Elas serão agradáveis e realizadas a partir de uma pedagogia para reunião de pais. Isto varia muito de acordo com o tamanho da escola e da clientela. O ideal é que elas comecem para resolver problemas concretos, extraídos do cotidiano da vida escolar. Por exemplo, como fazer quando o aluno chega á escola sem uniforme quais as sugestões que podem ser dadas aos pais.

O Diretor nunca conseguirá que todos os pais venham ás reuniões. Quanto maior for o número de faltas, maior é a incompetência do gestor para promover reuniões. Mas não se desiste nos primeiros fracassos e a aprendizagem deve prosseguir. O diretor poderá descobrir, por exemplo, que as reuniões setoriais são mais produtoras do que as grandes reuniões.

Nas entrevistas pessoais sobre problemas disciplinares dos alunos, aprioristicamente, como responsável pela disciplina do filho. O diálogo deve ser construído - é preciso sentar-se junto com a família para estudar o problema do aluno em conjunto.

Uma escola de pais em uma boa ideia para exercitar a chamada educação permanente – ninguém termina seu tempo de estudo, há sempre muitas razões para voltar á escola.

A equipe escolar precisa de treinamento para saber receber os pais na escola.

Este aspecto é muito descuidado. Há muitas grades entre o pai e um diretor ou um professor e, de modo geral, professores e funcionários não gostam de ver pais na escola. Eles aparecem como cobradores de serviço. Para alterar essa percepção, é preciso muito investimento. Viva intensamente os problemas dos pais. Ponha-se na pele deles. Só assim poderá compreender o outro lado da medalha nessa relação. As grandes decisões da vida escolar do aluno devem ter a participação da família. É o caso da hipótese da repetência, quando a direção e sua equipe não podem e não devem decidir sozinhos, não tendo, inclusive, competência total para isso. A reprovação, tal como está sendo praticada nas escolas, é uma violência contra as pessoas e um ato antipedagógico. Escolas sem instrumentos efetivos de avaliação de desenvolvimento decidem, a partir de uma escola numérica, todo um ano de trabalho de um aluno. A experiência de muitos educadores revela que vale a pena colocar a família

na mesa de avaliação da escolaridade de um aluno ao final do ano letivo.

É importante lembrar outro ponto fundamental revelado pela experiência educacional: o insucesso dos alunos na vida escolar está, em grande parte, vinculado à incompetência da escola para desempenhar suas atividades. Isso é duro de dizer, mas é necessário.

É difícil constatar uma reprovação que tenha sido realmente benéfica ao aluno durante os anos da escola básica, correspondente à fase de formação do educando.

13.2 O Colégio como Espaço de Convivência

O quinto ponto crítico da gestão escolar é o que diz respeito à criação de um espírito na escola, a partir do qual ela seja para o aluno um lugar onde ele sinta bem estar, independente da sala de aula.

Será que, hoje um aluno se tiver de optar por um dos vários espaços sociais disponíveis na comunidade, escolherá a escola como um lugar melhor que outros?

Que elementos adicionais a escola pode oferecer para que esta opção aconteça? É difícil generalizar esta preocupação.

Há escolas com espaços tão reduzidos que o desejo de vê-las como espaço de convivência social, afora os horários obrigatórios de aula, pode ser uma utopia.

Mas.. E os sábados, os domingos, os feriados, os longos dias de férias?

Como é usado o espaço escolar nesses períodos de ociosidade?

A experiência demonstra que quando a escola cria condições de convivência para seu aluno, todas as outras atividades escolares se beneficiam: as aulas, a biblioteca, o grêmio, as atividades artísticas.

Até mesmo os casos de drogas tendem a reduzir-se significativamente.

13.3 Atividades Integradoras

Que atividades podem ser citadas como recomendáveis para favorecer a convivência do aluno com seus colegas e professores, dentro do espaço da escola?

Entre estas atividades podem-se citar o coral da escola, em que a criança e o jovem exercitam seu prazer artístico com muitos efeitos pedagógicos; o clube de arte dramática, uma atividade formadora por excelência; o clube de artes plásticas, onde podem florescer as percepções artísticas; clube de fotografias, um estimulante ágil da inteligência; além dos clubes de história, geografia, literatura, poesia, leitura, matemática e informática, com suas diversas funções educadoras; clubes esportivos, clube de agricultura, clube de pesca submarina, clube de ciclismo.

Outra linha de atividades é a que se relaciona com “hobbies” voltados para a organização de coleções; a filatelia, as coleções de borboletas, de coleópteros, de embalagens, de fotografias sobre diferentes temas.

Além da qualidade mais exigida pelos alunos, à competência, eles avaliam muito o senso de justiça dos professores. Há escolas em que os alunos estão sempre sendo julgados e criam no aluno uma eterna postura de réu. Os meninos estão sempre escondidos com medo de serem julgados e se tornam dependentes às vezes para o resto da vida.

Os alunos guardam a imagem dos professores que os viram como pessoas e dos que tiveram efetiva participação na construção de suas personalidades e visões de mundo. Isto quer dizer que o bom professor é aquele que está presente na construção do amanhã de seus alunos. Além disso, um professor jamais poderá ser desleal, a confiança de um aluno a um professor é matéria de sigilo profissional. O professor deverá respeitar a consciência do aluno e a pluralidade de ideias. O aluno não é obrigado a pensar como o professor, deve ter ideias próprias.

13.4 Relação com a Comunidade

No que se refere às problemáticas sociais, além do que está continuamente sendo produzido no âmbito da ciência, existem outros saberes produzidos em diversas instituições sociais.

O contato é a parceria para trabalhos conjuntos com as instituições e organizações compromissadas com as questões

apresentadas pelos Temas Transversais e que desenvolvem atividades de interesse para o trabalho educativo, é uma rica contribuição, principalmente pelo vínculo que estabelece com a realidade da qual se está tratando.

Por outro lado, representa uma forma de interação com o repertório sociocultural, permitindo o resgate, no interior do trabalho escolar, da dimensão de produção coletiva do conhecimento e da realidade.

Para isso é preciso buscar formas de a escola estar mais presente no dia-a-dia da comunidade e também o inverso, isto é, a presença da comunidade no cotidiano da escola (pais, pessoas ligadas a associações e instituições, profissionais que possam demonstrar o trabalho que realizam etc.), de modo que a escola, os estudantes e os professores possam se envolver em atividades voltadas para o bem-estar da sua comunidade, desenvolvendo projetos que repercutam dentro e fora da escola.

13.5 Atividade de Envolvimento da Comunidade

Os relacionamentos na escola promovem um ambiente de união e cooperação no qual todos possam sentir-se como parte de um todo e, portanto, importante no processo de construção do trabalho coletivo. Entre os professores devem existir cooperação e integração podendo ser formados grupos de estudos que viabilizem a construção de projetos interdisciplinares ou mesmo dentro de uma área específica de estudos.

Os relacionamentos promovidos pela instituição escolar devem extrapolar a relação professor-aluno atingindo a família e a comunidade na qual nossa escola está inserida. As famílias relacionadas diretamente à nossa escola fazem um elo entre a escola e a comunidade como um todo, por isso, buscaremos a integração das famílias com o ambiente escolar através de projetos que visam, inicialmente, promover uma conscientização sobre o papel da família no sucesso escolar do aluno e formação de uma escola que coopere com a transformação da comunidade. Através de palestras e atividades que envolvam a participação direta dos pais procuraremos sensibilizá-los quanto a necessidade e importância do envolvimento dos pais com as atividades escolares.

A comunidade em geral é conclamada à participar das atividades escolares. Deseja-se que a nossa escola

desempenhe um papel importante e cooperativo perante a comunidade estando sensível às suas necessidades, propondo alternativas ou até mesmo soluções. Por meio de campanhas e palestras a escola pode estar aberta a projetos relativos à saúde pública, orientação para o trabalho ou organização político-comunitária. Exemplificando, estaremos desenvolvendo mutirões com o objetivo de alertar a comunidade quanto à “dengue” ou “saúde bucal”, promovendo encontros e palestras sobre algum assunto de interesse da comunidade, incentivando a criação de oficinas dentro do ambiente escolar que possam trazer contribuição para os alunos e para a comunidade. Para que tais projetos continuem sendo desenvolvidos, toda a comunidade escolar deve estar atenta às necessidades da comunidade desenvolvendo um senso de responsabilidade de cooperação e transformação da realidade na qual a escola está inserida.

Os alunos precisam estar sendo motivados a contribuir no processo de resgate da participação da comunidade no âmbito escolar. É necessário motivar os alunos de tal forma que eles percebam o seu valor e o seu poder de transformação diante do seu próprio futuro e da comunidade em que vive. A participação dos alunos nas atividades que promovem a integração escola-comunidade é vital. Os alunos podem inclusive liderar atividades culturais que sejam abertas a comunidade. Desta forma, procura-se valorizar o potencial dos alunos de nossa escola incentivando-os a uma participação efetiva.

Dentre as atividades extras que a nossa escola apresenta não passará despercebido: a Educação Religiosa e as atividades esportivas e culturais. Com relação à Educação Religiosa desejamos que este fosse um espaço aberto para o resgate de valores tais como: o respeito à Deus e ao próximo. Sem dar prioridade a nenhuma religião específica procuraremos levantar temas de ordem moral e social para que sejam debatidos entre os alunos respeitando os possíveis posicionamentos, porém, direcionando a busca do respeito, do amor e da união.

As atividades esportivas mesmo sendo promovidas pelos professores competentes dentro dessa área de estudo, serão da responsabilidade e do interesse de toda a comunidade escolar. Desejamos promover torneios, gincanas culturais, maratonas e feiras que venham a promover a integração não somente da

nossa escola com a comunidade local como também a integração entre escolas.

O colégio Betta compreende que as atividades promovidas são para toda a Educação Básica e a articulação família/escola ocorre na educação infantil respeitando as ações que envolvem o Cuidar, Educar e o brincar na educação infantil permeada pelo lúdico.

TÍTULO XIV

EQUIPE PEDAGÓGICA

14.1 Área da Pedagogia

A Equipe Pedagógica deve adotar uma linha de trabalho democrático entre a escola e a comunidade por intermédio de ações coletivas, criativas e inovadoras, tais como:

- Estabelecimento de parcerias com a comunidade, outras escolas e instituições para suprir suas necessidades.
- Planejamento Participativo: onde a direção faz o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação de ações escolares de forma participativa, organizada permanentemente, envolvendo professores, funcionários, pais e alunos estimulando a participação efetiva dos membros nas ações que contribuam para a saúde e a autodisciplina dos alunos; a segurança e a qualidade de suas condições físicas e materiais.
- Utilização de estratégias de comunicação e mobilização social como instrumento de melhoria da qualidade de atuação da escola, realizando projetos criativos e dinâmicos para o desenvolvimento e recuperação da aprendizagem e do rendimento escolar do aluno através da promoção contínua de todos os seus funcionários.
- Desenvolver ações que venham assegurar, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, o atendimento de professores e demais funcionários.

As condições de trabalho devem ser reais, voltadas à melhoria do ensino. Os objetivos devem estar centrados nos alunos visando a melhoria do processo ensino-aprendizagem de tal forma que os alunos permaneçam na escola chegando a conclusão de seus cursos.

A escola deve ser um espaço de formação e informação em que a aprendizagem dos conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção dos alunos no cotidiano das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades de modo a favorecer a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, bem como possibilitar aos alunos a compreensão das manifestações culturais nacionais e universais.

No contexto comunitário, a educação escolar é como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e da participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas, cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente.

14.2 Aluno

Na aprendizagem, o sujeito precisa viver o processo da descoberta para que o objetivo do conhecimento tenha significado para ele. É fundamental que a escola veja o ser humano como produto das relações sociais, cabendo ao educador estimular os alunos a adquirirem uma visão de mundo mais amplo e ao mesmo tempo, mais articulado com o seu mundo familiar.

Sofrendo as influências das concepções de cultura e de homem, a escola não é uma instituição mestre, frente a realidade social, portanto, deve considerar o desenvolvimento da ciência e a influência da tecnologia moderna, quando da apresentação de suas propostas e da efetivação de mudanças, interdependente mente da área em que estas vão ocorrer.

A qualidade no ensino é, fundamentalmente, uma questão política que tem relações estreitas com a democratização da sociedade e com qualidade de vida do cidadão. Uma das exigências da qualidade é a reorientação curricular, com vistas a

uma articulação adequada entre a teoria e a prática. Para conceber um currículo, sem perder de vista seus veículos com a democracia e a formação de um cidadão crítico e participativo, requer a reelaboração dos conceitos de educação, escola, professor e aluno. Isso significa compreender o currículo como um ato político, emancipador, comprometido com a transformação social, com a socialização do saber, produzido por todos os agentes que participam das atividades escolares.

Essa discussão permite resgatar a concepção de mundo, de homem, de sociedade, e de educação que identifiquem a escola que se tem e levantem subsídios para a construção da escola que se quer. É nessa escola, que se quer que a pesquisa seja fundamental para buscar respostas, tornar visível o que não se vê imediatamente. A sala de aula ganha com isso, outra dimensão, ao se transformar em um laboratório de estudo, onde os próprios professores podem ocupar uma posição privilegiada, participando e conduzindo projetos de pesquisa. Ao recompor-se associação entre o ensino e pesquisa, destrói-se uma das bases produtoras do estranhamento que transforma o professor em técnico e o aluno em objeto diante de um conhecimento alheio.

14.3 Disciplina

Ganhamos clareza da disciplina que não queremos: a autoritária ou a espontaneísta. O desafio agora é vislumbrar - e concretizar - a superação de ambas...

O que almejamos em termos de disciplina? Se busca construir nova disciplina “que deixe de ser expressão das relações sociais alienadas”. Basicamente, podemos dizer que os objetivos é conseguir o autogoverno dos sujeitos participantes do processo educativo, e dessa forma as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula, onde haja o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. Almejamos uma disciplina consciente e interativa, marcada pela:

- Participação;
- Respeito;
- Responsabilidade;
- Construção do conhecimento;

- Formação do caráter e da cidadania.

A disciplina significa a capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos caprichos individuais, significa enfim, uma regra de vida. Além disso, significa a consciência da necessidade livremente aceita, na medida em que é reconhecida como necessária para que um organismo social qualquer atinja o fim proposto. A disciplina não pode ter fim em si mesmo; deve estar relacionada aos objetivos da escola, que deve formar o aluno como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige.

Ajudando a construir uma nova hegemonia, a hegemonia das classes populares. A realidade está sendo assim, mas pode ser mudada, à partir da experiência de mudança no microcosmo educacional, o aluno está se educando para a mudança social mais ampla. A experiência de não poder, de impotência, repetida constantemente, vai levando a um estado de apatia, de descrença no mundo e na humanidade, facilitando, inclusive, o campo para a busca de subterfúgios alienantes.

“Antes de tudo..., nossa disciplina deve ser sempre uma disciplina consciente, nossa disciplina, como fenômeno moral e político, deve vir acompanhada de consciência, isto é, de uma noção do que é disciplina e para que a necessitasse”.

Frequentemente, trabalha-se a disciplina de forma restritiva: dá-se muita ênfase aos limites, ao que “não pode”, em detrimento das possibilidades, do que se espera. É a disciplina do “não”, “não” e “não”.

Esta é a moral que consagra o que não deve fazer-se. Chamo a isto de disciplina da abstenção ou de inibição. Considero que a disciplina na coletividade infantil deve ter um caráter: o impulso do avançar. Podemos nos orgulhar da disciplina que chama adiante, que exige algo do homem, algo maior que a inibição.

A disciplina, portanto, deve apontar os limites como normalmente se faz mas também as possibilidades geralmente são esquecidas.

Numa visão dialética - libertadora, compreende-se que a disciplina se constrói pela interação do sujeito com os outros e com a realidade, até chegar ao autodomínio; podemos afirmar, parafraseando Paulo Freire (1991): “Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade”.

O educador, num primeiro momento, pode assumir a responsabilidade pela disciplina, enquanto articulador da proposta, levando, no entanto, a classe a assumi-la progressivamente. Tem como parâmetro não a sua pessoa, mas as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula.

Ocorre que as relações entre os homens podem ser alienadas, retificadas, codificadas, ou seja, os limites estabelecidos podem não corresponder às reais necessidades dos sujeitos, mas à necessidade de um ou de outro, ou de apenas um grupo em detrimento dos demais. Desejamos muito, na escola e na sala de aula, a disciplina, a aceitação da proposta de trabalho; mas esquecemos que a resistência, a não concordância ou pelo menos sua possibilidade, é um fator fundamental para a sociedade não parar, não se acomodar, não se submeter a eventuais tiranos. Quando se está sob a tirania, desejamos que as pessoas se rebelassem que se levantem contra, enfim, que se indisciplinem. Esta tensão entre adaptação e transformação é constante. O sujeito precisa adaptar a uma série de valores, costumes, práticas sociais, etc.. Que fazem parte da sua cultura, mas, ao mesmo tempo, deve estar alerta para a necessária transformação destes valores, práticas, etc.; naquilo que têm de desumano, de alienado, que precisa ser superado.

A disciplina consciente e interativa, portanto, pode ser atendida como o processo de construção da auto regulação do sujeito e / ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação - transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo.

14.3 Tratamento e Ações Aplicadas a Indisciplinas

O trabalho escolar não pode se efetivar sem esforço, dedicação e principalmente disciplina. Todavia, ela não pode ser entendida como se tivesse uma finalidade educativa e sim como uma condição indispensável para conduzir uma prática pedagógica coerente e eficaz, estando intimamente relacionada à forma como a escola organiza e desenvolve o seu trabalho.

A disciplina deixa de ser alguma coisa que diz respeito apenas ao aluno para transformar-se em preocupação permanente de toda a comunidade escolar, em uma exigência

da escola. A disciplina fixada pela própria coletividade, mesmo se tarda a ser aplicada, dificilmente fracassa na sua aplicação.

A tarefa fundamental da escola é a de promover o desenvolvimento efetivo do aluno, tornando-o o mais competente possível, colocando-o em condições de ser governante e construtor de uma nova sociedade. Essa tarefa não se realiza através de brincadeira e do ensino facilitado, mas sim exige disciplina e a escola deve habituar o aluno a trabalhar com disciplina e seriedade. Isto porque, o estudo é um trabalho fatigante não só muscular - nervoso, mas intelectual. É um processo de adaptação, um hábito adquirido com esforço. E será sempre necessário que o aluno se fadigue, a fim de aprender.

Procura-se estabelecer as relações entre educação e disciplina, entendida como resultado daquela. E que a conquista do saber não surge espontaneamente, ela só é possível com muito esforço, trabalho e disciplina. Sem disciplina o trabalho escolar não alcança o seu alvo e as suas finalidades. Ela deve ser acompanhada da compreensão da sua necessidade, da sua utilidade, da sua obrigação e do seu significado. Deve ser consciente, nascer da experiência social, da atividade prática do trabalho escolar.

De acordo com Rosember (1985) “a criança indisciplinada está tentando dizer alguma coisa à professora. É preciso saber ouvir e compreender a mensagem que está por trás do comportamento manifesto como indisciplinada”. Rosemberg (1985).

Possivelmente, a escola não lhe proporciona alegria, satisfação e uma aprendizagem consistente de suas aspirações e necessidades.

A escola precisa rever-se, repensar-se para dar conta de sua função que é de formar e instruir o aluno da maneira mais consistente possível.

A escola precisa tratar o educando como sujeito do processo ensino-aprendizagem. Com isso, ela estaria dando a sua contribuição específica para a transformação social, para a qualidade do ensino, condição necessária para atingir uma verdadeira democracia e estabelecer uma nova hegemonia.

Só se alcança a disciplina através de uma escola em que cada aluno deve estar convencido de que a disciplina é a forma de melhor conseguir o fim visado pela coletividade. E assim, a disciplina torna-se uma questão e não mais um problema e que pode ser uma questão e não mais um problema e que pode ser

conseguida através da persuasão e convencimento. É somente assim, que o aluno pode entusiasmar-se pelos objetivos da escola, sentir as alegrias desta, e ao mesmo tempo apropriar-se dos conhecimentos dominantes.

TÍTULO XV

ADMINISTRAÇÃO

15.1 Administração Escolar

Numa perspectiva de construção coletiva e permanente, é essencial a vinculado a escola com as questões sociais e com os valores democráticos na organização escolar. As normas de funcionamento e os valores explícitos e implícitos que regem a atuação das pessoas na escola são determinantes da qualidade de ensino, interferindo de maneira significativa sobre a formação do aluno, através de objetivos próprios elaborados e manifestados pela ação coordenada de seus diversos profissionais. No cumprimento dos propósitos estabelecidos em conjunto com os professores, coordenadores e diretor, visam a formação coerente de seus educandos ao longo da escolaridade básica.

Na administração escolar consideram-se cinco pontos que merecem dentro de uma gestão democrática tratamento especial:

- disciplina;
- relação professor / aluno;
- relação professor/diretores;
- relação da escola com a família e a comunidade;
- escola como espaço de convivência;

Esses pontos serão analisados durante a execução da proposta pedagógica.

A disciplina é um aspecto muito importante na vida da escola. Entretanto, o assunto vem sendo omitido das pautas de discussão na área educacional, na verdade, há inúmeros incidentes disciplinares em cada escola, muitos dos quais acabam em recurso ao Conselho de Educação por parte de pais e alunos, inconformados com as decisões.

No Dicionário de Pedagogia Labor, em verbete assinado por José Mallart Cutó, encontram-se dentre outros, os seguintes significados para a palavra disciplina:

- a) o domínio de si mesmo ou educação assimilada;
- b) a manutenção da ordem;
- c) o castigo.

Os três significados apontados se referem ao governo da conduta própria ou alheia. A disciplina é, até certo ponto, uma violência, ou pelo menos, uma orientação exercida sobre certas manifestações da conduta, para ajustá-las apostolados ideais que se supõe admitidos pelos alunos e pelos mestres. A ideia de controle da conduta está vinculada na educação crista tradicional, á formação do carregar e a ideia de domínio dos próprios atos, que tornaria desnecessária a vigilância. Na disciplina assim concebida, impulsos ingovernáveis se transformarem atos honestos e cultos.

Em sentido mais restrito, disciplina, tal como está nos regimentos escolares, refere-se ao comportamento manifestado dos alunos, de acordo com certa ordem estabelecida, considerada como necessária a educação deles. Neste sentido, nenhuma limitação á liberdade dos alunos pode ser um fim em si mesmo. Será sempre uma limitação subordinada ao interesse coletivo. As infrações a esse conjunto de regras muitas delas implícitas ou herdadas da tradição criaram a necessidade do castigo. Mas, os avanços da psicologia puseram em cheque a doutrina do castigo considerando inócuo. Admite-se hoje que o castigo pode ser substituído por outras formas de orientação, com resultados duradouros sem memória de traumas. A escola nova foi no Brasil a pioneira na descoberta da criança como centro da escola e sua razão de ser e, em consequência, a primeira a defender mais ostensivamente extinção do castigo no cotidiano de nossas escolas.

Não se pense, porém, que outras formas de violência não povoem as salas de aula. Ainda há muita coerção moral e psicológica usada por diretores e professores contra alunos indefesos que apresentam desvios de conduta mais condicionados por certas circunstâncias do que por culpa consciente.

Há educadores que encaram a disciplina escolar como instrumentadora da aprendizagem. “Walter Garcia no livro **EDUCAÇÃO VISÃO TEÓRICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA**”,

refere-se à disciplina como certa ordenação de condições que possibilitem a aprendizagem.

Através de vários estudos e experiências educativas os profissionais do Colégio Betta consideram que a convivência do aluno, na escola, com seus colegas e com seus professores, deve ser vista como uma experiência educativa da maior importância, experiência de um ser novo no mundo com os outros, iguais e diferentes. As relações interpessoais que se desenvolvem na escola constituem experiências que podem Ter influência decisiva em toda a vida do jovem.

Essas experiências devem ser estimuladas e não podem ser vistas como algo que tem que acontecer de um modo totalmente previsto. A criança começou a ter contato com as regras de convivência há muito tempo. Desde os primeiros anos, os adultos impõem normas de conduta para as mínimas ações. Ao entrar na escola, mesmo na educação infantil, as crianças já descobrem regras. Na escola essas regras estão implícitas ou explícitas e, ao que tudo indica, elas vão ser desobedecidas ao sabor das circunstâncias. É nesta hora que o educador desenvolve sua tarefa, exercitando a reflexão do aluno, ajudando-o a fazer prevalecer no cotidiano de suas vidas o poder da razão sobre a emoção, na maioria dos casos a motivadora das transgressões disciplinares: as conhecidas brigas entre estudantes pelos motivos mais fúteis, tanto podem ser manifestações de uma agressividade necessária ao enferrujamento da realidade, quanto podem ser o exercício da conquista de um lugar ao sol, uma forma especial de afirmação. Presunção dos educandos na solução dos conflitos entre estudantes e a maneira de avaliar as motivações que a eles deram causa. Só a experiência concreta irá enriquecer a percepção do diretor sobre o assunto.

Quando a disciplina de um grupo é discutida por todos há um pacto coletivo que autentica as regras.

As queixas de indisciplina na sala de aula, na grande maioria dos casos, são consequência do despreparo do professor para gerar motivações em suas aulas. Professores que falam muito que fazem longas dissertações desencabadas, sem nenhuma atividade a desenvolver, que ficam falando sentados, olhando os quatro meninos sentados na fila da frente; que se apresentam inseguros na apresentação de sua disciplina; que procuram intimidar os alunos com ameaças de reprovação para suas aulas; que são incapazes de manter um diálogo jovial e franco; que não despertam a menor admiração aos seus

alunos; esses professores por certo, terão problemas de disciplina e o fato de estarem na sala de aula já significa um ato de violência contra os estudantes.

Uma boa sugestão sobre a disciplina escolar é colocar o problema das regras de convivência como algo do qual os alunos devem participar.

Quando a disciplina de um grupo é discutida por todos há um pacto coletivo que autentica as regras.

É fundamental que a escola seja; por excelência, um local de aprendizagem. É aprendizagem da convivência respeitosa com todos, da tolerância mútua, da cordialidade do prazer de estar junto com o outro.

A escola jamais deve renunciar ao seu dever e favorecer a aprendizagem. Enquanto que muitas escolas ditas de qualidade consideram seu dever apenas cumprir programas das disciplinas. Este é um dos maiores desafios aos novos executivos da educação. Vamos viver num mundo de violência aprendido na escola?

Vamos capitular diante da vitória do ódio sobre o amor?

Quanto mais se medita sobre temas como este, mais se percebe que é preciso investir muito na formação de diretores que acreditem no poder da educação.

Este é um dos poucos caminhos que nos restam para não voltar à barbárie.

A relação professor aluno pode ser considerada o momento ótimo para construção do ato educativo. Toda experiência de sala de aula confirma esta verdade. A sala de aula é vista pelo aluno como um espaço de trabalho do professor na escola. Como será o trabalho deste professor?

Pergunta-se o aluno. A primeira aula de um professor gera uma expectativa grande para um estudante. Ele vai conhecer um novo professor, iniciar talvez o estudo de uma nova disciplina, vai Ter um encontro com novos amigos, em um novo ambiente, com novos livros e materiais.

Todo este conjunto de novidades pode se transformar em decepção já no primeiro dia, se o professor não trazer aos alunos uma mensagem positiva sobre seu trabalho.

Cabe ao diretor tentar estabelecer na escola parâmetros fundamentais para nortear a relação professor/aluno. Neste sentido, algumas sugestões são interessantes:

Os alunos devem ser preparados e orientados pelo diretor e pelos supervisores para uma relação cordial e produtiva com os professores. A direção deve estabelecer certas diretrizes

sobre o assunto. Se não o fizer vão surgir muitas contradições quanto a certas atitudes. Um professor diante de determinada situação age de uma forma e, outra, de forma diferente isso vai gerar confusão entre os alunos.

O professor é visto pelos alunos como alguém hierarquicamente superior. Mas essa superioridade não pode ser entendida como uma submissão humilhante a uma postura autoritária - ela deve ser vista sobre tudo como uma posição hierárquica de ajuda. A principal diretriz pedagógica da escola quanto o conceito de ensino/aprendizagem ditará o perfil do professor como alguém que ajuda o aluno a aprender ou alguém que ensina o aluno. São duas posições bastante distintas. E decisivas para o tipo de imagem que o aluno vai Ter de cada professor.

Além da qualidade exigida pelos alunos - A **COMPETÊNCIA** - eles avaliam muito censo de justiça dos professores. Há escolas em que os alunos estão sempre sendo julgados e criam no aluno uma eterna postura de réu. Os mesmos estão sempre escondidos com medo de serem julgados e se tornam dependentes às vezes para o resto da vida.

Os alunos guardam a imagem dos professores que os viram como pessoas e dos que tiveram efetiva participação na construção de suas personalidades e visões de mundo.

TÍTULO XVI

BIBLIOTECA

16.1 Biblioteca

Do livro de pedra ao livro eletrônico das bibliotecas medievais sagradas e misteriosas, as bibliotecas abertas ao público e à grande rede de bibliotecas ligando leitores de todo o mundo, o homem imprime a sua marca, revelando a trajetória de seu conhecimento.

Num país em que um grande contingente da população não tem acesso à escrita e outra grande parte tem acesso a ele, mas não é letrada, precisamos questionar o papel da escola,

instituição a que se delega esse poder – o ensinar a ler e a escrever.

O mundo de hoje, dominado pela informação e pela informática, não comporta mais uma escola que aprisiona o conhecimento em alguns poucos livros.

É evidente que as crianças vão à escola para aprender a ler e a escrever, para apropriar-se do saber construído ao longo do tempo pelo homem. Chegam cheias de sonhos, expectativas e conhecimentos, inclusive sobre a escrita e sobre a linguagem escrita.

Entendendo que a leitura/escrita é base de aprendizagens múltiplas na escola e que é instrumento de poder e de transformação, acreditamos numa escola questionadora que ofereça uma pluralidade de materiais e de pensamentos, uma escola onde o pensar seja o bem maior.

Essa discussão vem embasando nossa escola, uma proposta pedagógica consistente em relação à leitura e à escrita, baseada no processo cognitivo do aluno.

Não queremos apenas mudar ou melhorar; queremos mais e, para isso, muitas vezes, precisamos romper com o estabelecido, moldando uma nova prática, criando uma nova relação professor versus livros, professor versus alunos, aluno versus livros e ensino versus aprendizagem; em busca do letramento do alunos e do professor.

Tudo isso demonstra que somos leitores e que os textos têm diferentes usos sociais. “É preciso ler, é preciso ler... E se em vez de exigir a leitura o professor partilha da própria felicidade de ler”.

TÍTULO XVII

LABORATÓRIO

17.1 Laboratório

As práticas laboratoriais auxiliam e dinamizam as aulas do professor, além de facilitar o entendimento do conteúdo que está sendo trabalhado, pois as demonstrações onde o aluno possa trabalhar de forma concreta facilitam a assimilação, e este faz a relação entre a transposição didática.

Tem-se por objetivo, que o aluno entenda os fenômenos naturais e artificiais e deles possa se utilizar, que também estabeleça um conceito próprio sobre cada fenômeno após seu entendimento.

A transformação do conhecimento já obtido pelo aluno, também pode ser feito através das práticas laboratoriais, onde o próprio aluno reconstruirá o seu conhecimento.

Relação do Mobiliário e Equipamentos referentes ao laboratório

- 30 banquetas
- 02 balcões com pia inox
- 01 microscópio
- 01 videoscópio
- 01 torso humano de 11 peças
- 01 esqueleto humano de 82 cm
- Animais variados em vidros adequados (vermes, aranhas, cobras, pinto, lagarto)
- 01 terrário
- 02 almofarizes c/pistilo, 180 ml.
- 01 balão volumétrico de vidro com rolha de polietileno de 250 ml.
- 04 bastões de vidro (baguete);
- 05 unidades de Becker de vidro de 100 ml.
- 05 unidades de Becker de vidro de 250 ml.
- 05 unidades Erlenmeyer de vidro grande, boca estreita de 25 ml.
- 02 unidades funil analítico de haste longa liso de 100 mm.
- 01 unidade kitassato de 250 ml saída superior
- 05 unidades pipetas graduadas de 5 ml.
- 05 unidades pipetas graduadas de 10 ml.
- 02 unidades de pipeta volumétrica de 5 ml.
- 02 unidades de pipeta volumétrica de 10 ml.
- 05 unidades de placa de Petry.
- 01 condensador para destilação com serpentina
- 05 lâminas á álcool
- 05 vidros de álcool etílico
- 03 bandejas brancas, quadrada tipo açougue.

A estrutura do Colégio Betta está inteiramente integrada aos objetivos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, onde proporcionamos ao educando condições de ampliar suas experiências e valorização dos seus saber, dando-lhe oportunidade de compreender e transformar o mundo as relações em que vive, de forma critica criativa.

TÍTULO XVIII

PROPOSTAS DE AÇÃO DA ESCOLA

18.1 Proposta de Ação da Escola

O Colégio Betta durante o ano letivo realiza diversas atividades em consonância com a comunidade escolar. Atividades que são:

- - Projetos interdisciplinares;
- - Datas comemorativas;
- - Verificação do rendimento escolar;
- -Apoio pedagógico através de atividades de reforço;
- -Gincanas;
- - Projeto de xadrez;
- -Jogos escolares.
- - Verificação e Rendimento

A verificação do rendimento escolar, para fins de promoção, compreenderá a avaliação do aproveitamento do educando, bem como a apuração da assiduidade. O sistema de avaliação do processo ensino-aprendizagem será bimestral, para o Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O rendimento escolar será avaliado pelo aproveitamento do educando, através de técnicas e instrumentos de avaliação diversos, tais como:

- observação diária do docente;
- trabalhos de pesquisa individual ou coletiva;
- provas escritas e orais;

- resoluções de exercícios;
- planejamento, execução e apresentação de experiências ou projetos;
- relatórios;
- trabalhos práticos;
- outras técnicas e/ou instrumentos que o docente julgar conveniente.

Os instrumentos de avaliação deverão ser variados e utilizados como meio de verificação que levem o educando ao hábito de pesquisa, à reflexão, à iniciativa e à criatividade. Todo resultado de avaliação deverá ser mostrado aos educandos e as respectivas correções esclarecidas pelo docente, logo após a sua realização, para que os mesmos conheçam o seu desempenho.

Bimestralmente o docente deverá realizar no mínimo 5 (cinco) avaliações.

O sistema de avaliação do processo ensino-aprendizagem adotado pela escola deverá ser explicado aos educandos e responsáveis, quando do ingresso na mesma.

Bimestralmente, as médias serão entregues e registradas na Secretaria, de acordo com os prazos estipulados no Calendário Escolar.

A média bimestral deverá ser a média das avaliações de diferentes atividades realizadas no decorrer do processo ensino-aprendizagem e será expressa em notas de 0 (zero) a 100 (cem). A média bimestral é 60 (sessenta). São somados todos os instrumentos avaliativos e dividido pelo número de instrumentos realizados. Todos os instrumentos valem 100 (cem) tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Na educação infantil a progressão é automática e a avaliação far-se-á por meio de Parecer Descritivo sem utilização de notas e conceitos.

ART. 01 - A Verificação do Rendimento Escolar atende ao disposto na legislação vigente, bem como, às Diretrizes da

Proposta Pedagógica definidas pela Secretaria de Estado da Educação.

ART. 02 – A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) Possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) Possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) Aproveitamento de estudos concluídos com êxito e obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferências paralelas ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pela instituição de ensino em seu regimento.

TÍTULO XIX

DA CLASSIFICAÇÃO E DA RECLASSIFICAÇÃO

19.1 Do Processo de Classificação

A classificação no Ensino Fundamental e Médio é o procedimento que o estabelecimento de ensino adota para posicionar o aluno na etapa de estudos compatível com a idade, experiência e desenvolvimento adquiridos por meios formais ou informais, podendo ser realizada:

- por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola;
- por transferência, para os alunos procedentes de outras escolas, do país ou do exterior, considerando a classificação da escola de origem;
- independentemente da escolarização anterior, mediante avaliação para posicionar o aluno na série, ciclo, disciplina ou etapa compatível ao seu grau de desenvolvimento e experiência, adquiridos por meios formais ou informais.

A classificação tem caráter pedagógico centrado na aprendizagem, e exige as seguintes ações para resguardar os direitos dos alunos, das escolas e dos profissionais:

- organizar comissão formada por docentes, pedagogos e direção da escola para efetivar o processo;
- proceder avaliação diagnóstica, documentada pelo professor ou equipe pedagógica;
- comunicar o aluno e/ou responsável a respeito do processo a ser iniciado, para obter o respectivo consentimento;
- arquivar Atas, provas, trabalhos ou outros instrumentos utilizados;
- registrar os resultados no Histórico Escolar do aluno.

É vedada a classificação para ingresso no ano inicial do Ensino Fundamental.

19.2 Do Processo de Reclassificação

A Reclassificação é um processo pedagógico que concretiza através da avaliação do aluno matriculado e com frequência na série/ano/disciplina(s) sob a responsabilidade do estabelecimento de ensino que, considerando as normas curriculares, encaminhará o aluno à etapa de estudo/carga

horária da(s) disciplina(s) compatível com a experiência e desempenho escolar demonstrados, independentemente do que registre o seu Histórico Escolar.

A equipe pedagógica coordena os procedimentos do processo de reclassificação promovendo reunião com professores do(s) aluno(s), elaboração de planejamento e procedimentos avaliativos que serão registrados em atas para posterior relatório ao NRE.

Reuniões serão realizadas, com os pais dos alunos para ciência e consentimento do processo de reclassificação com ata lavrada.

O parecer conclusivo deverá ser condensado entre equipe pedagógica, professores, família e o próprio aluno e será encaminhado à série/ano/carga horária das disciplinas compatível com o resultado, após realização dos procedimentos avaliativos.

ART. 04 – Reclassificação é o processo pelo qual a escola avalia o grau de desenvolvimento e experiência do aluno matriculado, levando em conta as normas curriculares gerais, a fim de encaminhá-lo ao período e estudos compatível com sua experiência e desempenho, independentemente do que registre o seu histórico escolar.

ART. 05 – Ficam vedadas a classificação ou reclassificação para etapa inferior a anteriormente cursada.

19.3 Da Progressão Parcial

Entende-se por Progressão Parcial a passagem do aluno para o ano posterior, com defasagem em alguns conteúdos curriculares, necessitando por isso, de novas oportunidades de aprendizagem, viabilizadas em procedimentos pedagógicos e administrativos, oferecidas pelo Colégio conforme regulamentação do Projeto Político Pedagógico e do Regimento escolar.

A Progressão Parcial deve ser decidida pelo Conselho de Classe, motivada e anotada em seu inteiro teor, em ata própria e na ficha individual do aluno, no histórico escolar e no diário de classe

Art. 114 - A matrícula com Progressão Parcial é aquela por meio da qual o aluno, não obtendo aprovação final em até 3 (três) disciplinas em regime seriado, poderá cursá-las subsequente e concomitantemente às séries seguintes.

Art. 115 - O estabelecimento de ensino oferta aos seus alunos matrícula com Progressão Parcial, a realizar-se em caráter contra turno.

Parágrafo Único – As transferências recebidas de alunos com dependência em até três disciplinas serão aceitas e deverão ser cumpridas mediante plano especial de estudos.

Art. 116 - É vedada a matrícula de alunos em regime de Progressão Parcial nos cursos de Educação Profissional técnica de nível médio com organização curricular subsequente ao Ensino Médio (semestral) e nos cursos da modalidade Educação de Jovens e Adultos.

TÍTULO XX

PROJETOS INTERDISCIPLINARES

20.1 Trabalho com Jornal

Objetivos do uso do jornal na Educação:

- Desenvolver a empatia aluno/jornal, possibilitando ao leitor manipular o material concretamente e a se familiarizar com ele;
- Desenvolver o gosto e o hábito de leitura de jornal;
- Estimular o aluno a se manter informado sobre assuntos cotidianos e enriquecer tanto o aluno, quanto o professor;

- Estimular o aluno à discussão de sua realidade, desenvolvendo o espírito crítico, pensamento lógico e criativo, formando cidadão consciente e participante;
- Viabilizar como recurso de apoio didático para todas as disciplinas curriculares;
- Desenvolver e exercitar as capacidades operacionais da mente do aluno;

Tipos de Textos Jornalísticos

- Notícia
- Reportagem
- Páginas de opinião: editoriais, colunas assinadas, opinião do leitor, charges.
- Anúncios: publicitários e classificados.
- Chamadas
- Serviços / Informações Úteis
- Textos com Imagens.

20.2 Produtos Naturais e Industrializados

Área do conhecimento:

- Natureza e Sociedade
- Linguagem oral e escrita.

Conteúdo Específico:

- O caminho da espiga de milho à lata de milho.
Objetivo do Projeto (compartilhando com as crianças)
- Sequenciar com as crianças, o caminho que o milho percorre desde o plantio até a industrialização do mesmo.

Objetivo Didático do Projeto (o que o professor espera das crianças):

Conhecer a diversidade dos produtos naturais e industrializados, e criar uma postura de pesquisadores, que se interessam por saber mais sobre o mundo que os cerca.

Pré - atividade:

Conversar com as crianças para conhecer um pouco do que elas sabem sobre os recursos naturais e industrializados, enfim saber o que o conhecem e qual a maior fonte de informação das crianças com referência ao assunto citado.

Etapas prováveis:

- Criar com as crianças uma história sobre a vida do campo, fazendo os personagens de fantoches de varas;
- Explorar a sequência verbal da história;
- Explorar os fantoches livremente, criando oportunidades para todos os alunos manusearem os fantoches e criarem novas histórias;
- Cantar canções existentes sobre a vida no campo e criar novas canções com as crianças e fazer dobraduras da casa do sítio / fazenda;
- Fazer desenhos sobre a história contada e / ou criada;
- Montar uma exposição na classe sobre os desenhos criados pelos alunos;
- Montar um painel, com fundo de um sítio para as crianças colocarem as dobraduras, montando o cenário da vida no campo;
- Apresentar uma espiga de milho e uma lata de milho;
- Trabalhar com as crianças com o tema disparador à seguinte situação: como este milho (espiga) veio parar dentro desta latinha?
- Levar as crianças para visitar uma chácara, caso não seja possível, mostrar fotos, figuras, de lugares onde se plantam milho e outras verduras e legumes;
- Explorar o meio ambiente no caso da visita, orientando quanto aos cuidados com a natureza, coletando folhas caídas no chão, para montagem de painel;
- Plantar juntamente com as crianças alface, na horta se tiver disponível ou em copinhos de plástico com terra;
- Trabalhar com as crianças o cuidado, preservação, colheita, higiene com a plantação;
- Visitar uma fábrica de enlatados, tirando fotos para montar painel sobre a visita;

- Observar durante a visita, o processo da industrialização, fazendo relação com os outros produtos conhecidos por eles;
- Colher alface após, preparar com eles um delicioso sanduíche natural, onde eles comerão em sala e/ou levarão para casa.

20.3 Foto Poesia

Ao observarmos a fotografia devemos com isto Ter o intuito de treinar o nosso olhar para perceber os detalhes, possibilitando mexer com as nossas lembranças e colocar nossas ideias, sentimentos, nossa emoção em movimento, a partir de uma imagem que se encontra congelada no tempo e no espaço.

Competências

O presente projeto tem objetivo de mostrar ao aluno como a lente do fotógrafo é uma leitura do mundo, e partindo desta leitura do mundo, e partindo desta leitura explícita e implícita que toda imagem possibilita, podemos mergulhar na poesia como forma de expressão de sentidos, emoções e experiências do ser humano.

Metodologia:

- Propor uma pesquisa de textos que contém análise do trabalho de alguns fotógrafos;
- Organizar em grupo, um debate sobre o material coletado;
- Organizar uma pesquisa de campo na qual o aluno assume a função de fotógrafo;
- Solicitar a fotografia que mexeu com seus sentimentos;
- Fazer análises partindo da leitura explícita e implícita que a imagem proporciona;
- Produzir poemas a partir de possíveis leituras que expressam a fotografia; utilizando as figuras de linguagem como forma de expressão do poema.

TÍTULO XXI

PROJETOS

21.1 English Is Everywhere

Objetivo: conscientizar o aluno sobre a importância do aprendizado de língua inglesa através da percepção do papel desta língua no mundo que nos cerca.

Atividade: os alunos deverão coletar material que veicula de alguma forma a língua inglesa, tais como camisetas, latinhas, panfletos, propagandas, etc. Os grupos deverão apresentar perante a turma as formas mais inusitadas encontradas em Foz do Iguaçu da utilização da língua inglesa. Neste momento eles não terão a responsabilidade de compreensão de todo o texto contido e seu material, pois o objetivo principal está na identificação do texto em língua inglesa em diversos materiais. O professor oferecerá as devidas explicações.

21.2 We Can Read It

Objetivos: introduzir os alunos nos textos elementares em língua inglesa; promover a promoção de sentidos nos textos em língua inglesa.

Atividades: o professor deverá coletar textos que sejam acessíveis ao nível linguístico da turma. Tais textos poderão ser coletados em revistas ou produzidos pelo professor com o intuito de oferecer informações relevantes e de interesse dos alunos. O grande diferencial neste projeto é o trabalho em grupo para a solução de enigmas, ou questões colocadas inicialmente pelo professor, gerando uma agradável competição que levará o grupo que o primeiro atingir os objetivos a dizer: “we can read it!”.

21.3 Role - Plays

Objetivo: desenvolver a expressão oral dos alunos em situações de vida real.

Atividades: após a apresentação e a prática dos objetos comunicativos de cada unidade, os alunos poderão dividir-se em grupos para a realização de pequenas “cenas comunicativas”. Tais cenas deverão ser dramatizadas perante a turma e a realização desta tarefa contará como ponto de participação para os alunos. As cenas podem ser: apresentação de novos amigos, pedido de pizza, situações em alfândega, etc.

21.4 Pen-Pal

Objetivo: desenvolver a expressão escrita em um texto desafiador.

Atividades: promover “amigo secreto” entre os alunos que deverão corresponder-se utilizando pseudônimos durante um mês, até que o colega adivinhe quem é seu amigo secreto. As mensagens poderão ser curtas, versando sobre atividades preferidas, cantores e músicas preferidas, características pessoais, etc.

21.5 Sing a Song

Objetivos: proporcionar a prática de expressão oral (pronúncia); desenvolver a compreensão oral.

Atividades: os alunos deverão, dividindo-se em grupos, apresentar perante a turma uma música de sua preferência. Eles poderão ensaiar e ler a música no dia da apresentação. A utilização de fita ou acompanhamento ficará a critério do aluno.

21.6 Mini Sociedade Aprendizado de Economia

Este projeto serve para motivar e guiar os currículos inovadores esperando com isto que se desenvolvam outros processos inventivos. Numerosos estudos experimentais mostraram a efetividade da Mini sociedade como sistema instrutivo interdisciplinar. Este sistema produziu lucro para as crianças, alfabetização econômica e argumentação, consciência empresarial e conceituação de comércio, como também aumentou o interesse pela matemática e alterou sua atitude para com a escola (ética), governo, leis, o aprendizado e sua autoestima (Liderança Empresarial).

O programa deve ser administrado durante aproximadamente uma hora por dia, três dias por semana, para um mínimo de dez semanas e é apropriado para crianças cujas fases de desenvolvimento cognitivo estão dentro dos dez a dezessete anos.

Mini sociedade é implementada na prática primeiramente com um seminário aos professores. Depois o sistema é iniciado por uma situação de escassez, como um número insuficiente de canetas de feltro que passa para todos os alunos usarem simultaneamente. Uma vez que as crianças experimentaram o problema de escassez, eles são reunidos em um grupo de interação – discussão onde consideram possíveis modos para a solução.

Como as crianças discutem vários métodos para distribuir os recursos escassos, eles podem decidir a “pagar por aquilo que eles querem”. Esta decisão inevitavelmente cria jogos numa economia de mercado em movimento, começando com a criação de moeda. Esta moeda corrente é usada para licitar os recursos escassos (a caneta de feltro, etc.). Estruturas governamentais também formam e refletem os valores concernentes de cada cidadão da Mini sociedade, individual e coletivamente. Como estas estruturas desenvolvidas, as crianças geram princípios de conduta e atividades nas quais eles serão pagos.

As sociedades e os pequenos negócios aparecem como tendências empresariais emergentes e ativas. As crianças começam a comprar e vender ativamente – lápis e borrachas, comes e bebes e serviços baseado no tempo e em suas habilidades. Como eles procuram potencial de mercado, algumas crianças desenvolvem negócios que variam de fábricas de carteira a companhias de seguro bastante complexas. Outras crianças escolhem se tornar trabalhadores assalariados para ganhar um sustento, em lugar de trabalhar por conta própria.

Esta decisão crítica que concerne que função executar na sociedade é determinada somente pela criança e também pode ser mudada a qualquer hora.

O sistema instrutivo da Mini sociedade não é um jogo ou uma simulação. Como as crianças administram o negócio e atividades sociais, eles experimentam um real microcosmo da sociedade. Elas encontram problemas de “como fazer qualquer coisa” na economia e podem examinar resoluções alternativas para uma variedade de problemas econômicos, empresariais, pessoais e sociais. O professor facilitador é treinado para conduzir e orientar as investigações, com sessões de perguntas para direcionar os vários dilemas previsíveis confrontados pelas crianças.

21.7 Lixo Que Não é Lixo

OBJETIVO GERAL: Levar os alunos a reconhecerem a importância da reciclagem dando valor aos produtos reciclados, fazendo uma interação entre o útil e o dispensável.

OBJETIVO ESPECÍFICO: Envolver a comunidade escolar e despertar nos alunos o interesse pela reciclagem e o problema do meio ambiente.

ESTRATÉGIAS:

- Visita ao Parque Guarani (meio ambiente agradável)
- Palestras: Profissionais da Itaipu Binacional
- Pesquisas: História do Bosque de Foz do Iguaçu, Animais
- Cartazes
- Vídeos – Lixos nos rios e a consequência ao meio ambiente
- Visita ao lixão: observação do tratamento do lixo
- Fotos
- Material: Folha de sulfite

AValiação – Os alunos apresentaram materiais reciclados que foram recolhidos na comunidade, além de ter um apoio interdisciplinar (Biologia e Química).

CONCLUSÃO – Convocado o Conselho Escolar, surgiu-se a ideia de fazer uma gincana ecológica, com o dinheiro arrecadado utilizado em benefício da escola. A ajuda de todos os alunos a campanha durou dois meses. Foram separados os materiais: garrafas plásticas inteiras, latas de alumínio (amassadas), jornal (em fardos) papelão (em fardos). O interesse era despertar a comunidade para tirar do lixo o que, de fato, não é lixo. A ênfase foi a questão do lixo urbano industrial.

21.8 Meio Ambiente

OBJETIVO GERAL – Levar o educando a contribuir para a formação de cidadãos conscientes aptos a decidir e atuar na realidade sócio ambiental de modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade, local e global.

OBJETIVO ESPECÍFICO – Levar o educando a identificação do homem com o meio ambiente, bem como a importância de sua relação com o mesmo.

ESTRATÉGIAS

- Palestras, retroprojeter
- Distribuição de prospectos
- Máquina fotográfica
- Visita ao parque guarani
- Animais que ali vivem
- Fotos

AVALIAÇÃO

- Os alunos confeccionam um painel com os dados colhidos nas pesquisas, o qual foi apresentado e discutido.
- Observou-se que os objetivos foram alcançados.

CONCLUSÃO – Através das informações que obtivemos, levamos o educando ao relacionamento entre o homem e a natureza, passando para os alunos a conscientização de preservação do meio ambiente. Para que haja harmonia entre o

homem e a natureza, para que os recursos naturais sejam usados com maior controle.

21.9 Desenvolvendo a Cidadania

OBJETIVO GERAL – Ensinar o educando a desenvolver a cidadania.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Despertar no educando: Civismo, amor pela Pátria, e respeito pela família.
- A Pátria somos nós, em tudo que realizamos.

ESTRATÉGIA

- Ouvir o Hino Nacional (Símbolo de unidade dos Brasileiros)
- Posição de sentido, respeito pela pátria, honrar o presente, respeitar a tradição ou o passado, projeção de otimismo de dias melhores
- Som ambiente
- Bandeira
- Vídeo
- Pesquisa: População, etnias, culturas, principais religiões (Cristã, Afro, Indígena)
- Redações: O que foi o Brasil? O que é e o que será?
- Riquezas minerais e vegetais
- Processo de industrialização do Brasil envolvendo o Paraná.

AVALIAÇÃO – Avaliar o comportamento dos educandos e dos educadores, em relação ao contexto escolar, através de reuniões, palestras e captando sugestões de melhorias do meio em que vivemos. Ex: limpeza coletiva do bairro combate a Dengue, etc...

CONCLUSÃO – Pesquisa de origem do Hino Nacional: Mensagem política do Hino, a poesia comparativa com as

riquezas da época com a de hoje (matas, rios, terras e mares, poluição). Desenhos educativos das bandeiras nacionais, desenho da atual bandeira. A influência do Hino Nacional nos regimes militares e na atual democracia.

21.10 Meio Ambiente Consciência da Cidadania

OBJETIVO GERAL – Resgatar a dignidade da pessoa integrando-a ao meio ambiente; despertar nos alunos o interesse por seus direitos e deveres.

OBJETIVO ESPECÍFICO – Fazer com que o educando descubra que ele faz parte do meio ambiente em que vive.

ESTRATÉGIA

- Vídeo, áudio, faixas, cartazes
- Filmes referentes ao meio ambiente
- Educando é o agente mais importante do meio ambiente
- Trabalhos escritos
- Palestras sobre a preservação do meio ambiente: água, terra, fauna e flora
- Passeio realizado pela comunidade escolar no refúgio biológico, parques
- Despertar a saúde do corpo
- Palestras contra vícios e seus prejuízos
- Como se alimentar
- Palestras sobre doenças sexuais transmissíveis
- Palestras sobre saúde mental

AVALIAÇÃO

- Produções escritas como: redações, poesias e cânticos;
- Coleta de sugestões de melhorias do meio ambiente;
- Articular os conhecimentos adquiridos em diferentes situações do cotidiano.

CONCLUSÃO – Concluimos que o trabalho realizado permitiu que os alunos desenvolvessem o senso crítico e conseqüentemente terão mais compromissos com as

transformações do mundo, de forma que os indivíduos passem a agir com responsabilidade e respeito com o meio em que vivem.

21.11 Plantas Medicinais

OBJETIVO GERAL – Despertar nos alunos a importância das plantas em nossa vida, em nossa alimentação e na cura de doenças.

OBJETIVO ESPECÍFICO – Fazer com que o aluno descubra que faz parte do meio ambiente e que as plantas estão presentes no meio em que vivemos e tem a sua utilidade.

ESTRATÉGIA

- Filmes referentes ao meio ambiente
- Uso de plantas pelos indígenas
- Ser humano é o agente mais importante do meio ambiente
- Trabalhos escritos
- Pesquisas sobre plantas medicinais
- Exposição de cartazes
- Exposição das plantas: chás e para que servem
- Como preparar cada planta

AVALIAÇÃO – Os alunos trouxeram plantas e montaram bancas, demonstrando como as ervas são importantes para determinados problemas de saúde, assim como muitas plantas podem ser utilizadas em preparo de: alimentos, bolos, sucos, chás, etc.

CONCLUSÃO – Houve a participação de todos os professores e todos os funcionários, sendo que os alunos descobriram a importância da nossa flora e como podemos fazer uso de plantas simples para curar problemas de saúde.

21.12 Resgatando Valores

OBJETIVO GERAL – Descobrir que dentro do país existe diversidades culturais, que cada região possui costumes diferentes: linguagem, alimentação, vestuário, etc.

OBJETIVO ESPECÍFICO – Conhecer geograficamente o Brasil e a valorização da diversidade cultural

ESTRATÉGIA

- Exposição de cartazes
- Exposição dos pratos típicos de cada região
- Danças regionais
- Pesquisas
- Textos
- Fotos
- Objetos
- Receitas

AVALIAÇÃO – Os trabalhos foram avaliados pelos jurados: Professores, Diretores e Membros do Núcleo Regional de Foz do Iguaçu, obedecendo certos critérios já estabelecidos anteriormente.

CONCLUSÃO – Os alunos apresentaram comidas típicas de cada região e suas respectivas receitas. Ao término desta atividade foram apresentadas danças regionais, e demais trabalhos. O projeto contou com a participação da Equipe Pedagógica, alunos e comunidade. De acordo com as análises dos professores os objetivos foram alcançados porque nas várias etapas sentiram que os alunos compreenderam e valorizaram as diferentes manifestações culturais existentes no Brasil.

21.13 Orientação Sexual

OBJETIVO GERAL – Esclarecer e informar o educando sobre a sexualidade.

OBJETIVO ESPECÍFICO – Melhorar a vida do educando, esclarecer e informar o educando sobre a sexualidade. Para que todos possam ter consciência de como funciona o corpo humano e as mudanças que ocorre com o corpo no início da puberdade. O interesse do educador é que essa fase da

adolescência seja vivida com tranquilidade, ressaltando sempre os sentimentos, atitudes e conceitos. A linguagem deve ser clara, sem sinal e grosseria.

ESTRATÉGIA

- Palestras, músicas, textos, fotos, filmes (vídeos), dinâmicas variadas
- Vídeo – o grito silencioso – aborto
- Música: como é grande o meu amor por você (Roberto Carlos)
- Texto: Quequinha (Luis Veríssimo)
- Fotos: Grupo Biologia e Saúde (plantão médico), sexo, prazer e segurança
- Livro: A função sexual humana, conhecendo seu corpo
- Jovem e o sexo: uma relação difícil
- DST: educar para prevenir
- AIDS: prevenir é o único remédio

AVALIAÇÃO – Os alunos devem participar das atividades em grupos proposta pelo professor durante as palestras.

CONCLUSÃO – Durante as aulas todos os alunos participaram comentando a respeito das DST. Também foram tratados problemas como AIDS e Drogas. Foram feitos cartazes. Elaboraram questões sobre o tema tratado. Houve uma apresentação teatral elaborado pelos alunos.

Atividades: jogos, danças e dinâmicas com a participação de professores e alunos. O projeto foi desenvolvido pela professora de história que envolveu professor de biologia, química, língua portuguesa e outros como educação artística.

21.14 Combate ao Fumo

OBJETIVO GERAL – Desenvolver nos alunos a consciência dos danos do cigarro ao organismo humano.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Conhecer, através de pesquisas e leituras, dados sobre doenças causadas pelo tabagismo, mortalidade de fumantes, abortos em mulheres grávidas que fumam etc.

- Elaborar de forma criativa, frases que alertam sobre o perigo do fumo e a necessidade de combatê-lo.
- Colaborar ativamente na Campanha de Combate ao Fumo.

ESTRATÉGIAS – Confeção de cartazes e painéis pelos alunos, contendo artigos, reportagens e demais materiais relativos ao assunto.

CONCLUSÃO – Através desse projeto, os alunos envolvidos puderam informar-se sobre os malefícios do cigarro, bem como transmitir essas informações através da exposição dos trabalhos. Estes foram avaliados, de acordo com a criatividade, capricho, qualidade das informações e apresentação dos dados.

21.15 Noite Alternativa

OBJETIVO GERAL – Conscientizar o educando da importância das diversidades culturais e a sua contribuição na formação da etnia do povo brasileiro.

OBJETIVO ESPECÍFICO – Mostrar a comunidade e a escola todos os trabalhos realizados durante o ano.

ESTRATÉGIA

- Vídeo
- Pesquisas
- Debates
- Teatros - Danças
- Poesias - Músicas
- Grupos Indígenas (Avás – Guaranis, da Tribo Avá – Coi) São Miguel do Iguaçu
- Grupo Nipônico

AValiação – Conclui-se que alunos, professores e comunidade tiveram a participação ativa em todas as atividades desenvolvidas durante o projeto. Os trabalhos foram apresentados durante duas noites envolvendo a comunidade escolar, as atividades foram realizadas da seguinte forma:

- Elaboração de trabalhos escritos dos textos expostos;
- Debates com tomadas de posição e defesa argumentativamente dos conhecimentos adquiridos.

Enfim, tudo o que foi realizado será avaliado de forma criteriosa pelos alunos, professores, supervisores e comunidade.

CONCLUSÃO – Percebeu-se que através de atividades diversificadas os alunos demonstraram mais interesse e conseqüentemente a participação é maior. O presente projeto teve o envolvimento dos professores de Língua Portuguesa, Artes, História, Geografia, Ciências, Educação Artística, Educação Física.

LÍNGUA PORTUGUESA – Pesquisaram conteúdos históricos e geográficos, produção de textos para dramatização, linguagem formal e informal.

HISTÓRIA – Desenvolveu-se pesquisa sobre as etnias de raças (branca, negra, indígena e os mestiços).

GEOGRAFIA – Foi pesquisado o espaço geográfico das regiões e sua contribuição no desenvolvimento do País.

EDUCAÇÃO FÍSICA – Trabalhou o esporte de forma geral, destacando-se a modalidade “Capoeira” por ser um esporte tipicamente brasileiro.

ARTES – Desenvolveram combinações de ritmos Afros e indígenas, coreografias, vestuários, lendas, história de cada região e dramatização.

CIÊNCIAS – De princípio desenvolveu pesquisa sobre alimentação típica de cada região e posteriormente apresentação prática.

21.16 Desenvolvendo Competências

OBJETIVO GERAL – Adquirir através do trabalho em grupo as competências e ainda não dominadas referente aos conteúdos estudados.

OBJETIVO ESPECÍFICO – Adquirir hábitos de disciplina e concentração no trabalho em grupo.

ESTRATÉGIA

- Filmes
- Fitas da TV Escola
- Leituras
- Pesquisa
- Debates e discussões
- Atividades variadas

AVALIAÇÃO – A avaliação será feita continuamente no decorrer do desenvolvimento do projeto de acordo com o desempenho das habilidades apresentadas pelo aluno nas atividades propostas, bem como o seu relacionamento e afinidade com o grupo.

OBS: O projeto será desenvolvido pelo supervisor com alunos em dificuldades na aprendizagem em horário contra-turno.

21.17 Viajando Pelo Brasil

JUSTIFICATIVA – Por acreditarmos que a educação é o elemento indispensável para a formação de um bom cidadão, criou-se o projeto “Viajando pelo Brasil”, para que o aluno tenha mais motivação e motivo para estudar e conhecer um pouco do nosso Brasil sem precisar sair da sua cidade natal.

OBJETIVOS GERAIS – Através da pesquisa, análise, participação, exposição, e observação de alguns estados brasileiros, o aluno passará a ter uma visão ampla sobre as tradições, costumes, cultura, política econômica, parte histórica, a religião e a participação dos imigrantes em nosso país.

METAS – Através desse trabalho o aluno passará a conhecer, raciocinar, aprender, ser, fazer e socializar-se com o grupo.

INTERDISCIPLINARIDADE – O projeto envolverá todas as áreas por meios de atividades desenvolvidas durante a pesquisa.

Cada professor selecionará o conteúdo que irá trabalhar, relacionada ao seu planejamento específico.

CONTEÚDOS – Estados – Paraná, Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas. Lendas, danças, pratos típicos, exposição.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO – Mapas, vídeo, linguagem, gráfico, pesquisas.

ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

- Escolher um líder de cada série, para a organização e divisão das tarefas para a pesquisa;
- Sortear entre os líderes, quais os estados a serem trabalhados;
- Mostrar através de livros, revistas, vídeos, fotos de alguns estados brasileiros a serem trabalhados.

RECURSOS

Humanos

- Equipe técnica e pedagógica da escola;
- Professores;
- Alunos;
- Comunidade.

Materiais

- Textos diversos;
- Pesquisa em biblioteca;
- Vídeos, TV, e fitas de vídeo;
- Aparelho de som, sulfite, etc;
- Materiais disponíveis na escola e município.

AValiação – Será feita através das apresentações: danças, lendas, exposições, culinária, pesquisa, relatórios.

21.18 Turismo

TEMA – Cataratas

OBJETIVO – O que? Meio Ambiente, Turismo e Estatísticas.

OBJETIVO GERAL

- Preservação do meio ambiente
- Influencia de outras línguas
- que o turista das cataratas trás de bom para a cidade
- Como utilizar a tecnologia e o meio ambiente sem prejudicar a natureza
- Como é tratado os turistas em Foz do Iguaçu.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- História – Fundação das Cataratas
- Português – linguagem e escrita
- Matemática – cotação de visitantes diariamente, mensalmente e anualmente. Renda diária, mensal e anual.
- Geografia – relevo, clima, visitantes de outros países.
- Biologia – fauna e flora.
- Física – velocidade das quedas da água
- Ed. Física – exercícios feitos durante a visita (caminhada).
- Química – a química das plantas e da água. Água salgada ou não.

METODOLOGIA

Quem? Alunos, professores e guias.

Onde? Cataratas, biblioteca e até mesmo no colégio.

Quando?

- Visitas a biblioteca, pesquisando todo o material possível sobre as cataratas, e transmitir as ideias do projeto de forma que todos entendam, organizando assim todo o material de estudo.
- Visita as cataratas, analisando pelo menos metade das matérias impostas ao projeto, utilizando todo o tempo possível. Reservando o guia exclusivo para o estudo em geral.
- Já na Segunda visita as cataratas com um palestrante (Biólogo) para melhores explicações sobre o meio ambiente.
- Organizar uma palestra em sala com apresentações de vídeos, fotos para melhores explicações.
- Cobrindo assim todas as matérias do projeto e um debate em sala para saber a opinião de cada aluno sobre a realização do projeto.
- Isto levará mais ou menos uns 4 meses de duração.
- Como? Pesquisando e analisando o local (fotos, vídeos e etc.)

21.19 Foz do Iguaçu e o Turismo

OBJETIVO GERAL – Conhecer melhor a cidade onde moramos, na qual temos poucas informações e trazer uma melhor informação a nível comunitário.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Português – Literatura, palestras

Matemática – Cálculo do número de habitantes por m², quantidade de hotéis, número de pontos turísticos.

Física – energia produzida pela hidrelétrica de Itaipu.

Geografia – relevo, clima, umidade relativa do ar.

História – cultura, lenda das cataratas

Biologia – estudo da fauna e flora da região

Química – as químicas usadas no tratamento de água (ETA) Estação de Tratamento de Água.

MEDODOLOGIA – Pesquisar, buscar melhores informações sobre o turismo de Foz do Iguaçu. Quando foi

fundada os primeiros colonizadores, os pontos turísticos e gastronomia e o que temos de opções de lazer para a população nativa.

LOCAL ONDE SERÃO REALIZADAS – As etapas do projeto serão realizadas em um auditório, com o apoio da Foztur, palestrantes e grandes profissionais da área de turismo em Foz do Iguaçu.

CRONOGRAMA DO PROJETO – Precisamos no mínimo de 3 meses, para pesquisarmos sobre a cidade de Foz do Iguaçu, o que é turismo, atrações turísticas de Foz do Iguaçu, a lenda das cataratas, o parque nacional, a importância do turismo para nossa cidade e região.

ESTRATÉGIA – Com a ajuda de palestrantes da Foztur e apoio da prefeitura.

CUSTO DO PROJETO – A princípio não temos custos. Pretendemos promover eventos e conseguir doações de materiais para nossa pesquisa para apresentarmos um projeto receptivo.

21.20 Drogas

TEMA – O uso das drogas

JUSTIFICATIVA – Queremos passar para os jovens que droga não leva a lugar algum. E o fim de seu usuário e a morte.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Português – Comunicação, vídeos, palestras, fotos.

História – A droga já existia desde a pré-história.

Geografia – Colômbia é o país que produz drogas.

Química – Estudar os produtos Químicos existentes na droga.

Biologia – As drogas prejudicam as células do corpo, diminui sua imunidade, extermina os neurônios.

Matemática – Número de drogados.

METODOLOGIA – O grupo foi nas casas de recuperação.

- Quem? (responsável por cada etapa do projeto).
- Os professores e alunos.
- Onde? (local onde serão realizados as etapas do projeto).
- Na sala de aula, na sala de vídeo.
- Quando? (programa das etapas).
- 2 meses.
- Fazer através de entrevista com pessoas que usam drogas.
- Quanto? (o custo do projeto)
- Mínimo possível.

TÍTULO XXII

ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO

22.1 Estágio Não Obrigatório

De acordo com as leis; Lei 6494/77 e Decreto 87497 e Lei 11788/08, o estudante do Ensino Médio, a Instituição de Ensino e a Unidade de Condscendente do Estagio celebram um acordo de Cooperação que tem por objetivo formalizar as condições básicas para a realização de Estagio pelo estudante.

A Instituição de Ensino devera cumprir as responsabilidades fixadas na clausula 4 do Termo de Convenio e observar o disposto no parágrafo 2, artigo 1º da Lei acima citada.

Os alunos do Ensino Médio em estagio remunerado serão acompanhados através de Fichas de Avaliação semestral enviadas pelas empresas em que estão atuando.

O grande desafio e conscientizar-se de que a responsabilidade social não e modismo nem de poucos, mas de todos e exige uma mudança de paradigmas culturais.

Em conformidade com a Lei no 11.788/08, a Deliberação 02/2009 do CEE e a instrução 028/10, que trata das normas e orienta a organização e a realização de Estagio obrigatório e não obrigatório dos estudantes do Ensino Médio.

O Estagio Curricular não obrigatório, constitui-se em atividade complementar a formação acadêmico e/ou profissional realizada por opção do educando e ainda que tenha por objetivo a preparação para o trabalho, deve articular-se para a formação da pessoa humana, com a valorização para o mundo do

trabalho, voltado para uma educação comprometida com a formação humana, que entende o homem como ser concreto, social e histórico e que não está a serviço de interesses de grupos privilegiados, da elite, e sim na busca da emancipação dos filhos da classe trabalhadora, num processo dialético, preocupada com o desenvolvimento humano e na busca de uma sociedade com desejo de mudança social e mudança da ideologia imposta, assim conseqüentemente na garantia de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para que o Estágio Curricular não obrigatório possibilite ao educando a conquista de sua emancipação socioeconômica e política através da aquisição de conhecimentos que permitam a atuação do educando no mundo do trabalho, a formação do sujeito deve ser contemplada pelas diferentes disciplinas que favoreçam a aquisição pelo aluno de subsídios teóricos historicamente construídos que possam ser integrados a prática do Estágio e permitam a utilização do estágio para além da escola, para a formação integral do sujeito.

22.2 Formação Continuada

Com o advento de novas concepções de aprendizagens a necessidade de ligação de conhecimento científico com os problemas da sociedade, do cotidiano e o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias da comunicação e informação, é necessário colocar a auto-informação contínua como requisito da profissão. Por que o exercício do trabalho docente requer, além de uma sólida cultura geral, um esforço contínuo de atualização científica na sua disciplina e em campos de outras áreas relacionadas, bem como incorporações das inovações tecnológicas.

Nos últimos anos a educação vem ganhando importância cada vez maior. Com isso, os professores não podem continuar atuando como transmissores de conhecimento. O papel do docente será o de desenvolver a criatividade dos alunos, além de torná-los autônomos na busca e na utilização do conhecimento.

Para que o professor possa desenvolver competência e exercer esse papel precisa estar constantemente se atualizando, acompanhando as mudanças da sociedade. Entendo o objetivo da formação continuada para haver qualidade no processo de ensino/aprendizagem o Colégio Betta procura capacitar seus

profissionais por meio da promoção de cursos, palestras, reuniões pedagógicas e trocas de experiência entre os pares.

22.3 Avaliação do PPP

O acompanhamento da execução da Proposta Pedagógica será realizado com o apoio de todos os indivíduos envolvidos direta ou indiretamente no processo de ensino-aprendizagem: equipe escolar, alunos membros do Conselho Escolar, da Associação de Pais e Mestres e demais representantes da comunidade que tenha como finalidade, um ensino de qualidade capaz de formar cidadãos que interfiram criticamente na realidade e seja capaz de transformá-la.

A avaliação será feita através de comparações, interpretações, análises, aplicações, etc..., de forma que as ações propostas sejam realizadas de uma maneira mais construtiva. Os participantes da avaliação, se reunirão à cada três meses ou quando se tornar necessário. A avaliação tem como objetivo acompanhar a evolução do desenvolvimento dos trabalhos e dos diversos fatores incidentes na qualidade e na efetividade do ensino ministrado pelos professores, possibilitando a continuidade ou implementação de ações planejadas.

TÍTULO XXIII

REFERÊNCIAS E ANEXOS

23.1 Referências

ARIES, Philippe et Duby, Georges. *Historia Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara 2º ed. 1981.

ARIES, Philippe. *Historia da Vida Privada 3 – Da Renascença ao Século das luzes*. São Paulo. Ed. Companhia de Letras. 1991.

ARISTÓTELES. *A política*. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/viw_identificacao/lei%209.394-1996?opendocument>. Acesso em: 04 novembro 2014.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 13ªed. São Paulo Editora Brasiliense Coleção Primeiro Passos 1997.

BRASIL. *Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm, Acesso em: 18/06/2015

CHAUI, M. *Convite a Filosofia*. 9. ed. São Paulo: Ática. 1997.

COLOMBO, Irineu Mario. *Educação Básica: Perguntas e Respostas Sobre a Legislação e a Atividade Docente*; Curitiba: Reproset Editora Gráfica, 2004.

DALBEN, Ângela Imaculada de Freitas. *Trabalho Escolar e Conselho de Classe*. Campinas: Papyrus, 1992.

DELIBERACAO No 02/03. Altera o Art. 12 da Deliberação 03/06 do Conselho Estadual de Educação sobre o Ensino Fundamental de Nove Anos.

DEMO Pedro. Educação e qualidade. Campinas, Papirus, 1994.

DEMO, Pedro. Participação e Conquista. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

DICIONÁRIO Labor. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS – Orientações Pedagógicas para os anos Iniciais

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Diário Oficial da Republica Federativa do Brasil, 1990.

FARIA, J. H. *Weber e a sociologia das organizações*. São Paulo: *Revista de Administração*, v. 18, n. 2, p. 23-29, abril-junho, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 5 ed., p. 1. 144.

FERREIRA, Barna Well. Adolescência Hoje Uma abordagem Sociológica. IN *Revista Veritas* no 154. Junho 1994, p. 283-288.

FICA COMIGO/ PARANA. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Assessoria de Relações Interinstitucionais. Curitiba: SEED – PR, 2005

FONTES, R. Criança. *Revista presença pedagógica*, v.11, n.61, p.03-05, jan./fev.2005

França, G. C.; DZIMIRA, S. Economia solidária e dádiva. *Organizações e Sociedade*, Salvador, v. 6, n. 14, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários a pratica educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

GADOTTI, M. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 2004.

GASPARIN, J.L. *Uma didática para a Pedagogia Histórica – Crítica*. 2.ed.Campinas: Autores Associados, 2003.

GARCIA, Walter. A alegria melancólica de João Gilberto, a agressividade lúcida do Racionais MC's: canção popular e experiência social no Brasil. In: Cláudia Neiva de Matos; Fernanda Teixeira de Medeiros; Leonardo Davino de Oliveira. (Org.). *Palavra cantada: estudos transdisciplinares*. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, v. , p. 321-338.

GARCIA, Walter. ; Rap. In: Leonardo Avritzer; Newton Bignotto; Fernando Filgueiras; Juarez Guimarães; Heloísa Maria Murgel Starling. (Org.). *Dimensões políticas da justiça*. 1ed.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, v. , p. 637-646.

HEYWOOD, Colin. *Uma História da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004

INSTRUCAO No 07/2011 da Superintendência de Educação e Secretaria de Estado da Educação, que das atribuições aos professores de Sala de Apoio a Aprendizagem do Ensino Fundamental de Nove Anos da Rede Pública Estadual de Educação e outras providencias.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KUENZER, A.Z. *Conhecimento e Competências no trabalho e na escola*. Disponível em WWW.senac.br/informativo/bts/282/boltec/282a/htm, acesso em 28/09/2015.

LAVILLE, J-L. *Une troisième voie pour le travail*. Paris : Desclée de Brouwer, 1999.

LUCK, Heloisa. Ação Integrada Administração, Supervisão e Orientação. São Paulo: Vozes, 2004.

LUCKESI, Cipriano. Avaliação para Além do Autoritarismo. In: Revista da Educação AEC, Brasília, 1986.

Nagel, Ernest & Newman, J. R. [1956]. "*Gödel's Proof*", *the world of mathematics*. New York: Simon e Schuster, 1956.

PARANA. CEE. Indicação no01/06. Normas para a implantação do ensino fundamental de nove anos de duração no sistema de ensino do Estado do Paraná.

RESOLUCAO No 07 DE 14/12/2010 do Conselho Estadual de Educação que fixa diretrizes curriculares nacionais do Ensino Fundamental de Nove Anos.

RIOS, Terezinha. "Significado e pressupostos do projeto pedagógico". In: Serie Ideias. São Paulo, FTD, 1982.

SACRISTAN, G. Compreender e Transformar o Ensino. ARTMED: Porto Alegre, 2008.

SACRISTAN, J. Gimeno e Gomez, A. I. Perez. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise pratica? Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Maria Lucia. A Livre Expressão no Aprendizado da Língua Portuguesa: Pedagogia Freinet. São Paulo: Scipionne, 1993.

SARMENTO, Manoel. A Globalização e a Infância: impactos na condição social e na escolarização. In: GARCIA, Regina Leite & LEITE Aristeo Filho (orgs.). Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DPEA, 2001, P. 13 – 28.

SOUZA, Ângelo Ricardo de Souza...[et al.]. Gestão e avaliação da educação escolar. Universidade Federal do Paraná, Pro - Reitoria de Graduação e Ensino profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - Curitiba: Ed. da UFPR. 2005.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização. Sao Paulo: Cortez, 1995.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. Ética. 17. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997

VEIGA, I. P. A. (Org.) Projeto politico-pedagogico da escola: uma construção possível. 23. ed.Campinas: Papyrus, 2001.

VEIGA, Ilma Passos. Projeto Político da Escola: Uma Construção Possível; Campinas: Papyrus,1995.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e Linguagem; tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica Jose Cipola Neto. Sao Paulo: Martins Fontes, 2003.

O capítulo que trata do ensino religioso sugiro que retire,caso contrário, faz-se necessário aparecer todas as disciplinas das várias etapas da educação básica.Obrigada.

24.2 Calendário Escolar 2015

| Janeiro/2015 | | | | | | |
|--------------------------------|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |
| 1 – Confraternização Universal | | | | | | |

| Fevereiro/2015 | | | | | | |
|----------------|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9* | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 17 - Carnaval | | | | | | |

| Março/2015 | | | | | | |
|------------|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | 31 | | | | |

| Abril/2015 | | | | | | |
|---|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | | |
| 3 – Paixão / 5 – Páscoa / 21 - Tiradentes | | | | | | |

| Maio/2015 | | | | | | |
|---------------------|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | | | | 1 | 2 |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24/31 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 1 – Dia do Trabalho | | | | | | |

| Junho/2015 | | | | | | |
|--------------------|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 28 | 29 | 30 | | | | |
| 4 – Corpus Christi | | | | | | |

| Julho/2015 | | | | | | |
|------------|-----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | | 1 | 2 | 3* | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20* | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |

| Agosto/2015 | | | | | | |
|-------------|-------|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | | | | 1 | |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23/30 | 24/31 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |









| Setembro/2015 | | | | | | |
|-----------------------------|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | | | |
| 7 – Independência do Brasil | | | | | | |

| Outubro/2015 | | | | | | |
|---|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |
| 12 – Nossa Sr.ª Aparecida 13 – Recesso/Dia do Professor/Auxiliar | | | | | | |

| Novembro/2015 | | | | | | |
|--|----|----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | | | | | |
| 2 – Finados 15 – Proclamação da República | | | | | | |

| Dezembro/2015 | | | | | | |
|---------------|----|-----|----|----|----|----|
| D | S | T | Q | Q | S | S |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15* | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |
| 25 – Natal | | | | | | |

5)

| Legenda | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|--------------------------|---|-------------------|---|----------------------|---|--------------------|---|----------------------|---|---------------------|---|-------------------|---|--|
|  | Início do período letivo |  | Recesso de alunos |  | Atividade Pedagógica |  | * Início das aulas |  | Feriado ou dia Santo |  | * Término das aulas |  | Recesso de alunos |  | Antecipação do Recesso/Dia do Professor e Auxiliar |

| Dias Letivos | Jan. | Fev. | Mar. | Abr. | Mai. | Jun. | 1.º sem. | Jul. | Ago. | Set. | Out. | Nov. | Dez. | 2.º sem. | Total * |
|--------------|------|------|------|------|------|------|----------|------|------|------|------|------|------|----------|---------|
| | Q | 19 | 22 | 20 | 20 | 18 | 99 | 13 | 21 | 21 | 20 | 20 | 11 | 106 | 205 |